

AUTORES & LIVROS

SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHA"

publicado semanalmente, sob a direção de Múcio Leão (Da Academia Brasileira de Letras)

23/11/941

Num. 15

O mais harmonioso dos poetas

Numa geração irreverente Raul de Leoni se manteve fiel à ordem, à simplicidade, ao classicismo. A "Luz Mediterrânea", publicada em 1922, trai essa alma enbragada de todos os vinhos gregos e italianos, traduz essa sensibilidade apaixonada pelos requintes do mundo antigo, enamorado da Florença pecadora e mística dos papas, da Alexandria sutil dos sofistas.

Se fossem uteis as definições, poderíamos dizer que Raul de Leoni é um espírito antigo numa sensibilidade contemporânea.

Ele amava longamente a vida, a suave e miserável poesia da vida. E deslumbrava-se com todos os milagres do mundo de hoje.

Mas isso sem abjurar dos seus entusiasmos pelos séculos mortos.

Havia, nesse espírito, certo misticismo; e havia, também, certo gosto pela blasfêmia.

Nos versos que apareceram na segunda edição da "Luz Mediterrânea", com o título de "Poemas inacabados", há trabalhos que traduzem essa feição do espírito de Raul de Leoni. Aliás, já em alguns poemas publicados na primeira edição do livro, ele mostrava certa preocupação irreverente com os problemas religiosos. Ao definir seu espírito, ele o comparou a uma cidade grega — uma cidade que, sorrindo da palavra nazarena, fosse lentamente desaparecendo...

Nos versos novos de que aqui falo, encontro reflexões que revelam o amável ceticismo, a ironia afetuosa e negra, com que Leoni olhava os mistérios e os símbolos da Igreja.

Esse espírito profundamente religioso sonha um cristianismo novo e especial:

Sonho um cristianismo singular
Cheio de amor divino e de prazer humano;
O Horto de Mágua sob um céu virgíliano,
A beatitude com mais luz e com mais ar...

Um pequeno mosteiro em meio de um pomar,
Entre loureiros-rosa e vinhas de todo o ano,
Num misticismo lírico, a sonhar,
Na orla florida e azul de um lago italiano.

Um cristianismo sem renúncia e sem martírios,
Sem a pureza melancólica dos lírios,
Temperado na graça natural...

Cristianismo de bom humor, que não existe,
Onde a Tristeza fosse um pecado venial,
Onde a Virtude não precisasse ser triste...

Eis um belo ideal religioso: uma crença temperada de epicurismo, com certa volúpia horaciana em seus dogmas.

Seria um cristianismo pagão. E tiraria da Igreja a sua grande beleza sublime e sombria. Tiraria aqueles ascetas, antigos ou medievais, que semecaram as lendas e as superstições; tiraria aquela doce Maria Egípcíaca, que viveu no deserto alimentada por pássaros negros; tiraria aquele bom S. Tiago, chamado o *Irmão do Senhor*, que, de tanto ajoelhar-se, já não sabia por-se em pé; e, sobretudo, tiraria a mais bela das lendas da terra — a lenda de Francisco de Assis, desse monge sensual e termo que, em sua exaltação piedosa, tratava como iguais as feras e as

andorinhas, e que, até no último momento da vida, ainda abraçava a morte, chamando-lhe docemente *minha irmã*...

Voluptuoso e pecador, amando o instinto que considerava "a lógica fatal das coisas", desdenhando as cismas graves dos ascetas, esse irmão de D'Annunzio, esse espírito gentilíssimo, só odeia sinceramente as almas monótonas, frias e indiferentes:

Almas desoladoramente frias
De uma aridez tristíssima de areia,
Nelas não vingam essas suaves poesias
Que a alma das coisas, ao passar, senteia...

Desesperadoramente estereis e sombrias
Onde passam (triste aura que as rodeia!)
Deixam uma atmosfera amarga, cheia
De desencantos e melancolias...

Nessa árida rudeza de rochedo,
Mesmo fazendo o bem, sua mão é pesada,
Sua própria virtude mete medo...

Como são tristes essas vidas sem amor,
Essas sombras que nunca amaram nada,
Essas almas que nunca deram flor...

Há uma sinceridade profunda na filosofia de Raul de Leoni. Esse homem era feito de entusiasmo e de arrebatamentos. Satirizava os mediocres, os tolos e os ridículos. Em certos de seus sonetos transparecem cóleras vingadoras. Sob um símbolo medido, ele traduz as irritações que o animam. Quem nos dirá que os sorrisos maliciosos, que transparecem em alguns sonetos da "Luz Mediterrânea", não tenham sido inspirados por certo escritor reboativo que Leoni batizou de *chamfleur do Absoluto*?

Não conheço a história do pensamento de Raul de Leoni. Seria curioso, entretanto, que um dos amigos do poeta narrasse um pouco dessa história. Então, algumas intenções que há no livro nos haviam de parecer mais compreensíveis.

Saudéi outrora, com entusiasmo, o aparecimento de sua coleção de versos tão altos e deliciosos. Agora, quero apenas dizer que reputo Raul de Leoni um dos espíritos mais lógicos, mais claros, mais extensos da literatura brasileira. Esse poeta, que pretendeu ficar fiel à tradição, esse poeta foi um incomparável criador de ritmos e teve um espírito singularmente novo. Isso explica uma observação do sr. Rodrigo de Andrade, no magnífico prefácio da segunda edição da *Luz Mediterrânea*, segundo a qual Raul de Leoni é amado pelas duas correntes adversas da nossa literatura, a corrente tradicionalista e a modernista.

Não é fácil sondar o que as gerações futuras hão de pensar sobre os escritores e os poetas de hoje.

Entretanto, por mais tímidos que sejamos no campo das pitonisas, é fácil prevermos que Raul de Leoni há de ter um lugar inteiramente seu, entre os poetas brasileiros de todos os tempos.

Ele será o príncipe do ritmo, o pagão exaltado pela beleza e a graça das coisas — o mais harmonioso dos nossos poetas, em suma.



UM RETRATO DE RAUL DE LEONI

SUMÁRIO

PAGINA 297:	de Andrade
— O mais harmonioso dos poetas, de Múcio Leão	— Noturno, de Raul de Leoni
— Sumário	— Aurora e crepúsculo das povas, de Raul de Leoni
PAGINA 298:	PAGINA 300:
— Raul de Leoni e sua "Luz Mediterrânea", de Medeiros e Albuquerque.	— Duas histórias, poema inédito, Faustino, de Raul de Leoni
— A revista suprema, de Tristão de Alameda	PAGINA 311:
PAGINA 299:	— Raul de Leoni, de Nêstor Victor
— Marinetti, de Raul de Leoni	PAGINA 312:
— Um inédito — Ciganos, de Raul de Leoni	— Outras poesias de Raul de Leoni
PAGINAS 300-301:	— A poesia metafísica de Raul de Leoni, de Ronald de Carvalho
— A poesia de Raul de Leoni, uma coleção de trabalhos de Luz Mediterrânea	— Heterodoxia da Academia
PAGINA 302:	PAGINA 313:
— A luz crepuscular mediterrânea, de Azevedo Amaral	— Páginas de Raimundo Correia, (vários trabalhos)
PAGINA 303:	PAGINA 314:
— Anatole France em pantoufes, de Raul de Leoni	— Gotche, de Marques Rebelo
— A morte de Raul de Leoni, de Gonzalo Jorge	— Metodologia do Latim, de Serafim Silva Neto
PAGINA 304:	— Uma carta de Alberto de Oliveira a Raul de Leoni
— "Bemcedor de Harmonia e de Beleza", Os inéditos de Raul de Leoni, de Arripino Grieco	PAGINA 315:
— A vida de Raul de Leoni	— Fala de Deus e do circo, de Cecília Meireles
— Explicação de "Autores e Livros"	— A vida e de cabeça baixa, de Álvaro Morcyra
PAGINA 305:	PAGINA 316:
— Fragmentos de Raul de Leoni	— O negro tomou parte no handchess, de Camilino Ricardo, (da Academia Brasileira)
— Fênix... de Maria Eugênia Colbo	PAGINA 317:
— Os grandes versos de Raul de Leoni, de Ribeiro Couto	— Frederica, Ulrika, Marília, de Benedito Feder
— A rua Raul de Leoni, em Petrópolis	— Vamos embora, Maria L. Assommo Ferreira
PAGINA 306:	PAGINA 318:
— Vida que passa... de Rosalina Coelho Lisboa	— Notas bibliográficas
— O Crescente e a Cruz, de Raul de Leoni	— Oficina, cidade intelectual, de Gilberto Freyre
PAGINA 307:	— O poeta, de José Lima do Rego
— Leoni, de Benjamim Cristóvão	PAGINA 319:
— Luz Mediterrânea, de Cláudio Gama	— "Palmas Inexistentes", de João Alencastro
— Canção de todos, de Raul de Leoni	— Uma viagem de Murilo Mendonça, (com ilustração de Arped Soares)
PAGINA 308:	PAGINA 320:
— Prefácio à 2ª edição da "Luz Mediterrânea", de Rodrigo M. F.	— Galeria de nomes brasileiros
	— Vozes amorosas e estímulos espirituais, de Clementino Fraga, (da Academia Brasileira)

RAUL DE LEONI E SUA "LUZ A IROНИЯ SUPREMA -- Tristão de Mediterrânea" - Medeiros e Albuquerque

O livro, que agora se publica, embora tenha o nome de outro anteriormente aparecido, não é uma simples segunda edição. Há nele a fusão de dois trabalhos anteriormente publicados, e o acréscimo de várias poesias, a que deram muito justamente o nome de "poemas incabados", não porque estejam incompletos, mas porque ninguém sabe que modificações lhes faria o poeta, se tivesse todo tempo de polí-las e repolí-las.

Na poesia brasileira dos últimos dez anos, houve duas épocas brilhantes, dois aparecimentos brancos de moços, que surgiam desde o primeiro momento como grandes afirmações de talento, de valor, de talento incontestável: um foi Primo Kelly, o outro Raul de Leoni.

Ambo saíram da estrada comum. Ambo se revearam intensamente polimorfos. O livro de Leoni deixou apenas o livro que agora reaparece, porque a política começava a ser possível, quando a morte o levou. Ele serviu como secretário de Nilo Peganha, quando este preparava a sua famosa exposição de propaganda ao Norte e sabe-se que a ele muito tiveram os discursos que aqui o chefe político pronunciou. Talvez se possa dizer que não o que houve de aproveitável e sólido foi do talento lúcido do jovem secretário. Sobre isso Nilo Peganha pôs a forma de um palavrão, muitas vezes enfática.

O sr. Rodrigo M. de Andrade, que prefaciou a "Luz Mediterrânea", apontou muito bem as diversas características de Raul de Leoni; o seu grande amor às línguas, as suas analogias com André de Quental. Podia ter acrescentado o nome de um velho poeta português muito conhecido: Narciso de Lencóia, o autor da "Poesia do Mistério". Raul de Leoni é essencialmente um poeta intelectualista.

É um evidentemente os poemas exprimem sempre ideias. Mas para quase todos o grande prazer consiste na expressão do sentimento; o que lhes interessa acima de tudo está na palavra, nas emoções diversas. Raul de Leoni não era assim. Como Antero, e foi dos que gostam de exprimir ideias abstratas, de ter um modo filosófico de encarar a vida. Mas a ideia não se lhe afigurava uma coisa árida, um simples mecanismo cerebral.

Num soneto, que, por embebiado na filosofia de Platão, chamou "Platônico", diz:

As ideias são seres superiores —
— climas recônditos de sensíveis —
— abissos de intuições fugitivas,
de escrúpulos, inclinações e padores.

— Há alguns pensamentos, que lhe causam certa obsessão. Um deles é o do eterno reconhecimento das coisas. Assim, por exemplo, falando das crianças:

"Eu tenho tanta pena das crianças!
Eles são todo o mundo a começar
para as mesmas incertas inutilidades,
para o mesmo mistério das encruilhadas,
para toda a Humanidade que renasce,
para, simples e maravilhada,
como a primeira vez que apareceu."

Mais adiante, insiste em outra poesia:

Desto do eterno giro universal
das coisas, tudo vai e volta à alma
da gente.

E por isso mesmo várias vezes afirma que cada um de nós já viveu tanto, que em resumo de tudo:

"Queres saber minha história?
Não temo a minha...
Não temo, não temo fundei
é a senda da Humanidade,
é a própria história do Mundo..."

Um soneto, que me parece

admirável, é o que se chama "Confusão":

Alma estranha esta que abriço,
esta que o Acaso me deu,
tem tantas almas connosco,
que eu nem sei bem quem sou eu.

Jamais na Vida consigo
ter de mim o que é só meu;
para suprir o castigo,
eu sou meu próprio Procu.

De instante a instante, a me olhar,
ainda, assim pensar profundo,
a almas a mudar... a modular...

Parece que então, então,
todas as almas do Mundo,
iludindo dentro de mim...

— Tratando da Felicidade, velho tema, tão explorado em poesia, ele o representa de um modo novo. Vicente de Carvalho, em um soneto maravilhoso, declarou amargamente que a Felicidade tinha por característica estar onde não a procurávamos e não se achar onde a buscávamos. Raul de Leoni lembrou que o essencial é não pensarmos na nossa felicidade. Nós só chegamos a ser felizes, quando não damos por isso. Só depois, por contraste com alguma dor, é que analisamos o caso:

Basta saberes que és feliz, e então
já a dor se a verdade muito menos;
na Aveve amarga da Meditação,
a sombra é triste e os frutos tem
venenos.

Se és feliz e o não sabes, tens na
luz o maior bem entre os mais bons ter-
renos
e chegaste à suprema aspiração,
que deslumbras os filósofos sérios

Felicidade... Sombra que só vejo,
luz do Pensamento e do Desejo,
sustentando harmonias e sorrindo
nessa tranquilidade distraída,
que as almas simples sentem não
sem mesmo perceber que estão son-
tando...

Os grandes filósofos pessimistas sempre afirmaram isso. Schopenhauer o repetiu de vários modos. Para ele a dor é uma realidade tangível e positiva, no passo que a alegria é apenas um estado negativo, a falta da dor. Mas, de qualquer modo, a felicidade que a si mesmo se analisa, é menos feliz do que a felicidade que nasce desprevenida e de que só depois nos lembramos, dizendo: "Como era bom aquilo mesmo!"

Falando da "Luz Mediterrânea" tem este soneto, de um leve, mas sentido amargor:

Nunca mais me esqueças... Poeta
e em meu velho outonal ao outono
francês,
phantom, com a minha mão incerta e
luzerna,
uma linda amendoada adolescente.

Era a mais rápida e intensa espe-
rança,
Creveu... creveu... e, aos poucos,
fundamente,
pendeu os ramos sobre um muro em
frente
e foi frutificar na vizinhança...

Dai por diante, pela vida inteira,
todas as grandes árvores que em
luzerna
terras, num sonho esplêndido semeio.

como aquela magnífica amendoada
reflorecessem nas árvores vizinhas
e vão dar frutos no pomar abito...

O tema da Ingratidão o preocupa, porque mais adiante volta a ele:

"Escolta: pelo bem que tu fizeres,
espera todo o mal que não fazises!
Esp. é a mais triste das filosofias,
que aprendi entre os homens e as
mulheres."

— Suave, melgo, sem nenhum
impeto extremo de raivar pela
vida, ele a vê passar. — essa
vida, que para ele e seria tão breve,
— sem dela esperar coisa alguma:

E a Vida... cêntrica e vana;
um adiantamento eterno que se espera,
numa eterna esperança que se adia...

Raul de Leoni deixou no Pórtico de seu livro um bom autorretrato. Pintou-se com ver-

Alma de origem Atica, pagã,
nascida sob aquele firmamento
que autou as divinas epopéias,
sou irmão de Epiuro e de Hesíodo,
tenho o prazer sutil do pensamento
e a serena elegância das ideias...

Para todo o mundo, e muito especialmente para aqueles que ainda acreditam na inteligência, a morte de Raul de Leoni fechou talvez um dos caminhos de nossa poesia-moderna. Pois ele foi realmente um grande poeta, um grande poeta próprio, capaz de abrir estradas. Nada seria mais curioso do que ver como se comportaria Raul de Leoni em face do movimento poético atual. Pois há na sua poesia uma absoluta atualidade. E como ele era, de si próprio, uma inteligência extremamente viva e criadora, seria forçoso que a sua criação em face das inclinações atuais criasse qualquer coisa de novo e de seu, que nem fosse o que ele nos deixou, nem o que hoje temos. Seria, estou certo, um caminho à parte. Onde houvesse qualquer coisa de valeroso, de jogos puros do espírito. Pois ele foi o poeta menos nacional, que é possível ser, menos influenciado pela terra ou pela nossa atual mistura de raças e de sentimentos. Sua poesia é puramente aristocrática. Poesia de gigante entre anos, como ele tanto gostava de dizer. Poesia de absoluto anti-barbarismo. De absoluto anti-tropicalismo. De puro anti-mesticismo. Poesia de completo desdém pelo meio, de inteira despreocupação pelo "caráter", pela busca de expressão coletiva, pelo sentimento da responsabilidade histórica ou nacional em suas criações literárias. Fez versos como um puro abarbitra da inteligência. K com um sentimento intenso e lírico de que fechava uma porta, de que se despedia de um estado de que ele louvava. Não ligava a mínima à América. Puro Pouco se lhe dava de ser in-

Alma de origem Atica, pagã,
nascida sob aquele firmamento
que autou as divinas epopéias,
sou irmão de Epiuro e de Hesíodo,
tenho o prazer sutil do pensamento
e a serena elegância das ideias.

Escritos hoje, esses versos seriam inconcebíveis. Ou pelo menos de um subjetivismo tão desdenhoso que morreriam por si mesmos. Ele bem sentia, aliás, que estava apenas louvando, por "panache" e por aquela sedução imensa que sempre nos prendeu a nós brasileiros, nos jogos da inteligência pura e que aliás não devemos nunca deixar morrer em nós sobretudo neste momento em que o utilitarismo da inteligência cada vez mais se apodera do mundo e pretende molhar todo o nosso espírito, — que estava apenas louvando, digo, um passado que fugia, uma civilização em plena decadência, um estado de espírito morto.

Reverendo-se num século submerso,
Meu pensamento, sempre muito humano
e a minha sombra arde e bracha
pasta na luz universal das horas,
cubendo as flores do destino humano
nas jardins atencidas da Tristão...

Mas a verdadeira pintura que de si mesmo fez foi na "Ode a um Poeta Morto" — Olavo Bilac. Dizia-lhe magnificamente:

Semeador de harmonia e de beleza
que num glorioso túmulo apoucas
tuas almas foi um cívico diverso,
cheio de eterna musca das coisas
uma voz superior da Natureza
e uma ideia honora do Universo!

Onde passaste, ao longo das estradas,
linhas de tonagens rutilas e vivas,
em filigrana.

Foram tecendo, como o-nhar das fadas,
mas mais sobre e belas perspectivas,
o panorama dos ideais da Terra
e a endulante passagem da alma
humana.

Toda a emoção, que anda nas coisas,
(fala),
nos seus diversos tons e reflexos e
(corre),
pela tua palavra lírica de poeta,
falta de rações e suas leituras
desde a vida sutil da borboleta
à alma leve das águas e das flores
à exaltação do Sol e no sonho das
leituras;
toda a sensibilidade espanta do Pla-
neta.

E acabava:

Identificaste a Espécula, na nobreza
das grandes concepções de Harmonia e
(Beleza);
disseste a Glória de viver, e agora,
o teu eco a cantar pelos tempos em
(Terra)
dás aos homens que o melhor destino,
que o sentido da Vida e o seu arcano,
é a imensa aspiração de ser divino,
no supremo prazer de ser humano!

Dele também tudo isso merece ser dito. Foi um grande, foi uma extraordinária perda para as letras brasileiras a desse moço — morto tão moço, em plena floração de um magnífico talento.

22-7-1928.

tregado no seu tempo, na sua raça, no seu meio. Ia alegremente só pelo seu caminho. Sorrindo de viver e sorrindo, sobretudo, sarcasticamente por vezes, do que ele via em torno de si.

Foi, aliás, intensamente do seu momento literário. E é por isso que seria tão curioso vê-lo hoje entre nós, quando forse forjado a sentir a tragédia real da vida, a necessidade dolorosa de quebrar o seu sonho de imparcialidade ou de manter-se nele heroicamente. No seu tempo, com o seu tempo, ele foi o mais admirável dos cultores de si mesmo, de sua vida como obra de arte, de sua poesia como momento extremo de uma beleza perdida, de um pensamento decadente, de uma página de história que ele estava vendo ser virada lentamente pela mão do destino. E quis lançar então um último adeus a essa linda página querida. E o fez com acentos inesquecíveis, que ecoam até o fundo do coração daqueles que viveram, como ele, esse momento último de despreocupação e de ironia.

Alma de origem Atica, pagã,
nascida sob aquele firmamento
que autou as divinas epopéias,
sou irmão de Epiuro e de Hesíodo,
tenho o prazer sutil do pensamento
e a serena elegância das ideias.

Não é possível exprimir melhor o que foi o estado de espírito de toda uma geração ao entrar na vida. Pois não havia em nós a dúvida da verdade, mas a certeza do ceticismo integral. O que é interessante oposto da consciência do que não somos nada... Pois o ceticismo, não parecendo, dá-se seja a mais orgulhosa das altitudes humanas.

Raul de Leoni foi assim a voz talvez mais autorizada de todo um estado de espírito coletivo, quando a nossa literatura parecia isolar-se inteiramente, tornar-se incommunicável a grande massa e a grande realidade brasileira. Ele dizia, por nós todos, a despedida humilhosa a um mundo que desaparecia no horizonte. Mas foi o incomparável intérprete dos nossos adeuses a Egipto. E lá preparar-se para morrer, quando veio a morte. Foi talvez a ironia suprema de sua vida de ironista.

16-2-1928.

Quanta razão tem aqueles que nos chamam de geração sacrificada! Lidos por um poeta de hoje de 18 ou 20 anos, da geração novíssima, portanto (quando eu tinha 20 anos, chamava de novíssimos os de 15, pois já me julgava de uma geração "vívida...") imagino que esses versos não despertam nada, senão o sorriso por qualquer coisa de absolutamente antitropicaliano. Pois quem acompanha de perto o estado de espírito das gerações sucessivas, bem sabe que nunca houve uma cesura tão integral entre gerações como agora, e que nós de 35 somos criaturas positivamente maturacionais (pois se já vivíamos e pensávamos antes da Guerra e da Revolução!)

Pois bem, o que esses e outros versos de Raul de Leoni despertam em nós é toda a nossa adolescência. E por mais longe que nos sintamos deles, por eles mesmos que podemos medir, exaltante e dolorosamente, os marcos da estrada percorrida, a distância que já nos separa de quem podia escrever serenamente:

Espírito flexível e elegante
Agil, insíper, plácido, offuso
Entre as coisas humanas me con-
duzo.
Como um destre ginasta diletante.

E que fazia a cada momento o elogio do prazer humano, da vida como sensação pura:

Não sofras mais à espera das
Da suprema verdade a aparecer:
A verdade das coisas é o prazer.
Que elas nos possam dar à flor das
horas...

Eu creio, portanto, que nenhum poeta, que nenhum escritor mesmo será mais expressivo da transição entre as últimas ondas do parnasianismo e do simbolismo, que por aqui coexistiram, — e o movimento moderno, do que Raul de Leoni. Todo aquele requinte de civilização, todo aquele absoluto ceticismo, todo aquele jogo de sensações puras, toda aquela desdém pela barba local e aquela sedução pelo

formos os ídolos que governaram a nossa adolescência. E mais do que todos esses, talvez, o sentimento de que tínhamos chegado no fundo da vida, de que tínhamos feito o circuito de todas as ideias e que nada mais sobrava para a nossa curiosidade senão o próprio nada:

Agora, espectador do drama humano,
— Homem, Filho do Bem, Filho do Mal —
Nai de tudo, desci ao fundo amargo
Das ideias, das coisas, das existências.

Nada escapou à minha penetrante
Impresão da Existência. Vivi tudo
Sei de tudo. Conheço a vida e a
Tudo
Sei o que quer dizer uma existência
humana...
O meu sorriso ser já não se curava
Com coisa alguma dentro do
mundo!

Não é possível exprimir melhor o que foi o estado de espírito de toda uma geração ao entrar na vida. Pois não havia em nós a dúvida da verdade, mas a certeza do ceticismo integral. O que é interessante oposto da consciência do que não somos nada... Pois o ceticismo, não parecendo, dá-se seja a mais orgulhosa das altitudes humanas.

Raul de Leoni foi assim a voz talvez mais autorizada de todo um estado de espírito coletivo, quando a nossa literatura parecia isolar-se inteiramente, tornar-se incommunicável a grande massa e a grande realidade brasileira. Ele dizia, por nós todos, a despedida humilhosa a um mundo que desaparecia no horizonte. Mas foi o incomparável intérprete dos nossos adeuses a Egipto. E lá preparar-se para morrer, quando veio a morte. Foi talvez a ironia suprema de sua vida de ironista.



Um retrato de Raul de Leoni do tempo da "Luz Mediterrânea"

MARINETTI --- RAUL DE LEONI

O HOMEM DO SÉCULO XX

O homem do século XX, no quadro da história humana, vai sendo cada vez mais uma coisa profundamente diversa dos seus irmãos de todas as épocas. Do seu próprio vizinho do século XIX, ele já se vai sentindo tão longe quanto de outros homens de idades longínquas. Daqui a pouco, referindo-se a um como a outros, ele não poderá mais dizer: "os meus semelhantes", mas os meus dissimilantes de tal época...

Com efeito, a sua ciência ouvida, e desmedida, abrindo-lhe, a cada instante, novas e empolgantes concepções da matéria universal e da própria vida humana, e, a cada instante, proporcionando-lhe novas e maravilhosas aplicações de uma e outra, está-lhe alterando tão profundamente as condições da vida física e social, que em correspondência se lhe vão também modificando, a fundo os hábitos da vida física, até um ponto imprevisível, onde afinal se aclare e se define toda uma nova e singularíssima mentalidade humana.

Por agora, ainda que se não possa premarcar os rumos nem prever, com exactidão os limites finais dessa profunda e inevitável revolução do espírito humano — corolária da nova compreensão e utilização científica das coisas — já se lhe sente o latejo violento, em toda essa complexa e confusa inquietação, em todo esse descontentamento que abala e sacode o mundo inteiro, em todos os sentidos.

Futurismos, dadalismos, traismos, simultaneísmos, cubismos, etc., etc., não são afinal mais que sinais vagos, parciais, curvos, imprecisos, confusos, inquietos, ansiosos, delirantes, pitorescos, talvez ridículos, mas extremamente expressivos todos, de uma só e mesma coisa, perfeitamente legítima, que é essa formidável agitação do espírito contemporâneo. São um índice desta hora convulsa e trepidante... Insuficientes e incompletos eles se referem, apenas ao aspecto estético do fenómeno que entretanto traz tão largas finalidades humanas, operando sobre

todas as formas da vida, do pensamento e da acção...

Mas nem por se referirem somente ao lado estético, deixam de ensinar o fenómeno total, porque a Arte, sendo o mais alto reflexo, a suprema, expressão das coisas, é o ponto de confluência final de todas as manifestações da vida.

E' nele que a vida deve exprimir-se antes de tudo e sobretudo.

Assim é que no seu aparente absurdo esses sinais desvairados exprimem, de qualquer modo, o sentido da vida contemporânea: a intensidade dinâmica.

A ciência moderna, provocando uma espantosa aceleração de todos os ritmos da vida exterior, criou, logicamente, para o homem uma necessidade de síntese extrema de todos os movimentos e operações do seu mundo psíquico. Obrigado a viver mais depressa, ele teve de sentir, de pensar e de agir mais depressa, e, em consequência, de dar uma expressão mais rápida ao que sente, ao que pensa, ao que faz, ao que vive. Sua arte, para ser uma coisa viva, deverá ser portanto extremamente sintética, intensa, dinâmica, livre, consistindo, quase, em pura sugestão, em que se condense, no recorte de uma imagem, todo um mundo de idéias associadas. Economia de formas; Arte de um homem que não pode perder tempo interior...

A RAZÃO DO ATUAL MOVIMENTO DE REACÇÃO ESTÉTICA

E' aí que não se pode deixar de reconhecer a clara e profunda razão de ser de todo esse largo movimento de reacção estética de que Marinetti se proclamou o grande iniciador: o movimento ainda católico, nebuloso, sem formas precisas, sem direcções exactas, e arbitrariamente rotulado de nomes rebarbativos e diversos, mas que em essência — dispensados os seus ridiculos e extravagancias — e reduzido à sua intenção, é a própria lógica, o proprio espirito da vida nova.

E' o dinamismo contemporâneo.

Marinetti, nesse movimento não é mais do que o Exagero, o exagero indispensável a todas as idéias que vão vencer. Exagerando, ele se reserva o direito

das transigências e concessões finais, para atingir o ponto de mira, a média visada. Sua obra é a caricatura deformada, mas impressiva do fenómeno, e o fragoroso escândalo com que ele a realiza não é mais do que a trovoadá anunciadora das grandes chuvas diluviais que veem levar atmosferas e revitalizar terras mortas.

O engano de muita gente, a começar por ele proprio é supolho a força inicial e condutriz da tremenda revolução libertadora, que traz no bojo a nova formula do Homem sobre o globo. Quando muito, ele terá sido e é o mais audacioso e sincero dos seus arautos. Mas na verdade, essa revolução nasceu e se está operando e desenvolvendo por si mesma, inevitavelmente, fatal como uma lei da natureza.

Dar-se-lhe nomes e chefes é estreitá-la em penosa restrição. Na sua profunda contingência universal, ele não é ninguém, não pertence a ninguém, sobe do fundo das coisas humanas como uma fatalidade.

E' que a ciência, ensinando ao homem uma nova utilização e uma nova sensação das coisas, ensinou-lhe uma ideação nova, uma alma nova, uma nova sensibilidade, um génio novo. Disse já val resultando um espectáculo novo do mundo e do destino humano. E a Arte nova será, apenas, o espelho do espectáculo novo...

Tudo isso é perfeitamente claro e natural.

Mas o que vem até agora comprometendo o fenómeno nas consciências graves e prudentes é a intrusão de um certo sectarismo zoroastriano que o vai desnaturando até o extremo ridiculo.

Espiritos sem densidade, raios, vasos, frivolos e leves, aos quais convem sempre a confusão extrema e a extrema desordem — porque à noite todos os gatos são pardos — não percebendo, vagamente sequer, a séria finalidade humana de movimento e não podendo mesmo compreender o que ha de profundamente inteligente e estratégico, como apostado, nas demasias de Marinetti, supõem que o espirito moderno revoga todas as inspirações do espirito clássico, cortando de vez todos os compromissos com o passa-

do. Veem nele a apologia da extrema licença, da anarquia e do absurdo. Alegram-se a falsa ideia da proscricção da lógica na vida e na arte. Como e como, facil e a "la portée de tous" uma pintura sem geometria — que é a logica das formas — uma música sem harmonia, uma literatura sem proporção, sem lógica, sem nexo, sem nada! E ferve a orgia jogralca! Marinetti, Cocteau, Morand, mal digeridos, vão gerando lamentavelmente descendência de bufões e ariéquinis. A esses histriões de cortejo triunfal de Marinetti, como aos espiritos ingenuos ou medrosos, que não sabem para que lado ficam as coisas, não e de todo inutil advertir que não levem tão no pé da letra a palavra solerte do deslumbrante funâmbulo italiano.

Marinetti não é um louco nem um farçante; é apenas um homem que diz claras verdades em estupidas blagues subversivas. Compreende-se a coisa nos seus justos termos. Quando ele malina o passado, a ordem, a disciplina clássica e a lógica, quer referir-se ao ritmo cansado, à rotina esterilvaletudinária e sonolenta. Porque a Lógica, sendo a própria essência das relações universais, não poudeser banida da vida humana. Longe de ser um mimigo pessoal da lógica, Marinetti encontra nela, exatamente, a sua grande força: o movimento a que ele serve e a revolta da logica da vida nova contra a tirania dos lantasmias... Exagerada, extravagante, mas legitima no fundo.

A GRANDE INDUSTRIA ITALIANA

Reconheça-se a presença de uma humanidade nova, em agitada formação sobre a terra, na hora que passa; compreenda-se, sem favor, a existência de um espirito moderno, filho da nossa civilização electro-mecânica, e, em consequência, justifique-se a verdade de uma nova estética. Entretanto não nos percamos na vertigem dos exageros. Lembremo-nos sempre de que por mais que varíem as condições e as formas da vida a ordem essencial das coisas é inalterável. O homem, por mais diverso que se torne de si mesmo, num mundo sempre diverso, nunca chegará a ser a

negação do sentido eterno da espécie. Haverá sempre um homem novo, mas nunca um outro homem. Em essência, o homem não é passadista, nem futurista, é um triste eternista, sempre adaptado ao presente, no seu destino de grande tragico da dor universal, a passar pela ironia das eternas escuridões...

Agora, um conselho pratico ao luminoso cabotino romano. Se ele é realmente o patriota orgânico, tónico e dinâmico — pai do fascismo, empresário espiritual da Itália nova — não insista na imprudente boutade de aconselhar a destruição dos museus e de toda antiguidade, (Continua na página 239)



RAUL DE LEONI, 11 anos de idade



RAUL DE LEONI, quando fazia o serviço militar

Um inédito de Raul de Leoni CIGANOS -- (1915)

*Já veem os saltimbancos, as dezenas
Levantando a poeira das estradas,
Vem gemendo bizarras cantilenas,
No tumulto das danças agitadas.*

*Vem num rancho fuminto e libertino,
Aímas estranhas, seres erradios,
Que tem na Vida um único destino,
O Destino das uves e dos rios.*

*Tr mundo a mundo é o único programa,
A disciplina única do bando;
O cigano não crê, erra, não ama,
Se sofre, a sua dor chora cantando.*

*Nunca pararam desde que nasceram.
São da Espanha, da Pérsia ou da Tartária?
Eles mesmos não sabem; esqueceram
A sua antiga pátria originária.*

*Quando passam, aldeias, vilareiros
Maldizem suas almas indefesas,
E a alegria que espalham nos caminhos
E talvez um excesso de tristezas...*

*Quando acampam de noite, é no relento,
Que vão sonhar seu Sonho aventureiro;
Seu teto é o véu azul do Firmamento,
Lar? o lar do cigano é o mundo inteiro.*

*As vezes, em vigílias ambulantes,
A noite em fora, entre couceiros dolmatas,
Vão seguindo ao Luar, vão delirantes,
Alados no langor das serenatas.*

*Gemem guzlas e vibram castanholas,
E este ruinar de erantes cavatinas
Lembra coisas das terras espanholas,
Nas saudades das terras levantinas.*

*E, então, seus vultos trechos envolvidos
Em vestes rotas, sórdidas, imundas,
Vão passando por ermos esquecidos,
Como um grupo de sombras vagabundas.*

*Lá veem os saltimbancos, as dezenas,
Levantando a poeira das estradas,
Vem gemendo bizarras cantilenas,
No tumulto das danças agitadas.*

*Povo sem Fé, sem Deus e sem bandeira!
Todos o temem como horrível gente,
Mas ele na existência aventureira,
Ri-se do medo alheio, indiferente.*

*E, livres como o Vento e a Luz volante,
Sob a aparência de Infelicidade,
Realizam, na sua vida errante,
O poema da eterna Liberdade.*

A poesia de Raul de Leoni, numa MEFISTO MAQUIAVÉLICO CREPUSCULAR

Espirito flexível e elegante,
Agil, lascivo, plástico, difuso,
Entre as coisas humanas me conduzo
Como um dextro ginasta diletante.

Comigo mesmo, clínico e confuso
Minha vida é um sofisma espiralante;
Teço lógicas trépegas e abuso
Do equilíbrio na Dívida flutuante.

Balarino dos círculos-viciosos,
Faço jogos subtis de idéias no ar,
Entre saltos brilhantes e mortais,

Com a mesma petulância singular
Dos grandes acrobatas audaciosos
E dos malabaristas de punhais...

CONFUSÃO

Alma estranha esta que ebrigo,
Esta que o Acaso me deu,
Tem tantas almas consigo,
Que eu nem sei bem quem sou eu.

Jamais na Vida consigo
Ter de mim o que é só meu;
Para supremo castigo,
Eu sou meu próprio Protheu.

De instante a instante, a me olho,
Sinto, num pesar profundo,
A alma a mudar... a mudar...

Parece que estão, assim,
Todas as almas do Mundo,
Lutando dentro de mim...

SERENIDADE

Feriram-te, alma simples e ludida,
Sobre os teus lábios doces a desgraça
Aos poucos esvaziou a tua taça
E sorreste sem tregua e sem guarda,

Encantado, à surpresa de quem passa,
Ainda e sempre, conservas para a Vida,
A flor de um idealismo, a ingénua graça
De uma grande inocência distralçada,

A concha azul envolta na cidade
Das algas mas, ferida entre os rochedos,
Rolou nas convulsões do mar profundo;

Mas inda assim, poluída e atormentada,
Ocultando puríssimos segredos,
Guarda o sonho das pérolas no fundo.

PARA A VERTIGEM!

Alma, em teu delirante desatino,
Cris que te moves espontaneamente,
Quando és na Vida um simples volamoinho,
Formado dos encontros da torrente!

Moves-te porque ficas no caminho
Por onde as coisas passam, diariamente:
Não é o Moinho que anda, é a água corrente
Que faz, passando, circular o Moinho...

Por isso, deves sempre conservar-te
Nas confluências do Mundo errante e variado,
Entre forças que vêm de toda parte,

Do contrario, serás, no isolamento,
A espiral, cujo giro imaginário
É apenas a ilusão do Movimento!...

DECADÊNCIA

Afinal, é o costume de viver
Que nos faz ir vivendo para a frente.
Nenhuma outra intenção, mas, simplesmente
O hábito melancólico de ser...

Vai-se vivendo... é o vício de viver...
E se esse vício dá qualquer prazer à gente,
Como todo prazer vicioso é triste e doente,
Porque o Vício é a doença do Prazer...

Vai-se vivendo... vive-se demais,
E um dia chega em que tudo que somos
É apenas a saudade do que fomos...

Vai-se vivendo... e muitas vezes nem sentimos
Que somos sombras, que já não somos mais nada
Do que os sobrecarregados de nós mesmos!...

Há horas em que minha alma sente e pensa,
Num tempo nobre que não mais se avista
Encarnada num príncipe humanista,
Sob o Livro Vermelho de Firenze,

Vejo-a, então, nessa histórica presença,
Harmônica e sutil, sensual e egoísta,
Filha do idealismo epicurista,
Formada na moral da Renascença.

Sinto-a, assim, flor amável do Helenismo,
Virtuosa — restaurando os velhos mapas
Do gênio antigo, entre exegeta e artista.

E ao mesmo tempo, por diletantismo,
Intrigando a política dos papas,
Com a perfeitia elegante de um sofista...

INSTINTO

Glória ao Instinto, a lógica fatal
Das coisas, lei eterna da criação,
Mais sabia que o ascetismo de Pascal,
Mas bela do que o sonho de Platão!

Pura sabedoria natural
Que move os seres pelo coração,
Dentro da formidável Ilusão,
Da fantasmagoria universal!

És a minha verdade, e a ti entrego,
Ao teu sereno fatalismo cego
A minha linda e trágica inocência!

O soberano interprete de tudo,
Invencível Oedipo, eterno e mudo
De todas as esfinges da Existência!...

HISTORIA ANTIGA

No meu grande otimismo de inocente,
Eu nunca soube porque foi... um dia,
Ela me olhou indiferentemente,
Perguntai-lhe porque era... Não sabia...

Desde então, transformou-se, de repente,
A nossa intimidade correnteia
Em saudações de simples cortesia
E a vida foi andando para a frente...

Nunca mais nos falamos... vai distante...
Mas, quando a vejo, há sempre um vago instante,
Em que seu mudo olhar no meu repousa,

E eu sinto, sem no entanto compreendê-la,
Que ela tenta dizer-me qualquer coisa,
Mas que é tarde demais para dizê-la...

ARTISTA

Por um destino acima do teu Ser,
Tens que buscar nas coisas inconcentes
Um sentido harmonioso, o alto prazer
Que se esconde entre as formas aparentes.

Sempre o achas, mas ao lá-lo em teu poder
Nem n'ó pões na tua alma, nem n'ó sentes
Na tua vida, e o levas, sem saber,
Ao sonho de outras almas diferentes...

Vives humilde e inda ao morrer ignoras
O Ideal que achaste... (Ingratidão das massas!)
Mas não faz mal, meu bombril inocente:

Plin na primavera, entre as amoras,
A tua gada de ouro, que nem usas
Mas que faz tanto bem a tanta gente...

ADOLESCENCIA

Eu era uma alma fácil e macia,
Claro e sereno espelho matinal
Que a paisagem das coisas refletia,
Com a luzidez cantante do cristal.

Tendo os instintos por filosofia,
Era um ser manejamento natural,
Em cuja meiga ingenuidade havia
Uma alegre intuição universal.

Entreteimiam-se as ricas tessituras
Das lendas de ouro, cheias de horizontes
E de imaginações maravilhosas.

E eu passava entre as coisas e as criaturas,
Simples como a água fresca das fontes
E puro como o espírito das rosas...

Poente no meu jardim... O olhar profundo
Alongo sobre as árvores vazias,
Essas em cujo espírito infecundo
Soluçam silenciosas agonias.

Assim estereis, mansas e sombrias
Bugerem à emoção com que as circundo
Todas as dolorosas utopias
De todos os filósofos do mundo

Sugere... Seus destinos são viajnhos:
Ambas, não dando frutos, abrem ninhos
Ao viandante exânime que as olhe.

Ninhos, onde vencidas de fadiga,
A alma ingénua dos pássaros se abriga
E a tristeza dos homens se recolhe...

INGRATIDÃO

Nunca mais me esqueci!... Eu era criança
E em meu velho quintal, ao sol-nascente,
Plantei, com a minha mão ingénua e mansa,
Uma linda amendoeira adolescente.

Era a mais rústica e íntima esperança...
Cresceu... cresceu... e, aos poucos suavemente,
Pendeu os ramos sobre um muro em frente
E foi frutificar na vizinhança...

Daí por diante, pela vida inteiro,
Todas as grandes árvores que em minhas
Terras, num sonho esplêndido se encia,

Como aquela magnífica amendoeira,
Florescem nas chácaras vizinhas
E vão dar frutos no pomar alheio...

TORRE MORTA DO OCASO

Espira torre ascética, esquecida
Na bruma de um crepúsculo profundo!
És, no mais triste símbolo do mundo,
A renúncia tristíssima da Vida!

Tua existência é um pensamento fundo
Levianado na pedra adormecida:
Bem sentes quanto é inútil e infecundo
O esforço na vertigem da subida!...

Como és profética de longe... quando,
Na moldura do poente de ouro e rosa,
Interpretando todos os destinos,

Vais por todos os ventos espalhando
Tua filosofia dolorosa,
Na balada sonâmbula dos sinos!...

SABEDORIA

Tu que vives e passas, sem saber
O que é a vida nem porque é, que ignoras
Todos os fins e que, pensando, choras
Sobre o mistério do teu próprio Ser,

Não sofras mais à espera das auroras
Da suprema verdade a aparecer:
A verdade das coisas é o prazer
Que elas nos possam dar à flor das horas...

Essa outra que desejás, se ela existe,
Deve ser muito fria e quase triste...
Sem a graça encantada do incertezas...

Vê que a Vida afinal, — sombras, vaidade, —
É bela, é louca e brla, e que a Beleza
É a mais generosa das verdades...

PRUDÊNCIA

Não aprofundes nunca, nem pesquizes
O segredo das almas que procuras:
Elas guardam surpresas infelizes,
A quem lhes desce às convulsões obscuras.

Contenta-te com amá-las, se as bemdizes,
Se te parecem limpidas e puras.
Pois se, às vezes, nos frutos há docuras,
Há sempre um gosto amargo nas raízes...

Trata-as assim, como se fossem rosas,
Mas não despertes, o sabor salvagem
Que lhe dorme nas pétalas tranquilas,

Lembra-te dessas flores venenosas!
As abelhas cortejam de passagem,
Mas não cuasam prova-las nem feri-las...

seleção de trabalhos de "Luz Mediterrânea"

FELICIDADE

Sombra do nosso Sonho usada e vól
De infinitas imagens traidoras
E, na dança da tua projeção,
Quanto mais cresces, mais te distancias...

A Alma te vê à luz da posição
Em que fica entre as coisas e entre os dias;
Es sombra e, refletindo-te, varias,
Como todas as sombras, pelo chão...

O Homem não te atingiu na vida instalou
Porque te embarcou na filigrana
De um ideal metafísico e diotino;

E te busca na selva impraticável.
O Bela Adormecida da alma humana!
Tiro de quatro folhas do Destino!...

II

Basta saberes que és feliz, e então
Já o verás na verdade muito menos:
Na árvore amarga da Meditação,
A sombra é triste e os frutos tem venenos.

Se és feliz e o não sabes, tens na mão
O maior bem entre os bens terrenos
E chegaste a suprema aspiração,
Que deslumbra os filósofos serenos.

Felicidade... Sombra que só vejo,
Longo do Pensamento e do Desejo,
Surdinando harmonias e sorrindo,

Nessa tranquilidade distraída,
Que as almas simples sentem pela Vida,
Sem mesmo perceber que estão sentindo...

EGOCENTRISMO

Tudo que te disseram sobre a Vida,
Sobre o destino humano, que flutua,
ouve e medita bem, mas continua
Com a mesma alma liberta e distraída!

Interpreta a existência com a medida
Do teu Ser! (a verdade é uma obra tua!)
Porque em cada alma o Mundo se insinua,
Numa nova Ilusão desconhecida.

Vai pelos próprios passos, num assomo
De quem procura por si próprio o fundo
Da eterna sensação que as coisas tem!

Existe, em suma, por ti mesmo, como
Se antes da tua sombra sobre o Mundo
Não houvesse existido mais ninguém!...

LEGENDA DOS DIAS

O Homem desperta e sai cada alvorada
Para o acujo das coisas... e, à saída,
Leva uma crença vaga, indefinida,
De achar o Ideal nalguma encruzilhada...

As horas morem sobre as horas... Nada!
E ao Poente o Homem, com a sombra recolhida,
Volta, pensando: "Se o Ideal da Vida
Não veio hoje, virá na outra jornada..."

Ontem, hoje, amanhã, depois, e, assim,
Mais ele avança, mais distante é o fim,
Mais se afasta o horizonte pela esfera;

E a Vida passa... efêmera e vacua:
Um adiantamento eterno que se espera,
Numa eterna esperança que se adia...

PLATÔNICO...

As Méias são seres superiores,
— Almas reconditas de sensitivas —
Cheias de intimidades fugitivas,
De escrúpulos, melindres e pudores.

Por onde andares e por onde fores,
Cuidado com essas flores pensativas,
Que tem polen, perfume, órgãos e cores
E sofrem mais que as outras coisas vivas.

Colhe-as na solidão... são obras-primas,
Que vieram de outros tempos e outros climas
Para os jardins de tua alma que transponha,

Para com elas teceres, na subida,
A coroa votiva do teu Sonho
E a legenda imperial da tua Vida.

A ALMA DAS COUSAS SOMOS NÓS...

Dentro do eterno giro universal
Das coisas, tudo vai e volta à alma da gente,
Mas, se nesse vaivém tudo parece igual,
Nada mais, na verdade,
Nunca mais se repete exatamente...

Sim, as coisas são sempre as mesmas na corrente
Que nós-las leva e traz, num círculo fatal;
O que varia é o espírito que as sente
Que é imperceptivelmente desigual,
Que sempre as vive diferentemente,
E, assim, a vida é sempre inédita, afinal...

Estados de alma em fuga pelas horas,
Tons esquivos e trêmulos, nuances
Suscetíveis, subtile, que jogam no Iria
Da sensibilidade furta-cor...
E a nossa alma é a expressão fugitiva das coisas
E a vida somos nós, que sempre somos outros!..
Homem inquieto e vivo que não repousa!
Para e escuta:

Se as coisas tem espírito, nós somos
Esse espírito efêmero das coisas,
Volúvel e diuturno,
Variando, instante a instante, intimamente
E eternamente
Dentro da indiferença do Universo!...

SÁTIRA

Também nós, seres raros, de divinas
Intuições e humaníssimas virtudes,
Levando os nossos sonhos para a frente,
— Com a nossa íntima luz desconhecida —
Vamos fazendo cotidianamente,
Felo mundo das almas pequeninas,
Nossas "Viagens de Gulliver" na Vida.

Lilliput... em faralhões grotescos
Os anõesinhos trêpegos, daninhos,
Dobólicos fantoches biliantes,
Formigando nas estradas,
Bailando pelos caminhos,
Imaginan ridiculas ciladas,
Insidiosas e inúteis emboscadas,
Ao passo distraído e juízo dos gigantes...

Eles passam... seu vulto enche os espaços,
E toda Lilliput alvoroçada,
— Simples despeitos de anão —
Ergando em gestos maus todos os braços,
Deita inoperperos, maldições, ameaças,
Mas eles vão e vêm e vão,
Num desprezo triunfal,
Com essa tolerância azul das grandes raças,
Tão irronicamente e mansamente,
Que os cotados pigmeus, não lhes tocando
Sequer o calcanhar, contentam-se, afinal,
Com pisar-lhes a sombra indiferente...

A calúnia do anão, pisar as sombras!...

"Por que será, então, que tudo é tão pequeno
Nessa cidadezinha universal?!
As paisagens, as almas, o ideal,
As figuras, a vida, os sentimentos?!"

E, assim pensando, com piedade e com doçura,
Os gigantes, de espírito sereno,
Vão passando, sorrindo, e repassando
Por essa humanidade em miniatura...

Sim, porque é mesmo assim e sempre foi assim!
Quem vai pelo mistério das estradas,
Rumo ao país dos deuses e das fadas,
Por mais que evite ou que lute,
Tem de sempre passar por Lilliput,
Nessas "Viagens de Gulliver" da Vida.

IRONIA!

Ironia! Ironia!
Minha consolação! Minha filosofia!
Imponderável máscara discreta
Dessa infinita dárdua do ser!
Que é a tragédia recôndita do ser!
Muita gente não te há de compreender,
E dirá que és renúncia e covardia!
Ironia! Ironia!
É a minha atitude comovida:
O amor-próprio do Espírito, sorrindo!
O pudor da Razão diante da Vida!

IMAGINAÇÃO

Scherazada do espírito, que rendas
Num fio ideal de verossimilhança
O Simbolo e a Ilusão, únicas prendas
Que nos vieram dos deuses como herança!

Transformando em alhambra, nossas tendas,
Na tua voz o nosso olhar alcança
As Mil e uma Noites da Esperança
E a esfera azul dos sonhos e das lendas!

Quando o despeito da Realidade
Nos jere, é quem de novo nos persuade,
Com teu consolo que nem sempre engana!

Porque, na tua esplêndida eloquência,
É o sexto sentido da Existência
E a memória divina da alma humana!

DIÁLOGO FINAL

— Como são lindos os teus grandes versos!
Que colorido humano! que profundo
Sentido e que harmonia generosa
Encerram, nos seus símbolos diversos!...

— Sim, mas para fazê-los fui ao fundo
Das coisas, nessa Via-Dolorosa
Do pensamento, que no fim é sempre triste,
Sofri muito entre os seres infelizes...
Tu não sabes de nada... tu não viste...

— Não, nunca imaginei o que me dizes...
Mas teus versos me fazem tanto bem.
São tão belos! de formas tão luxuosas!...

— É! Isso mesmo!... É a beleza irônica que vem
Da amargura invisível das raízes,
Para dar a vaidade efêmera das rosas...

AOS QUE SONHAM

Não se pode sonhar impunemente
Um grande sonho pelo mundo agora,
Porque o veneno humano não demora
Em corrompê-lo na íntima semente...

Olhando no alto a árvore excelente,
Os frutos de ouro esplêndidos enflora,
O Sonhador não vê, e até ignora
A cidade rasteira da Serpente!

Queres sonhar? Defende-te em secreto,
E lembra, a cada instante e a cada dia,
O que sempre acontece e acontece!

Prometeu e o abutro no rochedo,
O Caladrio do Filho de Maria
E a cicuta que Sócrates bebeu!

...ET OMNIA VANITAS

...E vive assim... Como filosofia
O Prazer, como glórias e esperanças
Uma vida espontânea e correnteia
E um gesto irônico ao que não alcança!

Seja a vida um punhado de horas manias,
Numa felicidade fugidiva:
A piedosa ilusão de cada dia
E o lullado de sombras das lembranças.

Ana as coisas inúteis! Sonha! A Vida...!
Viste que a Vida é uma aparência vaga
E todo o imenso sonho que senecias,

Uma legenda de ouro, distraída,
Que a ironia das águas lê e apaga,
Na memória volúvel das areias!...

ARGILA

Nascemos um para o outro, dessa argila
De que são feitas as criaturas raras,
Tens legendas pagãs nas carnes claras
E eu tenho a alma dos faunos na papila...

Nas belezas heróicas te comparas
E em mim a luz olímpica cintila,
Gritam em nós todas as nobres taras
Daquela Grécia esplêndida e tranquila...

É tanta a glória que nos encontramos
Em nosso amor de seleção profunda,
Que ouço de longe o oráculo de Eleusas

Se um dia fosse teu e fosses minha,
O nosso amor conceberia um mundo
E do teu ventre nasceriam deusas...

A LUZ CREPUSCULAR MEDITERRÂNEA — AZEVEDO AMARAL

Prefaciadores de livros costumam ser os consagrados das gerações em declínio que vinham dos anos novos, credências para o mundo literário. É um sinal dos tempos que a reação pós-tumba da obra poética de Raul de Leoni aparece preluída por um moço que não é, apenas, em anos, mas sobretudo, pelo espírito e pelas idéias que a integram na nova intelectualidade do Brasil conciente e espiritualmente autônoma. A interpretação da mentalidade e da orientação do gênio poético de Raul de Leoni feita em admirável síntese nos rápidos páginas com que Rodrigo Mello Franco de Andrade delineou a chave para o conhecimento dos traços da psicologia especial do grande poeta que, em tão poucos anos tanto nos deixou, constitui a suficiente, e ao mesmo tempo, a melhor das críticas do livro que serve de introdução. Parece-me que na análise do caso individual do poeta da "Luz Mediterrânea" nada se pode acrescentar aos conceitos do prefaciador dessa edição, sem correr o risco de desvirtuar o nitidez do quadro tão magistralmente delineado.

UMA FIGURA DE TRANSIÇÃO

Entretanto, a "Luz Mediterrânea" e a projeção feliz que da personalidade do seu autor conseguiu Rodrigo M. F. de Andrade, fazem surgir uma oportunidade rara no nosso meio para a focalização transitória de tantos problemas sedutores que, seria imperdoável, deixar que um sentimento de admiração paralizasse a corrente de pensamento por ele próprio estimulado. Raul de Leoni, clássico pela cultura e pelas influências que lhe impressionaram o espírito e pertencendo simultaneamente à geração nova do gênio brasileiro pelo ritmo em que se agita livremente a sua personalidade emancipada, é um caso altamente interessante em que se caracterizam as manifestações peculiares de uma figura representativa da transição entre os polos irreconciliáveis de duas atitudes intelectuais. Há ainda no exemplo desse grande poeta uma lição instrutiva sobre os riscos que corre a inteligência por mais forte e aparelhada que seja, quando se destaca das realidades ambientais da sua própria formação para perder-se no domínio das sombras que o passado projeta sobre nós.

EM TORNO DE UM PERÍPLO INTELLECTUAL

Do estudo isolado da poesia de Raul de Leoni o espírito crítico encaminha-se naturalmente para tentar um períplo analítico em torno do vasto mundo da poesia e dos valores artísticos. O primeiro fato que impressiona o quem se coloca sob o encanto do ritmo que cadencia a "Luz Mediterrânea" é a manifestação do poder irresistível que os forças dissolvidas do passado podem ainda exercer sobre o espírito, arrebatando-o à ação inspiradora das energias vivas da atualidade e prendendo-o num círculo mágico de formas que se dissiparam na evanescência irresistível das civilizações que se sucedem. No efeito empolgante com que a cultura do Mediterrâneo atuou sobre a imaginação, sobre o pensamento e sobre a extensa criadora de Raul de Leoni, esse prestígio poder das coisas passadas assume o aspecto quase fênel de um misterioso domínio dos mortos sobre os vivos.

A influência da luminosidade da cultura clássica é um dos fenômenos mais fascinantes e, ao mesmo tempo, mais perturbadores para quem se abalança a qualquer ensaio crítico da marcha evolutiva da civilização do Ocidente, desde a dissolução do organismo político e social da antiguidade clássica.

No seu admirável prefácio Rodrigo M. F. de Andrade, com a sagacidade em que se revela a penetração de sua inteligência crítica, define as tendências de Raul de Leoni nos termos do conceito bergsoniano da Idéia. Realmente, nessa expressão sintetiza-se, não, apenas, a forma de exteriorização criadora do artista da "Luz Mediterrânea", como todo o espírito da cultura que nasceu e pro-

veou ao longo das praias do mar inermérico, em que o vigor do pensamento musical que os inspirou, se traduz, não, apenas, na preocupação sempre evidente de tirar efeitos do som, como muito mais ainda no entendimento do valor estético do "leit motiv" melódico como meio de transformar o idéia em uma percepção sensorial.

A REAÇÃO POÉTICA MEDIEVAL

Com o aprisionamento da liberdade agita do dialeto iônico nas rígidas formas sintáticas do grego ótico, a cultura mediterrânea fica impossibilitada de manter no que sobrevive com o nome de poesia, o consórcio imprescindível entre o sensualismo sonoro e o intelectualismo do verso. Contra essa inferioridade irremediável da produção poética da idade clássica, de que se encontra apenas, uma tentativa de libertação com Virgílio, reagiu em um magnífico esforço de energia combativa a Europa forte e vigorosa do período mais característico da Idade Média. O livro de Raul de Leoni e o momento da evolução intelectual brasileira em que nos achamos e no qual ele apareceu, dão-lhe uma certa oportunidade de um golpe de vista retrospectivo sobre aquele grande período da história do Ocidente, em que se esboçou uma verdadeira Renascença, mais tarde tão profundamente desvirtuada pela desastrosa restauração dos padrões clássicos. O poeta da "Luz Mediterrânea" evoca tanto mais aquela grande fase crítica do espírito humano, quanto ele foi dos muitos artistas de nobre estalo que sucumbiram à fascinação empolgante da segunda renascença que, anulando a obra ainda mal formada que vinha emergindo da Europa, otinou-se por mais quatro séculos à idolatria greco-latina.

Em contraste com as limitações em que se encerrou a mentalidade clássica formada no ambiente da civilização agrícola da Mediterrânea, os povos alivos e batalhadores do norte não haviam perdido a tendência de procurar identificar o seu pensamento e o seu estético, com as impressões veleidias da realidade ambiente. A movimentação constante em que os mantinham as guerras e as caçadas e o próprio ritmo de grande amplitude das suas palavras descomedidas, os tornavam mais aptos a vibrarem em uníssono com a corrente impetuosa da vida evanescente. A medida que, pelo contacto, o gênio do Báltico e o espírito sistematizador do Mediterrâneo se misturaram e reciprocamente se fecundaram infundindo um no outro os traços fundamentais da sua fisionomia especial, surge no Eu.ope o trabalho profundo de criação orgânica de uma civilização e de uma cultura em que o dinamismo nórdico moderado e disciplinado pela idéia meridional parecia prometer a realização de um ideal de vida humana expresso na plenitude de todas as modalidades da inteligência e do instinto e iluminando as formas "umultuárias" da vitalidade bárbara com o suave luz da medida mediterrânea. De todas as manifestações da energia criadora que então agita a Europa, emergida da confusão dos séculos turbulentos e destruidores, o nascimento de uma nova poesia é o índice mais forte do alvorada da concidência ocidental.

A PRIMEIRA RENASCENÇA

O movimento dos "troubadours" representa realmente e mais notável, ou antes, a única manifestação do gênio poético europeu que, nos últimos vinte e cinco séculos, teve expressão em um campo bastante vasto para excluí-lo do domínio restrito de condições regionais. O traço essencial do troubadourismo é a sua independência das influências clássicas que lhe permitiu emancipar-se das limitações inerentes à pseudo poesia mediterrânea após Homero. Empregou a expressão na verdadeira acepção que lhe deve ser dada, o movimento dos "troubadours" estende-se geograficamente a uma região europeia muito mais vasta do que aquela em que, ele atingindo o máximo de perfeição, deu de um canto

até nós pela influência fascinante dos esplendores de uma decadência em que cooperaram gênios tão fulgurantes, que o mundo o aceitou como o verdadeiro Renascimento. Estamos de novo, no meio da transição dos dias atuais, assistindo à eclosão de um outro ressurgimento do espírito na sua ânsia de criar uma arte livre do peso opressivo das tradições e inspirado pela vontade irresistível de preparar os seus próprios meios de expressão verídica da realidade ambiente em imagens sensíveis. O Brasil, felizmente, não se está deixando ficar para atrás nesse corrente novo da arte emancipada e espontânea. Nenhum sintoma é mais auspicioso, neste momento da evolução nacional, do que a atitude intelectual estética dos melhores dos nossos artistas moços que têm toda força de espírito e de vontade para desprezarem as sugestões escrivadoras das influências exóticas e passadas, para compreenderem que a verdadeira arte só é possível pela integração do artista com o seu próprio ambiente físico e social e pelo descoberto de recursos e de processos de expressão, capazes de traduzir em formas estéticas e sensoriais os fatos, os pensamentos e as emoções do seu tempo e da sua gente.

Raul de Leoni, a quem a natureza deu as aptidões para ser um dos pioneiros dessa emancipação da arte brasileira, não conseguiu entretanto um passado que vinculou a sua poesia ao círculo clássico. Mas havia no poeta da "Luz Mediterrânea" muito talento e muito sentimento da realidade para que ele pudesse ter, apenas, mais um refletor da luminosidade crepuscular do helênismo. Como Rodrigo M. F. de Andrade observou no seu prefácio, Raul de Leoni se era clássico pela inspiração intelectual, já se lançava na nova poesia pelos tendências de seu ritmo.

Assim, a poesia da "Luz Mediterrânea" será na história artística do Brasil o último coluna de fôlego levantada pelo nosso gênio nacional em homenagem aos deuses antigos. Não coube a Raul de Leoni ser o iniciador, mas o Profundo e o vigor das suas qualidades de artista asseguraram-lhe o papel definitivo do fecho brilhante de um ciclo literário. A outros mais felizes que se imuniuzaram contra o veneno sutil dos codéveres das culturas passadas, caberá a missão de precursores dos grandes poetas do Brasil de amanhã, dos poetas que virão dar ao seu verso o expressão robusta dos pensamentos e das aspirações, de uma civilização, cujas perspectivas mal podemos vislumbrar. Os poetas que atingirão um ritmo e uma sonoridade em que ecoe o fragor das marças católicas, e o trepidante nuaia criador das fábricas e das usinas; os poetas que poderão ser os cantores da vida intensa de um país transfigurado, em que os nossos descendentes, livres dos influências que nos tem restringido, domnem com a sua vontade as possibilidades do seu novo ambiente, e afirmem o personalidade de um povo forte em toda o imensidade do terra brasileiro.

O NOVO RESSURGIMENTO

Essa esplêndida renascença foi desoladamente golpeada e paralizada no seu surto vigoroso pelo neoclassicismo de Boccaccio e de Petrarca, pelo neo-helénismo escultórico de Donatello, pelo academicismo pictorial de Perugino e pelo retrocesso arquitetônico de Bramante. Durante quatro séculos a inteligência e a extasia do Ocidente viveram dominados pela ditadura dos padrões antigos restaurado violentamente no final do século XV e galvanizados



RAUL DE LEONI NUMA FOTOGRAFIA COM CAIO DE MELO FRANCO

"ANATOLE FRANCE EN PAN-TOUFLES" — A pertidã de um valet de chambre — Raul de Leoni

OS EUNUCOS DA DOÇURA HUMANA

Há criaturas cuja única alegria é a volúpia amarga de matar ilusões, o sadismo de desencantar... Passam refrangendo a vida na ironia e na blasfêmia. Onde haja uma piedosa ilusão disfarçando e vestindo uma realidade infeliz ou ingrata, aí estão esses farejadores de amargura e de infâmia, para despi-la, ingloriamente, em toda a sua nudez miserável.

Professores de decepção, semeadores de tristeza, em cuja alma as ilusões morrem de frio, esses seres álgidos e amargos falam sempre a verdade torpe, a evidência infame, a certeza ignobil, a realidade deprimente.

Enquanto os outros homens, descuidados e ingênuos — curiosos de ilusão — tocados da graça comovida de admirar, vão pelos caminhos incertos, parando diante das coisas para admirá-las na sedução da sua face mais grata, da sua aparência mais meiga, essas criaturas áridas e turvas vão apontando o avesso envergado das coisas e das almas, a entrela grotesca, a costura rude e nodosa, o alinhavo grosseiro em que se deturpa e inverte o tecido das ilusões no outro lado excuso, que se não deve ver nunca... Porque, desgraçadamente, há sempre, em tudo, o outro lado ingrato, o avesso inconfessável... É o único lado que o olhar miserável sabe ver.

Os desencantadores! Vidas úmidas e viscosas de penumbra, sem vibração e sem calor! Truidores da ilusão, esses espíritos álgidos e corrosivos embriagam-se de licores de fel, bebendo as lágrimas alheias...

Artífices das suspeitas pejorativas e das conjecturas pessimistas, nunca lhes ouvimos da boca cruel uma versão nobre, uma interpretação generosa, um alívio consolador às nossas dúvidas e às nossas angústias. Eles não creem em nada, não sonham nada, não respeitam nada, fechados no seu egoísmo implacável e cateril de demônios castrados.

A única sensualidade desses eunucos da doçura humana é desencantar.

Almas que nunca deram flor... elas não têm um enternecimento diante do drama humano e nenhum perdão para o erro que se redimiu, sofrendo, e se salvou, corrigindo-se.

Impermeáveis à piedade, são resvalados à gratidão.

São sempre os portadores diligentes das más notícias, anunciadores voutuosos das hecatombes, das catástrofes e dos escândalos. Novelistas tétricos, correios velozes da desventura e da infâmia.

Na sátira aviltante ou no sarcasmo ferino, brutalizam firmemente a poesia leve, a graça íntima, o pudor esquivo, a susceptibilidade das coisas.

São eles que, quando nos falam forçam sempre propósitos para nos evocar as nossas lembranças ingratas, fantasmas de passados infelizes, magoando velhas feridas e ofendendo saudades.

Para eles, os heróis, os santos, os mártires e os gênios são degenerados enfermos, as pérolas, doenças do molusco, e as lágrimas, gotas d'água, com um pouco de cloreto de sódio.

Esterilizadores dos ambientes mansos de espiritualidade, onde eles chegam corre, logo, um frémito misterioso de inquietação e de mal-estar. Mesmo quando não dizem nada, a aura perigosa, a ráio-atividade maligna, que emana dessas personalidades tóxicas, envenena as atmosferas serenas e puras.

Mas a sua grande força é a palavra sinuosa, esquiva e fina como o próprio fio evasivo da perfídia. É por e'a que eles instalam o vírus mortal do desencantamento, destroem símbolos, degradam idealismos, poluem reliquias, desmascaram lendas, profanam altares, semelam dúvidas, aluem glórias tutelares e repudiam soberanias, maculam brancuras castas, e passam o sorriso bandido de Arlino, o sorriso capcioso de Shylock, o sorriso infame de Iago.

É imensa essa família desgraçada e ma' dita dos desencantadores. Mas a categoria pior desses estropiados da natureza humana é a dos que, com a covardia noturna das hienas, voltam em torno dos túmulos veneráveis dos grandes homens, para a necrofagia da calúnia póstuma. Desencantadores de glórias!

É o caso desse torpíssimo Jean Jacques Brousson, "valet de chambre" mental, tortuoso e solerte, que a benevolência cansada de Anatole France introduziu na intimidade delicadíssima de "Villa Sand", com a mesma piedosa inadvertência com que o ferreiro da fábula famosa açoitou a áspide repulsiva no peito generoso.

O GRANDE-HOMEM

O grande-homem — ainda que até hoje não se tenha sabido marcar as linhas nítidas dessa psicologia complexa e difusa, exista, antes de tudo, nos efeitos que deles sentimos sobre os outros homens e sobre povos. É sempre toda criatura em que somos forçados a reconhecer um sintese superiores, e em que acabamos fixando um símbolo da grandeza humana. Para a humanidade, o seu culto, a religião da sua memória, é o mais precioso dos cultos e a mais nobre das religiões.

É nesse culto que a humanidade consagra e glorifica a mais alta expressão de si mesma, o seu superlativo, a sua medida máxima.

O grande-homem é a maior conquista e a maior validade de um povo. Sua biografia, longe de ser o objeto de um relato fiel, onde o "animus narrandi" do biógrafo se contenha nos lineamentos exatos, nos contornos precisos da realidade, deve ser a obra de um poeta otimista, uma rapódia exaltada. Nela os fatos certos, os acontecimentos provados terão sempre menos importância, para que prevaleça o arbítrio das interpretações ideais. Será sempre uma obra de transfiguração, porque irá exercer uma grave influência viva entre os homens...

Se essa biografia na verdade, se empasta de certezas ingratas e decepções deprimentes, faça-se nela, a todo preço, a generosa "maquillage" que a imaginação redentora pratica na realidade atlejada e na história infeliz, criando as fábulas graciosas e as lendas aráveis...

Mas nunca se descubra, irreverentemente, à intimidade um grande-homem para evidenciá-la na sua triste verdade. Faz-lo é, em qualquer hipótese, lesar profundamente o patrimônio de ilusão de um povo, e, além disso, desenvolver uma calamitosa influência sobre uma sociedade inteira, sabido como é que os

A morte de Raul de Leoni — Gonçalo Jorge

Raul de Leoni tinha-se afastado, há cerca de três anos, do Rio de Janeiro. Um mal cruel lhe devastava o peito. E ele só vivia bem, respirando os ares das montanhas, sob o sol benéfico das terras do interior. Ante-ontem, o poeta fechou pela última vez as pálpebras, no seu retiro de Ipaípora. E ontem, alguns amigos o levaram para dormir os dias eternos no cemitério de Petrópolis.

Raul de Leoni pertencia à mais elegante família de espíritos. Era um príncipe do ritmo puro. Vivendo numa época revolucionária, profundamente amado pelos mais irreverentes corifeus do espírito moderno, ele foi sempre um clássico. Te-rei feito o seu elogio se disser que ele jamais transigiu com o espírito dos grupos, que ele jamais procurou dar feição exotica à sua imaginação, para seguir tais ou quais correntes poéticas em moda.

Seu livro, publicado em 1922, era inspirado numa tradição de ordem e de harmonia. Desde o título, esse pendur se evidenciava. "Luz Mediterrânea" continha as confissões de uma inteligência, a história das aventuras de um pensamento. Ao contrário da poe-

sia comum dos brasileiros, havia, na poesia de Raul de Leoni, um extremo pendur para a meditação. Poucos versos de amor — volúpia, de amor — sensualidade, nessa coleção de sonetos e poemas. Mas, em compensação, um grande e resplandecente clarão de amor — humanidade.

Raul de Leoni amava a existência e amava a espécie humana. Tinha um secreto prazer em sorrir delas, às vezes. Era o prazer, todo intelectual, do ser racionalmente, que sabe saber perfeitamente, nam coração comovido e afetivo, o disfarce de um sorriso.

Esse poeta era singularmente irônico. Espetáculo contraditório, digno de piedade e de ridículo, ao mesmo tempo, a vida lhe merecia aquele inalterável olhar de curiosidade, que ele sabia ter para todas as coisas. E toda essa complexa maneira de ver e de sentir as coisas ele a definia naquele soneto melancólico, em que nos falava da árvore plantada em seu vergel pelas suas mãos — e que foi levar os frutos para a pomar alheio.

Era um espírito cheio de sol, brilhando em plena primavera, de Raul de Leoni.

grandes-homens são os altos padrões humanos, sobre os quais se recorta e se conforma a imitação admirada de muitas vidas. De resto, a intimidade desses seres de exceção nem sempre pode ser uma página de beleza humana, porque, mais do que sobre a intimidade dos homens triviais, agem sobre ela graves elementos de perturbação. A mesquinhez, a incompreensão, a estupididade e a brutalidade, que em geral andam nas almas que formam a inevitável "entourage" cotidiana dos delicados de espírito, acabam por tornar a sua intimidade uma coisa dolorosa e, às vezes, lamentável. Por outro lado, essas almas de rara atitude, que são os grandes-homens, exatamente por serem excessivas na vida superior, têm as suas naturais descompensações do equilíbrio médio, da harmonia vulgar, traduzidas nas suas nevroses, nas suas singularidades, na suas idiosincrasias, o que, tudo posto em confronto com a chatice ambiente e visto pela perfídia do olhar prosaico, resulta sempre grotesco, desairoso e ridículo.

Realmente, "não pode haver um grande-homem para o seu criado de quarto".

A PERFIDIA DO ESCRIBA

Ora, um dia, Anatole France, distraído e cético, na suave teidez do seu estúdio, que era um sacrário de boas tristezas, recebeu um provinciano bisonho e tímido, que lhe trazia uma vaga recomendação para seu secretário particular. Com a boa-fé sumária e envolvente dos homens superiores, aceitou-o afigou-o, e, não se contentando com dar-lhe a honra de uma intimidade no seu pensamento, levou-o aos camarins secretos onde a sua alma se vestia.

É possível que, logo de início, um qualquer malicioso epigrama do velho mestre em decadência houvesse arranhado a vaidadezinha crespa do provinciano, prevenindo-lhe uma profunda má vontade. Daí, então, na natureza mediocre e covarde do despetado e do invejoso de glória, imensa do velhinho, desperdo toda a perversidade obscura do desencantador ignobil, e ele pôs-se a registrar, durante anos, alguns flagrantes daquela intimidade quase divina, debaixo do propósito frio de desnaturalizar, para mais tarde derrubar o ídolo e triunfar sobre as ruínas...

Miserável! Morto o doce gigante e já envolto na saudade do pensamento humano e nimbado da gratidão melancólica de todos os célicos, de todos os infelizes e de todas as almas finas da terra, o escriba perverso apresenta-o aos homens da vinhetta e de uma vida e num feito humano os mais repulsivos e degradantes.

O livro abominável corre mundo. Seu intuito evidente é desencantar o símbolo supremo da bondade e da indulgência célicas, roubando, ao mesmo tempo, à obra de France todo o seu prestígio ativo entre os homens, porque, então, ela será uma atitude falhada e embusteira, sem raízes humanas, tendo nascido de uma fonte execrável de impostura e de hipocrisia.

O Anatole France que o aventureiro perfida e silhueta, no livro imundo, é um monstro desprezível; e, portanto, todo o seu monumento escrito uma clamorosa e hedionda mentira. O biógrafo celerado logrou, até certo ponto, o êxito visado: desencantou, entre multidões de almas serenas e tristes, o seu doce e amável padroeiro de piedade humana. Mas uma vez Judas terá ganho os seus trinta dinheiros, e não se arrependeu ainda...

Mas o handido mentiu, decerto. É necessário, é mesmo absolutamente indispensável que ele tenha mentido. A humanidade de hoje, já tão pobre e desfada na sua galeria de almas solares, não pode perder impunemente um Anatole France. A cusparada do desencantador não alcançou o velhinho na imunidade do seu gênio.

O canalha viu a sua glória pelo avesso. E Anatole France será sempre maior: o doce, o imortal professor de resignação, de graça triste e de doçura humana...

Ele via sua alma como uma cidade antiga

cidade de harmonias deliciosas, em que, sorrindo à ronda dos [deslizes], as mulheres são frescas como [as rosas] e os homens são humanos e [divinos].

Amante ardente da cultura helênica, esse poema sorria para as velhas civilizações da graça, da finura do espírito, do requinte da inteligência e da imaginação. Mentalmente, ele foi um grego, um alexandrino, o filho de uma daquelas repúblicas fascinantes e luminosas da Renascença italiana. E esse brasileiro do século vinte lentamente se terá embriagado nas grandes orgias de Cleópatra ou de Lucrecia Bórgia. Seus versos traem evocações dos velhos artistas, dos velhos cantores, dos velhos poetas. Ele invoca Amiano Marcelino e Epicuro, e celebra Roman. E, não obstante o luxo verbal dos seus versos, o calor todo tropical dos seus ritmos opulentos, sentimos que tudo, nessa inteligência, sensível, clara e aguda, solícita, pode, implora a medida e a impecável ordem das civilizações, filhos de Atenas, que outrora compareceram o grande encanto do mundo.

Meditativo e sutil, amando os pensamentos e as reflexões, Raul de Leoni não poderia deixar de ser o que foi: um sentimental corrompido pelo sarcasmo, um romântico a sorrir satiricamente de seus romantismos.

Sua ironia era profunda. E ele defini a ironia como "o pudor da razão diante da vida". Acho esse verso um dos mais belos, entre todos os que Raul de Leoni escreveu. E creio que nele o poeta da "Luz Mediterrânea" deu uma definição precisa do que seja a ironia, pelo menos a grande ironia dos pensadores: a ironia de Sócrates a ironia de Corcônicas, a ironia de Erasmo e estou quase a dizer a ironia de Jesus.

No meio desta geração de desconcerto, em que cada um de nós olha ansiosamente para os cumínios e se pergunta ansiosamente qual o fim a que não dá atingir, Raul de Leoni era um dos célebros — mais claros, uma das inteligências mais noteadas, uma das consciências mais despiadas.

Seu exemplo era um dos que mais mereciam ser seguidos pelas moças, tal o esplendor da liberdade com que ele sabia dirigir o seu talento.

Raul de Leoni dorme, agora, sob uma pedra branca, no cemitério de Petrópolis. Que seja cumprido, o mais breve possível, aquele voto que, um dia, numa das suas "blagues", ele exprimia aos seus amigos: — "erijam-me, como a Fajardes Varca, uma herma num jardim público" — uma herma que, de ora avante, nos recorde esse belo espírito que, numa vida tão breve, soube praxir alguns dos mais belos versos que honram as nossas letras.

(Jornal do Brasil) 23-11-1925

"Semeador de harmonia e de beleza" — Os inéditos de Raul de Leoni

A VIDA DE RAUL DE LEONI

Raul de Leoni
Agripino Grieco

Publicada a segunda edição da "Luz Mediterrânea", acrescentada a "Ode a um poeta morto" e de várias poesias inéditas, está completa a parte mais significativa da obra de Raul de Leoni.

Mas, fixado assim o melhor e o mais duradouro do seu espólio artístico, poderão agora, em torno desse sólido cimento nuclear, alguns trabalhos que, inferiores se confrontados com aqueles, são em si mesmos belos, valendo ainda bastante e merecendo a vida duradoura de um livro, por isso que servirão para marcar as passadas incisões de um espírito que logo se pôs a marchar com tanta segurança.

Há as primeiras rimas do artista, compostas entre os quinze e dezoito anos, com admirável precocidade, verificando-se que, numa época em que outros trazem ainda cuíros no cérebro, já ele caminhava com desenvoltura, fazendo prever o grande pensador em vez que seria apenas um lustro depois. Tais rimas serão por vezes simplesmente esquematizadas, lineares. Percorrendo-as, porém, já se sente a paixão das idéias, o gosto da observação dos caracteres, o amor às complexidades psicológicas, tudo o que é bem Raul de Leoni.

Não queremos aludir às estrofes publicadas em revistas cátricas e que ele aproveitou na "Luz Mediterrânea", depois de modificá-las, e com emendas sempre para melhor, o que não é frequente em nossos versificadores e serve para evidenciar a sua lucida auto-crítica, o seu dom de fiscalizar, de policiar a própria inspiração, coisa explicável num esteta em quem imaginação e razão caminhavam sempre paralelas.

Queremos, sim, tratar de umas vinte ou trinta produções suas que foi encontrar entre os papéis cuidadosamente custodiados pelos parentes do morto, produções que ele deixou manuscritas, na sua elegante caligrafia e com uma assinatura florida, ornamental, ou deixou datilografadas, mas nunca permitiu correrem mundo, postas em papel impresso. E isto por que? Porque Raul de Leoni, muito exigente consigo próprio e quase sempre insatisfeito do que escrevia, achava essas composições indignas do seu nome e ficava enfurecido quando lhe falavam em publicá-las em volume.

Sim, mas só o fato dele as haver conservado, quando lhe seria tão fácil rasgá-las ou incinerá-las, não parece sugerir que ele as publicaria mais tarde, à guisa de parárrafos para o histórico do seu erro?

Como quer que seja, sou dos que mais insistem junto à família Leoni Ramos para que não se percam, em esteril óbvio, diversos escritos de um homem que nada sabia fazer de desinteressante e cujas linhas mesmo secundárias, sempre assinando algo de belo e nobre, sempre acrescentam algo ao nosso espírito, à nossa sensibilidade.

Assim, venha o tomo das "Primeiras poesias" de Raul de Leoni, venha com a necessária ressaiva, indicando-se as datas, para frisar a extrema juventude, a quase meninice do poeta de então, mas venha, francamente, entriste-me a idéia de que todos os devotos da poesia do bom Raul não cheguem a conhecer senão como este, que ele compôs aos quinze anos de idade e, portanto, é quase perfeito:

Enla a boca, Memória! Basta, basta!
O que o Tempo te disse não me digas.
Que yareces até minha madureza.
Quando me vens cantar tuas cantigas.

Tua voz me faz mal e me vergasta,
E a chorar, muitas vezes, tu me obrigas
Ficada, Memória broncoelasta,
Não despertes, assim, dores antigas.

Vai, recolhe-te à tua solidade,
E que o teu braço nunca mais me leve
À sepultura da Felicidade!

Segue um conselho, meu, de ora em diante:
Junto a quem está de luto, não se deve
Falar de quem morreu, a todo instante...

Vê-se que esses inéditos representariam os documentos de uma ideologia em formação, valeriam como traços simbólicos de uma alma que as emoções mais fugitivas faziam longamente estremecer.

Abramos agora um parêntese para noticiar que, se a vida e os pais de Raul de Leoni vacilam em estampar-lhe os versos de debutante, de modo algum vacilam em reunir em volume os seus magníficos artigos estampados no "O Jornal", trabalhos decisivos, definitivos, de um escritor à altura dos que mais soberam nobilitar a arte da prosa em nosso país. Há aí verdadeiras obras primas, como sejam o estudo sobre Marinetti, guerrilheiro que deslumbrava e alvoroçava o nosso patricio, forçado pela doença a ser um puro contemporâneo; o ataque ao Japão, por uma questão de estética, de beleza racial, indo-se ao extremo de desejar um cataclismo que engulisse as ilhas nipônicas, "boutade" de leitor de Gobineau, paradoxo de uma erudita boníssima, cristianíssima, que seria incapaz de matar um rato, mesmo quando lhe resses uma encadernação de Ferrout, e seria capaz de fazer-se enfermeiro de um cão leproso; a investida contra Brousseau, criado de quarto difamador, laço literário a esbofetear o patão defunto e desfazendo as lendas do Anatole socialista e filantropo, como se essa conduta do ex-secretário do estilista de "Clio" não fosse perfeitamente lógica e humana, em se tratando de pilherias à custa de um ma-língua universal que nada tomou a sério e, com o riso de Luciano e Voltaire, riu de todos os seus contemporâneos, franceses e não franceses...

Tudo isso formara um tomo de ensaios dignos da melhor biblioteca. Como na mais escrupulosa das memórias poderá ficar esta confissão de um rapazinho mal saído das calças curtas e que já se preocupava com o problema do destino.

Sei de tudo o que existe pelo mundo,
A forma, o modo, o espírito e os destinos.
Sei da vida das almas e profundo
O mistério dos seres pequeninos.

Sei da ciência do Espaço, sei o fundo
Da terra e os grandes mundos submarinos,
Sei o Sol, sei o Som e o elo profundo
Que há entre os passos humanos e os divinos.

Sei de todas as coisas, a teoria
Do Universo e as longínquas perspectivas
Que emergem da expressão das coisas vivas.

Sei de tudo e — oh! tristíssima ironia! —
Peio caminho eterno por que vou,
Eu, que sei tudo, só não sei quem sou...

Migalhas... Sim, migalhas de um farnel de criança, sobras de quem acaba de sair do festim de um batizado de boneca, mas restos em que muitos dos nossos mais famosos vales sexagenários se poderiam banquetear regaladamente. Não lhe parece, leitor amigo, que Raul de Leoni, já era, então, bem pessoal, bem marcado no seu fervor filosófico, de homem avesso, por uma questão de pudor e até de higiene mental, a cohabitagens artísticas com quem quer que fosse, avesso a beber no copo de quem quer que fosse?

Mas — poderão objetar-me — não sofreu ele nunca a influência de ninguém? Seria estulto responder que nunca sofreu. Sempre se é filho de alguém na literatura como na vida. Todavia, em Raul de Leoni, procurando bem, não vejo propriamente filiação espiritual e vejo apenas um contacto, que será antes fraternal, com outros espíritos.

A rigor, quando ele recorda — e isso é raro — um outro poeta, é por efeito de analogia e não de imitação, é que ambos se abeberaram na mesma fonte de sensibilidade humana ou se aproximaram no mesmo arquivo histórico. Assim ao explorar assuntos já explorados pelo Bilac narrativo e meio didático dos poemas gregos. E, apesar da moléstia que o suplicio, nenhum dos seus trechos pode lembrar a choradeira lírica do Nobre, ao contrário de tantos Nobres de carregação (sem trocadilho) que andaram por aqui a arrancar de um dandismo macabro efeitos de sedução junto às normalistas românticas. Também nunca imitou as estrofes do "Eu", apesar do seu entusiasmo por Augusto dos Anjos; de quem adorava os trechos panteístas, embora lesse de preferência, em voz alta, os seus versos de maníaco e necroterio, para desarranjar o estômago dos circunstantes e tirar-lhes a vontade de almoçar, segundo declarava maliciosamente...

Mas, a propósito do elegiaco do "Se", façamos, em tempo, uma retificação. Apenas uma vez, Raul de Leoni pôs no papel uma versalilha a Antônio Nobre. Foi ao escrever o soneto em que se lê este singular terceto:

Desleio por todo este Abandono...
Chopin, num dia assim, foi que, por certo,
Compôs o Lágrima! Noturno nono...

Isso, porém, não passaria de exercício voluntariamente lírico, "à la manière de..." para mostrar flexibilidade mental, plástica de verbo. E mesmo nessas brincadeiras, perigosas, em tantos outros, raramente ele incidia. Tanto assim que, ao descrever uma paisagem suíça, já ele é plenamente Raul de Leoni e a sua maneira, entre metafísica e geométrica, nada, nada mais tem a ver com os males, puramente físicos, do lacrimoso Anjo:

Malto, Sei de Saint-Loup. Declina o dia,
Eu e Silêncio — os dois — o olhar profundo,
Numa contemplação erma e sombria
Neste recanto inédito do mundo...

Lá em baixo, a fimbria azul dos montes quietos,
Pesa-me ao olhar, em trêmulos recortes,
Como nas sugestões das águas-fortes,
A beleza parada dos aspectos...

E bem a Suíça clássica que avisto,
Calma, brumal, profundamente calma,
S-m e menor espasmo do imprevisto
Na branca anestesia de sua alma...

Tudo na mesma estática altitude...
Montando as serranias, pelos flancos,
Em igual sucessão, sobrios, mármureos,
Destaco, ao longe, austamente brancos
Os vultos varonis dos sanatórios...

A sua cultura humanística, nas boas relações com os bons escritores de todos os tempos, acabou de trazer-lhe o pleno domínio de si mesmo, assegurando-lhe essa fisionomia inconfundível, personalíssima, que desmascara logo os seus imitadores, especialmente quando estes pretendem copiá-lo na adjetivação em tonalidades abstratas, em tonalidades claras, de prata e cristal, tudo alado, aéreo, mal pesando no papel.

Sim, não há como repeti-lo em certos pontos por assim dizer magnéticos da sua poesia, em axiomas de uma concentração só comparável à do "radium", que é o gênio dos minerais. Ainda há pouco, empreguel, a propósito dele, a expressão "geométrica". Pois até neste particular ele foi, sem uso abusivo, um precursor entre nós, mostrando-se, sem a preocupação de rótulo de escola, coisa que escrevia, um agudo modernista, tal ao escrever, ao melhor, ao recordar em facetas polidricas os desenhos, datados de 1916, em que compara uma torre a uma "múmia cilíndrica de gelo", fala em "diédrico dos telhados" e em "prelúpios perpendiculares".

Um detalhe expressivo a assinalar é que Raul de Leoni não se sentava nunca em sua escrivaninha para redigir versos. Compunha-os sempre numa viagem de bonde ou numa travessia de barca, com relativa espontaneidade. E o mais interessante é que, compostos assim em viagem, os seus poemas, pelo tom enérgico, incisivo, são dos que melhor se destinam a ficar nos na retentiva, fazendo-se nossos companheiros de viagem por onde quer que seja. A gente toma de alguns dos seus versos — e às vezes basta um só — à guisa de matolotagem espiritual e vai viajando com eles. Diante do mar, pensar na "memória volúvel das areias" ou na "dobra azul de um golfo pensativo". Num trem de ferro, aconsoar-se "a linha leviana das estradas". Num parque, repetir: "Os dinheiros pensavam coisas longas". A noite, no campo, atentará ao grito que arranha o silêncio, "roendo um som estridido".

Ah! quantas mensagens realmente conceituosas, afóricas, desse pensador! Não existe uma única poesia sua, mesmo das

No dia 21 de Novembro de 1926, em Itaipava, extinguiu-se um dos autênticos valores do pensamento e da literatura brasileira: Raul de Leoni. Era um espírito de singular elegância, um herdeiro de grande linhagem clássica, um escritor que encontrava as suas raízes profundas na esplêndida tradição da cultura greco-romana.

Raul de Leoni nasceu em Petrópolis, em 30 de outubro de 1895. Era filho do dr. Carobino Leoni Ramos e de d. Augusta Vilabolm Leoni Ramos. Seu pai pertencera a alta magistratura brasileira, tendo sido ministro do Supremo Tribunal Federal. Sua mãe era irmã do dr. Manoel Pedro Vilabolm, uma das figuras centrais da política brasileira na década que antecedeu à Revolução gaúcha.

No Colégio Abílio, fer os seus estudos secundários, matriculando-se, a seguir, na Faculdade Livre de Direito. Formou-se apenas saído dos vinte e um anos.

Na segunda presidência Nilo Peçanha, este homem de Estado, que era amigo do talentoso rapaz e que sabia apreciar na devida conta as suas qualidades de caráter e de estudo, nomeou-o seu oficial de gabinete. Foi ainda Nilo Peçanha quem, posteriormente, e nomeou secretário de Legação. Raul de Leoni não chegou a assumir nenhum cargo em a nossa representação no exterior, deixando o seu cargo diplomático para aceitar um lugar de fiscal da Inspeção de Seguros.

Exercia esse lugar, quando adoeceu gravemente, sendo obrigado a ausentar-se para Corriges e Itaipava. Nesta última cidade faleceu, na data que referimos acima.

Vivendo apenas trinta e um anos, Raul de Leoni deixou uma biografia rápida, cujos traços mais importantes são os que acabamos de dar o que é principal, não, porém, é a obra que nos legou, obra que, sendo embora reduzida, se tem imposto com uma extraordinária vitalidade, como uma das mais sólidas da sua geração.

De livros ele publicou apenas dois — a Ode a um poeta morto, plaquete escrita em 1918, por ocasião do falecimento de Olavo Bilac, de quem fora grande amigo e que o tinha na mais alta conta; e a Luz Mediterrânea, coletânea de sonetos e poemas.

Luz Mediterrânea teve até agora três edições: a primeira foi dada pelo próprio poeta, em 1922; a segunda, que veio acrescida da Ode a um poeta morto e dos Poemas Incabados, trouxe uma advertência do sr. Manoel Bandeira e um prefácio do sr. Rodrigo Melo Franco de Albuquerque; a terceira apareceu a ano passado na Civilização Brasileira, é a reprodução da segunda.

EXPLICAÇÃO DE "AUTORES E LIVROS"

AUTORES E LIVROS vem procurando cumprir a missão que traçou para si mesmo a de tornar um órgão fácil e acessível da cultura brasileira. Para isso vem executando o programa que o leitor conhece: o de organizar, num, cada semana, uma pequena antologia crítica, dedicada a um escritor cuja data de morte seja comemorada na semana que está transcorrendo. Sucede, não raro, que os nomes listados, que seriam dignos de entrar no suplemento, são numerosos numa semana só. Temos, então, que dedicar o suplemento a dois ou três deles; ou às vezes esquecemos alguns, que serão estudados futuramente, quando de novo volverem as datas que os recordam.

Não máis que está passando através de leremos de dedicar um suplemento a Augusto dos Anjos. Desejamos prevenir aos leitores que com o último suplemento deste ano daremos um índice geral de toda a matéria até então publicada em AUTORES E LIVROS, ocorrendo assim o primeiro volume do publicação.

FRAGMENTOS

RAUL DE LEONI

DO JOGO

Toda a vida humana nada mais é do que um jogo torturante e sutil, de cada instante.

O homem vivendo no mundo, cuja razão de essencial lhe escapa, cuja lógica desconhece, cuja intenção não penetra, onde tudo é problemático e pago, desde as primeiras causas até os últimos fins — agita-se e passa sem certeza de nada — sombra cega da vida, — movendo-se entre tudo pela simples simpatia das aparências, por perigosos cálculos da ilusão.

Não dispondo de nenhuma verdade, ele crê: e que a criança ainda uma aposta arriscada com o desconhecido, em que se empenha todo o destino do espírito?

Nada sabendo do que o espera na curva dos dias, ignorando tudo que ainda está para além das horas, o homem espera: na esperança do jogo, às vezes, compromete o presente, e a esperança é apenas um palpito sobre o futuro...

Tudo que desejamos e fazemos, depende muito menos de nós — jogadores das coisas — do que da surpresa das circunstâncias, que se combinam em tecidos caprichosos e efêmeros, com a mesma inconsciência das cartas de jogar...

Viver é jogar, jogar sempre... Por que, amaldiçoam-se os que se entregam despaadamente nesse outro jogo ingênuo que a trama m. torno do mistério dos números sobre o pano verde?

Não é lógico. Este jogo é talvez uma das maneiras mais inocentes e grandes do eterno jogo da existência humana. É uma forma leuissima da luta entre a ambição e a esfinge.

É o comércio trágico da sorte — a profissão da dúvida, a indústria do Acaso.

* * *

As únicas salvação do ridículo são o gênio e a tragédia...

* * *

Preferimos sempre a filosofia do nosso temperamento...

As filosofias são os diferentes climas do espírito.

* * *

Pensamos tanto em Deus... Que pensará Deus de nós?

* * *

Ironia... ironia... Um sorriso constrangido da Dúvida: uma delícia da ignorância... uma dignidade despeitada do pensamento; um pudor da Razão.

* * *

Afinal, tudo que se disser sobre todas as coisas pode ser verdade...

* * *

A memória... jardim das sombras mortas... museu trágico da alma.

* * *

Continua a pensar... Ninguém vos poderá assegurar que isso seja um esforço inútil...

* * *

Não pensar talvez fosse ainda pior.

* * *

A imaginação é a minha realidade superior...

Neste maravilhoso tumulto das ruas cariocas, que excitam os apetites da vida e dedicam sempre um momento de saúde a meu querido Raul de Leoni. De todos os seus companheiros, era eu talvez o mais deslumbrado pelo brilho permanente da sua pessoa.

Não conheço ninguém com maior fascinação pessoal. Não que os seus olhos fossem limitados de simpatia humana, debruçados sobre a dor das vezes bem evidente das outras criaturas. Porém, porque a sua inteligência dava espetáculos de circo, fazia prodígios de habilidades verbal, de equilíbrios difíceis e de saltos da morte, diante do pequeno público sempre atônito dos seus amigos. Principalmente ao passar por certos bares da cidade, de que durante muitos anos a sua juventude boêmia fez uma habitual escriptorio do espírito, a saudade da sua pessoa me comove. E fico às vezes parado, banzo, como que esperando a ressurreição súbita do seu vulto magro dentro a turba.

A vida quotidiana não deixou vestígios aparentes na sua obra. A sua poesia era toda criada num mundo especial de abstrações filosóficas, ou de coisas evocadas. Vivia intensamente, num certo sentido um tanto material, uma curta existência de trinta anos. Porém, seu pensamento possuava longe, ou em praias da Grécia, ou em Florença, na

nobre e amável Florença Doce filha de Cristo e de Epícufo!

O mundo presente era para ele um magnífico lugar para a instalação dos sentidos avidos. Não estava, porém, em harmonia com a sua vida interior. O sentido contemporâneo não existia, para a obra lírica em Raul de Leoni. Estas ruas cheias

de funcionários públicos, de cambistas, de agentes de automóveis, de negociantes pangudos, de mulheres diversas de diversa graça e diversa finalidade, tudo isto que faz a confusão colorida e banal da praça pública não interessava à sua personalidade sensível.

A segunda edição da "Luz Mediterrânea", com os últimos poemas de Raul de Leoni, os "poemas inacabados", acaba de ser feita pelo Anuário do Brasil, com um prefácio do sr. Rodrigo M. F. de Andrade (a quem o poeta confiava, pouco antes de morrer, a sua obra) e umas palavras de advertência do sr. Manuel Bandeira. E pena que o sr. Rodrigo M. F. de Andrade, que é um dos verdadeiros grandes espíritos da nova geração, não tenha podido dedicar à personalidade de Raul de Leoni um estudo mais longo, Convalescente de uma enfermidade que foi o resultado da sua obrigatória dedicação a um exaustivo trabalho mental, o sr. Rodrigo M. F. de Andrade esboçou apenas o estudo da poesia de Raul de Leoni. Esse esboço, porém, te naquele cunho de "chose admirável" que caracteriza tudo que sai das mãos do escritor elegantíssimo.

A poesia deliciosa de Raul de Leoni, conforme acentua o prefaciador, é uma poesia cerebral, "em que as propriedades de sugestão veem das idéias tomadas das como entidades absolutas, como seres dotados de vida própria e autónoma, mais do que como simples movimentos ou operações do pensamento". Penso, entretanto, que Raul de Leoni não foi "o único poeta de enação puramente filosófica" em nosso país. Há também Augusto dos Anjos, o singularíssimo Augusto dos Anjos, com quem Raul de Leoni tinha alguma afinidade.

Quasi todos os nossos poetas são instintivos. Raul de

Leoni, que fazia a apologia dos instintos, era o menos instintivo de todos.

Seus versos nascem de um conflito do espírito com o mundo exterior: não de um conflito dos sentidos.

Mesmo quando "a hora cinzenta" vem segredar-lhe sugestões líricas, é o pensamento, nunca os sentidos, que se debruça sobre a melancolia das coisas.

Desce um longo poente de elegia Sobre as mansas paisagens resignadas

Uma humaníssima melancolia Embalsama as distâncias desoladas.

Longe, num sino antigo, a Ave (Maria), Abençoou a alma ingênua das (estradadas)

Andam surdinas de anjos e de fadas Na penumbra nostálgica, macia...

Espiritualidades comovidas Sobem da terra triste, em reticências,

Pela tarde sonâmbula, impressa...

Os sentidos se esfumam a alma e essência... E entre fugas de sombras translucentes

O pensamento se volatiliza... Sobre Raul de Leoni, apesar do magnífico pequeno ensaio do sr. Rodrigo M. F. de Andrade, parece-me que ainda está por escrever muita coisa. Essa poesia, tão rica de idéias, de imagens, de cores e de formas, e das mais belas da língua, Porém, dizer isto é dizer generalidades abstratas. Eu desejaria contribuir para a obra indispensável ao exato estudo da sua pessoa e dos seus poemas. Não mais posso, pelo menos por ora, do que atirar sobre a terra ainda fresca do seu túmulo, estas palavras pobres. Nem elas exprimem tudo que eu sinto nesse livro maravilhoso que é a "Luz Mediterrânea". Talvez a melhor das minhas homenagens, até agora, esteja na voz irremediavelmente comovida com que certas noites, no solidão de uma sala, declamo "os seus grandes versos", com a sensação absurda de estar com um anjo de azas abertas sobre a minha cabeça...

("Jornal do Brasil" de agosto de 1938).

A rua Raul de Leoni, em Petrópolis

PARTE OFICIAL
PREFEITURA MUNICIPAL
ATOS DO EXECUTIVO
Ato n. 44, de 10 de Novembro de 1928

O Prefeito do Município de Petrópolis, usando das atribuições que lhe confere o art. 33, letra A, da Lei n. 1.734, de 14 de Novembro de 1921:

E considerando que não há traço para que o trecho da rua 7 de Setembro, da esquina da rua Silva Xavier, lado par, até à rua Ipiranga continue a ter a mesma denominação, visto constituir lógica e razoavelmente nova rua:

Considerando que o imortal poeta Raul de Leoni nasceu em Petrópolis e que, com a imensa irradiação de seu talento vigoroso, vem ainda com os versos de sua lira, tão cedo quebrada pela morte, cobrindo de glórias a sua terra:

Considerando que o Município de Petrópolis deve ao seu ilustre filho — o consagrado cantor da "Luz Mediterrânea", tão cedo arrebatado à vida, uma expressiva homenagem:

Considerando que Raul de Leoni pode-se comparar em talento creador e em surtos de

(Continua na página 217)

Um artista, realmente. Na acepção mais requintada, mais álica da palavra.

A mesma sensação de inspiração, de uma inspiração depurada de escórias realistas, de uma inspiração toda feita de abstrações de pensamento e impregnada dessa voluptuosa melancolia que, diante da vida imperfeita para a demasiada exigência do sonho, bela no entanto pela multiplicidade de suas expressões plásticas, faz aflorar aos lábios o sorriso compreensivo da ironia, novamente e mais intensamente ainda me envolveu. O pantheísmo fuminado de Raul de Leoni, que em tão formosas imagens soube pintar o romantismo nostálgico dos crepúsculos, o colorido sensual das rosas, a secreção de inebriada alegria da terra bafada de sol, pelas manhãs muito azues do nosso verão, esse pantheísmo refinado que lhe dava essa sima:

Harmoniosa e sutil, sensual e epolita
Filha do idealismo epicurista,
Formada na moral da Renascença.

é que tão rara e pessoal lhe torna a poesia.

Houve alguém que já disse serem os poetas crianças que se divertem com imagens. Em Raul de Leoni esse divertimento revestia-se, no entanto, de um sentido mais profundo e mais amplexivo: As imagens eram-lhe símbolos, dando reconhecida significação a todas as figuras e aparências do mundo, universalizado na sua agudíssima sensibilidade de poeta. Esta sensibilidade, no entanto, Raul de Leoni, em todos os seus poemas como na sua vida e até na sua morte, teve o requinte de dar-lhe por tema este mesmo pudor de que seu delirioso sonho tão eloquentemente nos aponta como a suprema dignidade do espírito humano.

Artista como poucos o têm sido entre nós, "poeta por enação puramente filosófica", como tão justamente o classificou Rodrigo M. F. de Andrade, mas de uma filosofia humanizada de piedade pelas criaturas e aquecida por esse entranhado amor a vida que lhe arrancou, exausto de raciocínios, esta exclamação soberbamente pagã:

Glória ao Instinto, a lógica fatal
Das coisas, lei eterna da criação
Mais sábia que o ascetismo de Pascal!
Mais bela do que o sonho de Platão!...

Raul de Leoni, filho espiritual dessa Hélade, de que possuem os seus versos a luminosa harmonia, teve a sorte dos que eram diletos dos seus deuses: morreu moço. Deixou-nos, porém, para espantar as sombras do fatal obitório em que a leno e leno se amortalha o nome efêmero dos homens, um clarão imorredouro dessa Luz mediterrânea de que soube erguer tão alto o facho de imperceptível claridade...

(Do "Jornal do Brasil" de domingo, 5 de agosto de 1928).

FEMINA... -- MARIA EUGENIA CELSO

Foi há anos já. Um dia, numa revista, ou jornal, — não as surpresas de quem se dá ao vício de ler jornais e revistas, — aquela vontade me caiu de baixo dos olhos. Ainda havia nessa época uma certa consideração pelo soneto.

Da minha parte, pelo menos, a quem geralmente tudo que toca à poesia sempre interessou.

Um soneto a mais, para quem os cometia também de vez em quando; não era excessivo. E li:

PUDOR

Quando fores sentindo que o fulgor
Do teu Ser se corrompe e a adolescência
Do teu gênio desmaia e perde a cor,
Entre penumbras em delinqüescência,

Faze a tua sagrada penitência,
Fecha-te num silêncio superior,
Mas não mores a tua decadência
Ao mundo que assistiu teu esplendor!

Foge de tudo para o teu nadir /
Foupa ao prazer dos homens o teu drama!
Que é mesmo triste para os olhos ver

E assistir, sobre o mesmo panorama,
A alegoria matinal subir
E a ronda dos crepúsculos descer...

* * *

A sensação de um sopro largo e profundo, o sopro da inspiração, um segundo das coisas de em torno me arrebatou. A folha corriqueira desapareceu e a ideia, de uma alta e sobranceira filosofia, ficou longamente ressoando no ritmo cadenciado das estrófas, como um acorde de estranha melodia.

Relembrei os grandes versos orgulhosos de Vigny:

Gémir, pleurer, prier est également lâche
Fais énergiquement la longue et lourde tâche
Dans la voie ou de mort, ou de l'appeler
Puis, après, comme mort, souffrir et mourir sans parler.

Havia uma longínqua analogia de pensamento e a mesma soberba envergadura de forma. Decorei o nome do autor: Raul de Leoni. Achei bonito esse nome, elegante, com qualquer coisa de romântico e de fidalgo, um verdadeiro nome de poeta.

Não vim, porém, a conhecer pessoalmente este poeta e só agora, na segunda edição de "Luz Mediterrânea", já postuma e que pude tomar conhecimento da obra inteira do artista.

VIDA QUE PASSA... Rosalina Coelho Lisboa

Lembrar a vida de Raul de Leoni é assim como relembrar um poema, um poema de magnificência dorida, tocado da magia oriental, que arde em sacrificios, para se elevar em renúncia.

Raul de Leoni...
O Brasil nunca possuiu um cantor em cuja arte vibrassem tão profundamente, tão confortadoramente, o carinho espiritual do universo e a compreensão fraternal dos seres, compreensão adâmica de sentimento de solidariedade na dor, a compreensão que, de longe em longe, brota de milagre um caminho, erguendo um homem acima das paixões humanas.

Era como se, ao iniciar sua rota, esse esplêndido poeta houvesse deixado sua consciência sentir, de perto, o amargo delineio de todas as rotas e houvesse estremecido ante a verdade. — E' só aos senhores que a verdade aparece.

E era como se, olhando as rotas todas, cobertas de sombras, ladeadas de sacrificios, cheias de erros inelutáveis e inelutáveis castigos desses erros, esse alto poeta lhes houvesse sorriso no encontro final, à encruzilhada em cujo caminho todas elas se confundem, se tornavam, se perdem, torturadas, mas livres...

Críminosos, mas, néscios perseguidores, nunca foram, a seus olhos compassivos, sendo pobres atormentados do mais cruel tormento — o da inconsciência. Seu espírito sereno acolhera, em fraternal piedade, o ensinamento divino: "... eles não sabem o que fazem..."

Raul de Leoni esculpia seu destino e glória, na glória, desnecessitada de recompensas e aplausos, dos iniciados do sonho. Alé o fim, lutou em oitava, apesar das criaturas e das coisas, contra o feio vitorioso na terra, contra o feio evidente e o feio que uma aparência de beleza encobre. Conheceu as vitórias silenciosas, os triunfos solitários dos eleitos. E, amando todos quantos se debatam na agonia de ser, liber-



O POETA COM O SEU CAO

ou-se de influências e rasgou, por si, no ingrato coração do mundo hostil, seu luminoso caminho de poeta, como se, antes de sua vida, "não houvesse existido mais ninguém".
A turba não conhece Raul de Leoni. Os iluminados nunca trabalham com a multidão, e sim pela multidão. Os que amam a Poesia, porém, sofrem com a morte desse bardo magnífico, com a mudez dessa dulcíssima voz de sabedoria, que se calou quando atfendida em rauidosa paixão. E os poetas que o conheceram nunca mais o esquecerão — há um claro no pru-

po de combatentes, que segue adiante, no árduo combate, a sombra que se fez agora. Nenhuma luz a poderá destruir...
Outros poetas virão, para ategria dos seduzidos de poetas, a hão de eler da Bondade, da inteligência, do ideal, de todas as forças feticheiras que embalaram Raul de Leoni. Mas ninguém o substituirá na saudade de seus amigos, ninguém o substituirá no culto elevado dos que lhe amam os versos puros como sua alma pura, e lhe amaram a alma, perfeita como seus versos perfeitos. ("A Noite" — 27 — 11 — 1926)

O crescente e a cruz-Raul de Leoni

O CRUZADO E O CONSCRITO DE HOJE

Vem-se observando, em certas esferas de opinião, na Europa, uma tal ou qual apreensão quanto a um possível caráter religioso que, inesperadamente, venha revestir o conflito no Rif. Semelhante apreensão, se em parte chega a ser ridiculamente ingênua, não deixa, todavia, de ter o seu lado justo.

Assim é que, no que respeita aos beligerantes europeus, parece completamente absurda a idéia de que em qualquer circunstância possam interessar uma inspiração religiosa no movimento de suas armas, sendo, entretanto, bem possível, sendo bastante provável, que o comando árabe venha a explorar, ou já esteja explorando, os melindres idealistas do mundo islâmico, em favor da sua gloriosa rebeldia.

Infelizmente, a semente mística não medra mais na alma esteril do soldado da Europa. Do cruzado ao conscrito de hoje vai apenas a diferença de oito séculos de filosofismo dissolvente, de progressivo e amargo desencantamento materialista das coisas que, afinal, resultaram num frio e incurável ceticismo irônico...

Os cavaleiros da Cruz que outrora se aventuraram por longas terras ignotas, para conter as marés-montantes do islamismo, levaram realmente, na alma exaltada a vibração de um alto idealismo redentor. Se algumas vezes o deslumbramento dos jardins da Armida e das cidades de ouro do Califé os transviou da sua empolgante missão, transformando-os em cúpidos rapinantes, saqueadores vorazes, nem por isso eles deixaram de sentir a divina glória de morrer pelo Crucificado...

Era bem humano que a carne maltratada e ofendida das flagelações ascéticas se vingasse ao contacto perturbador do Oriente capitoso, mas nem assim arrefeceram na consciência dos legionários de Cristo os estremecimentos de ideal místico.

Nem mesmo as últimas cruzadas, que foram uma evidente tentativa de saque organizado do Oriente, deixaram de salvar-se espiritualmente pelo sacrificio total de que foram capazes em nome da fé infinita...

Allás, roubar o infiel talvez fosse um outro modo de servir ao Senhor...

A verdade é que, naqueles tempos, combater no Oriente era, para o bom cristão, além de um alto e comovido interesse místico, um raro prazer humano. Entendiam-se bem a penitência e a voluptia. O Oriente tinha todas as seduções que faltavam na árida penumbra soturna das vilas feudais. E, então, debaixo da chapéu reizante da armadura, os cavaleiros góticos levavam um coração delirante de fé e sófrego de desejo. E, diante dos seus olhos em fogo, lá longe, despia-se, na fimbria dos horizontes luminosos, a visão alucinante das Mil e uma Noites...

"UNE BONNE AFFAIRE" PARA CREUSOT ET SCHNEIDER

Hoje o cruzado é uma entidade absolutamente impossível. O atual soldado cristão da Europa não daria um passo para resguardar o Santo Sepulcro e as sagradas efígies do seu templo de fúria iconoclasta do maometano, a não ser que ficasse bem provada a existência de jazidas de ouro ou ferro nas terras sobre que assentam as venerandas reliquias.

Uma cruzada, atualmente, só é possível como um grande movimento cenográfico da "Paramount" para restaurar o empolgante espetáculo "in-loco".

Sem ímpeto místico para tentá-la, o atual cavaleiro de Cristo não veria também nenhum estímulo no seu desejo na pobre Síria maltrapalha e faminta. Lá, já há muito, se apagaram os cenários encantados de Scherazada. Em seu lugar o olhar desiludido do moderno cruzado dislumbrar-se, no fundo dos horizontes mortos, a ironia das miragens, esses delírios da luz desvaída...

A libertação de Jerusalem seria hoje em dia, "une bonne affaire" para Creusot e Schneider, mas não daria um poema a Tasso...

O soldado europeu de hoje não tem mais o sentido místico, nem o sentido épico. E' um racionalista frio: um operário da guerra, um técnico da destruição, profissional da carnificina...

Nas próprias rechas rifeñas entre charcos putridos, charneas inhóspitas e cômoros maninhos, ele não se sente bem; um morno tédio bocejante envolve a marcha sonolenta das suas coxas. Ele não compreende bem a razão pela qual depois de dez anos de sangueira, inquietação e sobressaio no continente natal, ainda o coagem a chacinar uns mouros vadios e ferozes, em terra bárbara. A soalheira candente da terra africana, a desolada violência da sua paisagem — feita de melancolia e vapor, onde parece pairar aquele gênio trágico do lapis de Doré — e a fereza tigrina do berbere indomável, não são, realmente, elementos de grande sedução para um soldado sem fé, "blasé" de carnificina, com certos hábitos de higiene e de prazer...

Acresce que, suficientemente cético para poder tomar um eventual interesse religioso empreste semelhante flicção — esse soldado é insuficientemente culto para enxergar os altos propósitos patrióticos da campanha...

Daí, talvez, grande parte do evidente malogro, não tanto, mas da visível improficuidade das suas ofensivas.

Ele se bate friamente, monotonamente, mecanicamente. Nenhum misticismo nessa alma cansada...

A ALMA MUSULMANA

Entretanto, a condição moral do recruta rifeño é bem diversa. E é aí que me parece justificar-se a aludida apreensão reinante em alguns círculos de opinião.

A alma virgem desse guerrilheiro bárbaro ainda oferece uma grande combustibilidade a centelha mística. Se até agora, sem o impulso da sugestão religiosa, mas simplesmente sacudido pelo instinto elemental de reivindicação e libertação, ele se revela tão desfemeroso e indomável, imagine-se em que tremendo adversário se transformaria na-hora em que lhe despertassem no psiquismo bronco e obscuro as terríveis taras místicas!

Esse rebelado já tem a seu favor a invencível força moral de se estar batendo pela redenção de uma raça que tem o direito natural à terra que pisa, que cultiva e que ama. Ainda que bárbaro, ou por isso mesmo, ele tem uma nitida, violenta, feroz compreensão desse sagrado direito. Ora, se além de tudo, ainda se deflagrasse nessa natureza assomada o fogo da exaltação religiosa, não seria fácil contê-la.

Quando isso se desse, a situação, na Africa maometana, reverteria, com efeito, uma gravidade alarmante. Uma vez implantado semelhante espírito nas mesnadas do caudillo insur-

S Í N T E S E

Somos, na Vida, a síntese apurada
De tudo o que viveu antes de nós;
Sou a compendiação cristalizada
Da história milenar dos meus avós.

Em mim, austeramente, continua
Uma raça de velho itinerário.
E eu conservo, no fundo da alma tua,
O cumbo do destino hereditário.

Quem me vê!... E eu condenso mil essências,
— Sedimentos de idades e de idades —
Na verdade incisiva das tendências,
Nos meus impulsos e capacidades.

Restos de dias mortos e resíduos
De gerações e tempos indistintos
São a razão de ser dos indivíduos,
O segredo latente dos instintos.

Cada atitude, cada gesto dado
Que o nosso íntimo espírito acomete
E' um momento da raça renovado,
E' um minuto ancestral que se repete.

Nós, desde o homem que pensa à planta e à [lesua,

Somos uma sequência enorme e vasta,
Uma força remota que se gasta
Na sucessão continua de si mesma.

E é por isso que eu sinto e nós sentimos,
Em momentos recônditos extremos,
A saudade de coisas que não vimos,
E o orgulho de tudo o que não temos.

Ser novo é um paradoxo inconsistente
Que só vive nos nossos pensamentos;
O que há de novo é o aspecto diferente
Lastreado dos mesmos fundamentos.

A Evolução!... E, com ela, melhoramos
Mas a Alma melhorando se enfraquece,
Tal como a gota d'água que desfilamos,
Que quanto mais se apura, mais decreesce.

Sim! que o destino em seu maior conceito,
Na agitação dinâmica do Ser,
E' ir lutando para ser perfeito
E ser perfeito e desaparecer...

RAUL DE LEONI

LEONI — Benjamin Costalat

Quando Bilac morreu, Raul de Leoni na sua "Ode a um poeta morto", consagrou-lhe à memória esses versos de mármore:

Semeador de harmonia e de beleza
Que num glorioso túmulo repousas
Tua alma foi um cântico diverso
Cheio da eterna música das coisas,
Uma voz superior da natureza,
E uma idéia sonora do Universo.

Disse-te a Glória de viver, e agora,
O teu eco a cantar pelos tempos em fóra
Dira aos homens que o melhor destino
Que o sentido da vida e o seu arcano
É a imensa aspiração de ser divino
No supremo prazer de ser humano.

Leoni hoje, também morto, merece o próprio a glória desses versos. Mas não tem quem lhe faça iguais.

Na poesia brasileira Leoni foi com Bilac a expressão mais nobre e mais elegante.

Eu não sou entendido em versos. Nem sou crítico literário. Mas como disse o grande France, "le bon critique est celui qui raconte la saventise de son ame au milieu des chefs-d'oeuvre". E essas lindas aventuras da nossa alma, na contemplação das obras primas todos nós somos susceptíveis de contá-las.

Mas o que me faz escrever essas linhas sobre Leoni não é o estudo da sua poesia que já foi feito pelos competentes.

É a minha velha admiração e a minha grande saudade por ele que foi dos meus amigos, dos primeiros amigos e colegas de sonho, nesta torturante e admirável carreira das letras, agora que toda a sua obra acaba de ser reunida e reeditada pelas mãos carinhosas e pela nobre sensibilidade de Rodrigo M. F. de Andrade.

Leoni, com mais pudor literário do que eu, ainda não tinha estreado nas letras, quando publiqui os meus primeiros livros. Eu lhe lia os meus originais que ele escutava com paciência. Aí naqueles jantares da Brahma, onde ambos comíamos pouco mas demorávamos longas horas sonhando alto, às vezes barulhentosamente, os nossos sonhos de glória, no esplendor magnífico e na certeza inebriante da nossa mocidade.

Depois de dois de tres cafes intermináveis sentamos pelas ruas, como se fossemos sócios no mundo, e o mundo fosse nosso, e tivéssemos sido criado exclusivamente para que dele fizessemos literatura.

Leoni, mais velho e mais culto dizia-me coisas maravilhosas que eu escutava como se caíssem do céu.

Ele já tinha iniciado a sua admirável "Luz Mediterrânea".

Cidade da Iônia e da Belezia,
Fica na dobra azul de um golfo pensativo,
Entre cinzas de praias cristalinas
Resgando luminárias de colinas
Com a graça ornamental de um cromo vivo.

As vezes tamox até o Leme, de automovel, aberto na noite
esplêndida e límpida de verão. É o poeta recitava:

Banhavam nas antigas águas delirantes
Azuis, kaleidoscópicas, amenas
Onde se espelha em refrações distantes
O vulto panorâmico de Athenas

Não imaginam a emoção com que acabo de reler essas palavras, esse "vulto panorâmico de Athenas" que eu estou ouvindo agora mesmo como se tivesse saído da boca entusiasmada e forte de seu criador... Eu sinto ainda o timbre de sua voz, a articulação e o colorido que dava à plástica de seu poema!...

Mas, curioso. Aquela grande escritor, aquele poeta sublime, tinha mais orgulho de sua musculatura de que dos seus versos. Os versos ele ainda não os publicara. Os seus "biceps" ele os exibira a cada instante. Leoni era formidavelmente forte. Todas as manhãs fazia uma metódica e severa cultura física. Depois é que ia ler o seu Renan.

Os versos, ele os dizia a muito pouca gente. Mas qualquer que se aproximasse do seu "torax" desenvolvidíssimo, e lhe segurasse o braço distraidamente, ele logo fazia pular os músculos num prazer de joven ateniense...

Ele era mesmo um puro ateniense também pelo espírito e

reto, os acontecimentos ganhariam mesmo uma extensão incalculável. O incêndio poderia propagar-se a todas as populações islâmicas da África do Norte, desenvolvendo-se, depois, na Síria — onde já referve e borbulha o fermento da Insubmissão — para, por fim, constituir um amplo movimento de todo o Império do Korão contra a política colonial da Europa.

Sabido que o fanatismo é uma diátese da alma muçulmana, depende da habilidade dos chefes ritenhos provocá-lo, em benefício da causa redentora. A cabeça da formidável rebelião, no dia em que ela atingisse tais proporções, seria, necessariamente, a Turquia, esse velho império-fantasma, acudido e esquecido num devião da Ásia Menor, à espera da hora reivindicadora.

É que força temível não representaria um soldado palpitante de raiva ancestral, fremente de ideal libertador e abraçado de fé, para o qual os surrales do Korão ainda tem o poder dos talismans do Profeta!

A Europa, ética e doente, dificilmente saberia dominá-lo, essa luta lhe custaria um pesado sacrifício, nas atuais circunstâncias da sua economia e da sua crise moral.

O império colonial da Europa não submergia, decerto, mas ficaria afogado, por muito tempo, nessa preamar do Islamismo...

A Cruz nada sofreria, na cúpula das basílicas longínquas... Mas, de qualquer modo, lá no fundo do Levante, o Crescente, que parece ir minguando, acenderia, de novo, a plena fulguração do seu disco de prata na fluidez do céu mediterrâneo...

Esperemos...

"Luz Mediterrânea" — Claudio Ganns

Este que vem é um grande poeta. Poeta de claridades esplêndidas e de rigor rapsódico. É luz intelectual que jorra dos seus poemas, de harmonias gregas e de força romana, é bem a maravilhosa "Luz Mediterrânea", que criou os melhores monumentos da civilização latina.

As raças do norte tem mais penetração, envolvendo as suas idéias em simbolismos agudos, cuja nebulosidade é às vezes mais encantadora por ser menos acessível... Sua existência, quase toda interior, é a dos dramas das almas, que se encarnam nos sofrimentos subjetivos. Faltam-lhes as ar, clareza; tem por isso mesmo a sedução do mistério e do desconhecido... As raças mediterrâneas praticam melhor a existência objetiva, fruindo as solicitações do instinto, tirando um prazer mais requintado da vida das formas ou das aparências... Sobretudo luz e fortaleza. Um exemplo dos primeiros: Ibsen ou Tolstói; outro, dos últimos: D'Annunzio ou Anatole France.

Raul de Leoni, o poeta latino da "Luz mediterrânea" tem as expressões primaciais da sua estirpe ancestral. O seu pensamento é lúcido de um luminoso esplendor; as suas imagens tem um requinte sutil e luxurioso... Poeta intelectual, que procura os seus "motivos de arte" na vida desfiguradora das idéias, não se apresenta com a sua frase casística. Vento-as de formas coloridas e vibrantes, empolva-as numa roupagem magnífica de adornos que sem chegar ao luxo asiático, lembra de quando em quando a fina simplicidade helênica, sugere outras vezes a serena majestade romana.

Amostra da primeira feição está neste "Noturno":

"No parque amado, a noite era atenuada e mansa
Sob a lenda encantada do luar..."

Os pinheiros pensavam coisas longas,
Nas alturas dormientes e desortas.
O aroma musical dos jasmims, delirantes,
Linhando um cheiro acre de resinas,
Espiritualizava e adormecia
O ar meigo e silencioso...

Como fora do Tempo e além do Espaço,
Ser sem princípio, espírito sem fim,
Sofria toda a humanidade em mim.
Nessa contemplação imponderável!

Já não havia o tremulo compasso
Das horas que fugiam pela noite.
Que os olhos soltas pela imortalidade,
Nunca melancolia destruída,

pela elegância da forma medida, impecável e harmoniosa. Isso ligado ao calor e ao sensualismo de um florentino do renascimento.

Florença! Era a paixão maior de Raul de Leoni. E não sem razão, ele se dizia descendente da terra do Lírio Vermelho, e ostentava o seu perfil que parecia ter saído do buril de Benvenuto Cellini.

Éis o seu lindo painel da cidade amada:

..... eleva na canção dos sinos
..... Alma de Venus e Maria.
..... sonho de amor nos Apeninos.
A cidade das flores e dos poetas,
Das paixões elegantes e discretas.
Das fontes, dos jardins e das duquesas,
Das obras primas e das subtilidades
É todo um povo amável que se anima
E que a amar e a sorrir da alvorada ao sol posto
Faz da Vida uma obra prima
De sensibilidade e de bom gosto.
Trago-te a minha gratidão latina
Porque foi no teu seio que se fez
Toda a ressurreição da vida luminosa

O! Florença! Florença!

A mais humana das cidades vivas!
A mais divina das cidades mortais!

Foi esse poeta que morreu aos trinta e um anos.
Ele que acreditava na beleza das coisas e na alegria da vida, ele que podia ostentar um corpo forte e uma inteligência maravilhosa, ele o grego de plástica e o florentino de espírito, mas bem brasileiro de alma — ele, Raul de Leoni, o grande poeta, morreu logo nos seus primeiros cantos. Mas teve cantos eternos e sublimes.

Leoni!

De nós dois eu fiquei,
Mas, aqueles lindos sonhos que sonhamos juntos, foste tu o único, que os realizou!
Tua glória era alta de mais.
E foste usada-junto das estrelas!...

Canção de todos

Dois almas deves ter...
É um conselho das mais sábias;
Uma, no fundo do Ser,
Outra, boitando nos lábios!
Uma, para os circunstantes,
Sóla nas palavras suas,
Que inutilmente proferes,
Entre sorrisos e acenos:
A alma volubel das ruas,
Que a gente mostra aos passantes,
Larga nas mãos das mulheres,
Agita nos torrelinhos,
Distribui pelos caminhos
E gusta, sem mais nem menos,
Nas estradas erradias,
Pelas horas, pelos dias...

Alma andrôina e usual,
Longo do Bem e do Mal,
Que não é má nem é boa,
Mas, simplesmente, humana,

Agil, sutil, diluída,
Moeda falsa da Vida,
Que vale ao porque sou,
Que compra os homens e a glória

E a paixão que rebosa:
Alma que se enche e transborda,
Que não tem porque nem quando,

Que não pensa e não recorda
Não ama, não crê, não sente,
Mas vai vivendo e passando
No turbilhão da torrente,
Través intricadas teias,
Sem prazeres e sem máguas,
Fugitiva como as águas,
Ingrata como as areias.

Alma que passa entre apódoes
Ou entre abraços, sorriso;
Que vem e vai vai e vem,
Que tu empresta a todos,
Mas não pertence a ninguém.

Solamandra furta-cor,
Que muda ao menor rumor
Das folhas pelas devexas;
Alma que nunca se exprime,
Que é uma caixa de sapatos

Nas mãos dos homens prufentes;
Alma que é talvez um crime
Mas que é uma grande defesa.

A outra alma, pérola rara,
Dentro da cor-ha t anguila,
Profunda, eterna e tão ca-a
Que poucos podem possuí-la.

É alma que nas entranhas
Da tua Vida murmura
Quando paras e risonças.
Que assiste das Montanhas
As flores desenvolturas
Do panórama das coisas
Para melhor conhecê-las.

Essa que olha as criaturas,
Sem jamais comprometé-las,
Entre perdões e doruras,
Num pudor silencioso,
Com o mesmo olhar generoso,
Com que contempla as estrelas
E assiste o sonho das flores...

Alma que é apenas tua,
Que não te trai nem te engana,
Que nunca se desvirtua,
Que é a voz do Mundo em surdina,

Que é a semente divina
Da tua témpora humana,
Alma que só se descobre
Para uma légima nobre,
Para um herosmo eletivo,
Nas íntimas conjunções
De verdade e de belezas:

Milagre da natureza,
Transcorrendo em reticências
Num sonho límpido e honesto,
De idealidade suprema,
Ora, afirmando num gesto,
Ora, subindo num poema.

Fonte do Sonho, jazida
Que se esconde nos garimpos,
Guardando, em fundos estereos,
O ouro da tua Vida.

Alma de santo e pastor,
De herói, de mártir e de ho-
mem;

A redenção interior
Das forças que te consomem,
A legenda e o pedestal
Da aspiração ínfima
Que se aprofunda e se agita
No teu ser universal.

Alma profunda e sombria,
Que ao fechar-se cada dia,
Sob o silêncio fechado
Das horas graves e calmas,
Te envia a filosofia
Que descobriu ao mundo
Que aprendeu nas outras almas.

Dois almas tão diversas
Como o poeta das auroras:
Uma, que passa nas horas;
Outra, que fica no tempo.

RAUL DE LEONI

Prefácio á 2ª edição da "Luz Mediterrânea"

Rodrigo M. I. de Andrade

Áquelas que mais de perto conheciam Raul de Leoni, sabiam o preço que ele dava à vida. Era natural que imaginasse, no poeta da "Luz Mediterrânea" uma atitude de violenta revolta em face da morte incalçável.

Todavia, soube-se depois que tudo se passara ao contrário do que receavam os seus amigos.

Quando Raul de Leoni se comprometera do fim próximo, adquiriu a mais profunda serenidade. Discorreu tranquilo sobre o que se passava, ditou metódicamente as suas últimas disposições, e interrogado sobre o destino de sua obra literária, concordou no alituro de se lhe recitar a "Luz Mediterrânea".

Expirou serenamente, na sua casa de Itapava, aos 21 de novembro de 1926. Tinha 31 anos e deixava uma das obras mais consideráveis da nossa poesia, pela unidade de pensamento e pela formosura dos ritmos.

Embora afastado dos meios literários, não lhe diminuiu nunca o prestígio, que era igual nos dias correntes opostos em que ficou dividida a nossa poesia, — uma inflamada de espírito recuador, a outra docil aos novos modelos da geração anterior. Raul de Leoni agridava aos primeiros pela independência de sua obra, aos segundos pela formação clássica de sua cultura.

Se havia entre nós um poeta de certo classicismo, certo seria este, pelas proporções claras e contínuas, pelas intuições puras e nitidas, pelo equilíbrio formal dos seus poemas, lento quanto pela rara concisão para a expressão de idéias abstratas. E era admirável o rigor tónico com que nos seus versos se descobria o pensamento, animado pelo fogo precioso das imagens.

Paul Valéry notou nos escritores românticos uma depressão nas qualidades abstratas do estilo e uma espécie de renúncia estranha aos meios e potencialidades que a arte literária pode tirar da operação do pensamento. Em Raul de Leoni não se observa aquela depressão nem aquela renúncia. Ao contrário: nunca sacrificou à beleza, ao pitoresco ou à raridade da expressão a geometria precisa das idéias.

"On n'imagine point de pensées ni de rêves que n'aient point suscité la Méditerranée. En tout, ses riviers ont été les premiers toutes les fois qu'il Font voulu. Je ne connais aucun métaphysicien de l'Allemagne qui soit supérieur à Saint Thomas, napolitain, et je préfère infiniment Plotin d'Alexandrie à Ruisbroek l'Admirable".

Essas palavras de Maurras poderiam servir de prefácio aos poemas da "Luz Mediterrânea".

Há uma poesia cerebral, cujo elemento emotivo decorre das reações provocadas na inteligência pelos contactos do mundo exterior. São os monumentos da consciência, em si mesmos, que possuem propriedades de sugestão, independentemente de sua função prática e interessante. É diretamente no fenômeno da associação das idéias, cujo processo impressivo tem uma grande intensidade dramática, que reside o seu poder emotivo. Assim a poesia de Anthero de Quental.

Existe outra, porém, em que as propriedades de sugestão vem das idéias, tomadas como entidades absolutas, como seres dotados de vida própria e autónoma, mais do que como simples movimentos ou operações do pensamento. Esta é a que se desprende dos poemas da "Luz Mediterrânea". Bergson entende que a idéia é

uma parada do pensamento; nasce quando este, em vez de seguir o seu caminho, faz uma pausa ou reflete sobre si mesmo. Desse ponto de vista bergsoniano, o que há de real no pensamento são aqueles movimentos, mas não em si mesmos e sim somente enquanto estão ligados uns aos outros, constituindo um fluxo. Ao passo que a idéia em si é o mero esquema de um daqueles movimentos, o gráfico de uma operação que já se realizou.

Para Raul de Leoni, entretanto, as idéias representam seres vivos. Das aventuras de cada uma delas, é que extrai a poesia, como os épicos a extraiam dos episódios da carreira dos heróis. Ele foi entre nós, e o foi com singular grandeza, o único poeta de emoção verdadeiramente filosófica.

Mas o curioso é que, embora sendo assim o poeta das ideologias ou das abstrações, Raul de Leoni exalte o instinto, que lhe aparece

"Mais sábio que o ascetismo de [Pascal] Mais belo do que o sonho de [Platão]"

Grande parte do seus poemas glorificam realmente os sentidos e pregam a volta ao estado natural, do que os homens só se teriam afastado para perder-se na "alta im-

(Continua na página 310)

Aurora e crepúsculo dos

O DECLÍNIO DO GÊNIO GAULÉS

A parte o caso russo, que é uma das mais profundas emoções da humanidade contemporânea e o ressurgimento italiano, ainda de duvidosa estabilidade, mas que não deixa de comover o espírito dos povos, há na Europa atual dois fenômenos altamente impressionantes que estão espantando o mundo, sobretudo quando considerados em confronto: a rápida restauração alemã e a crescente desordem francesa.

O espanto geral sobre de porte à lembrança de que de parte da guerra tudo parecia indicar a formação nos dois países de realidades absolutamente opostas às que se estão definindo.

À observador de superfície não parece lógico que uma nação, ontem mesmo, brutalmente desarticulada nas combinações mais íntimas do seu sistema econômico e político, constrangida em todas as suas atividades externas e internas, quase ferida de morte nas suas fontes de vida, possa em tão pouco tempo apresentar um índice tão animador de restauração orgânica e de intrínseca força renascente, enquanto a filha querida da Vitória oferece tão penoso espetáculo de agitação, de angústia, e por que não dizer de alarmante decadência nacional.

Realmente, tendo-se em conta somente a causalidade próxima e aparente dos fatos, tudo deveria passar-se ao contrário. Mas é que o determinismo da

vida dos povos estende sempre muito mais longe as suas raízes na história.

Assim é que quem entrar na questão pelo lado da interpretação biosociológica dos fenômenos históricos, chega, facilmente, à conclusão de que o que está parecendo passmoso, imprevisível, é, apenas, naturalíssimo lógico, inevitável.

Muito antes da guerra, já a França era uma nacionalidade em crepúsculo, com todos os sintomas de decrepitude, próprios das civilizações cansadas. Já era um povo a extinguir-se por si mesmo, sem querer, sem sentir, naturalmente, por um complexo de causas gerais, que pertencem à filosofia da história e todas elas resumíveis em duas palavras: exgotamento histórico.

Já, então, o incisivo gênio gaulés, vinha, de longe, se apagando melancolicamente, depois do mais longo e luminoso percurso histórico de uma nacionalidade criadora.

O CRISOL DA MENTALIDADE GERMANICA

Durante mil e duzentos anos, no menos, ele fora o intenso arizador do mundo. Terço, ainda na infância, assimilado e transfigurado pelo tempo todas as seleções do espírito clássico condicionando-as ao gênio cristão a que também dera uma sensibilidade nova, ele foi, verdadeiramente, o gerador e o fixador da alma ocidental.

Sua influência sobre o destino dos povos — que foi, aliás, a mais prolongada e, porventura, a mais profunda da histó-

ria — tomada na soma dos seus efeitos não aceita mesmo competições de outras quaisquer influências civilizadoras em todas as idades humanas. E um dia, no futuro, quando se houver de prestar o mais eloquente depoimento da grandeza humana, bastará contar-se a história da França.

Mas, por isso mesmo que o seu ciclo criador fora o mais amplo e intenso, tinha de encerrar-se fatalmente, com a raça que se gastara no sangue e na alma.

Assim é que, muito antes da guerra, já o gênio gaulés entrara em franca deliquescência. Se, de quando em quando, ainda irrompiam, inesperadamente, nas várias formas de sua vida espiritual e material algumas altas expressões criadoras, eram fenômenos de exceção, incontingente do meio e da circunstância nacional e, portanto, sem influência no julgamento da capacidade da raça.

No aspecto espiritual, um Henri Poincaré, ampliando o âmbito do pensamento matemático, com a descoberta das funções fuchsianas e tetraedricianas; um Rodin, excedendo Phidias e Buonarroti, na concepção da escultura dinâmica, que é todo o drama plástico do movimento torturado; um Curie, permitindo com as suas revelações sobre a natureza radiante, uma compreensão nova da matéria cósmica; e, na ordem material, alguns raros nomes e fatos de glória nos surtos das ciências industriais e das técnicas de utilidade, eram expressões universais do espírito humano, sem subordinação necessária, ou melhor, sem raízes no gênio nacional. Casos raros e isolados que nada dizem em favor da atividade criadora do país. Pouco importam as exceções: as coisas só podem ser julgadas na sua média, e a medida do gênio nacional era desoladoramente baixa.

La-íhe em tudo escapando a virtude de originalidade. Já, então, o povo francês, cultura dominador, povo incubo por excelência, vivia muito sobretudo nos domínios da vida mental, do empréstimo alienígena, da colaboração cosmopolita. Já não criava mais nada: aplicava, compunha e repoua o que recebia de fora, dando-lhe formas leves e amáveis.

Em ciência, distilava o grosso caldo germânico, transformando os espessos e escarpados canhões de alem Rhenos em claras verdades acessíveis, sem todavia tê-los podido ditar ao mundo.

A DENSIDADE DA RAÇA

Sua filosofia, que, estremeceira a última civilização com Renouvier, era então, por exemplo, Boutroux e Bergson. No primeiro, a especulação era um professorado solenito, no segundo, uma recreação elegante. Mosaístas ambos, terço, quando muito, tentado combinações inéditas que aliás não tiveram repercussão no pensamento universal. Extinguir-se a estirpe de Descartes e de Pascal.

Sua literatura de ficção, prosa e verso, se desdourava visivelmente, toda entretida em fideles gustas, desnaturadas de seiva renovadora própria, em franco marasmo, aberta, inteliramente, a invasão despersonalizadora das correntes exóticas que a amesçavam.

Em arte, o país repetia-se especiosamente em monotonas fórmulas académicas: mantivera-se em filigranas, mal encobrida a pobreza de essência nova. O Bourdele sonhavam, sonhinos, no alto...

A raça perdia sua densidade... Envelhecia... Nos aspectos da vida positiva, da existência imediata, onde não fora menor sua influên-

NOTURNO

No parque antigo, a noite era afetuosa e mansa,
Sob a lenda encantada do luar...

Os pinheiros penavam coisas longas,
Nas alturas dormentes e desertas...
O aroma nupcial dos jasmíns delirantes,
Dilhando um cheiro acre de resinas,
Espiritualizava e adormecia,
O ar melgo e silencioso...

A tenda dos espíritos noturnos,
Em medrosos rumores,
Gemia entre os ciprestes e os loureiros...

Na penumbra dos bosques, o luar
Entreabría clareiras encantadas,
Prateando o verde malva das latadas
E as doces perspectivas do pomar...

As nascentes sonhavam, em surdina,
Numa tonalidade cristalina,
Monótonos murmurinhos,
Gorgolejos de águas frescas...

Sobre a areia de prata dos caminhos,
A sombra espiritual dos eucaliptos,
Bullido ao sopro tímido da aragem,
Projeta-a ao luar desenhos incógnitos
Agéis bailados leves de arabescos,
Farfândolas de sombras fugitivas...

E das perdiças curvas das estradas,
De paragens distantes
Como fantasmas de serenatas,
Ressonâncias sonâmbulas traxiam
A longa, a pungentíssima saudade
De cavatinas e mandolinatas...

Lembro-me bem, quando em quando,
Entre as sebes escondidas,
Um insidioso grilo impertinente,
Roendo um sopro estridente,
Arranhava o silêncio...

No parque antigo, a noite era afetuosa e mansa,
Sob a lenda encantada do luar...
Eu era bem criança e, já possuindo
A sensibilidade evocadora
De um poeta de símbolos profundos,
Solitário e comovido,

No minarete do selar paterno,
Com os pequeninos olhos deslumbrados,
Passei a noite inteira, o olhar perdido,
No azul sonoro, o azul profundo, o azul eterno
Dos eternos espaços constelados...

Era a primeira vez que eu contemplava o
imundo,
Que eu via face à face o mistério profundo
Da fantasmagoria universal
No prodígio da noite silenciosa.

Era a primeira vez...
E foi aí, talvez,
Que comecei a história atormentada
Da minha alma, curiosa dos abismos,
Inquieta da existência e doente do Alem...
Filha da maldição do Arcajo rebelado...

Sim, que foi nessa noite, não me engano,
— Noite que nunca mais esquecerei —
Que — a alma ainda em crisálida — velando
No minarete do solar paterno,
Diante da noite azul — eu senti e pensei
O meu primeiro sofrimento humano
E o meu primeiro pensamento eterno...

Como fora do Tempo e além do Espaço,
Ser sem princípio, espírito sem fim,
Sofria toda a humanidade em mim,
Nessa contemplação imponderável

Já nem ouvia o trémulo compasso
Das horas que fugiam pela noite,
Que os olhos soltos pela insensidade,
Numa melancolia deslumbrada,
Imaginando coisas nunca ditas,
Tudo eu me etilizava e me perdia
Na idéia das esferas infinitas,
Na lenda universal das distâncias eternas...

No parque antigo, a noite era afetuosa e mansa,
Sob a lenda encantada do luar...

Foi nessa noite antiga
Que se desencantou para a vertigem
A suave virgindade do meu ser!

Já a lua transmontava as cordilheiras...
Cíes ladravam ao longe, em sobressalto;
No páteo das mãesões, na granja das herdades,
O cântico dos galos estalava,
Desoladoramente pelos ares,
Acordando as distâncias esquecidas...

E, então, num silencioso desencanto,
Eu fui adormecendo lentamente,
Enquanto
Pela fria fluidez azul do espaço eterno
Em reticências trémulas, sorria
A ironia longínqua das estrelas...

RAUL DE LEONI

POVOS — Raul de Leoni

cia sobre os povos, não era menos penosa sua decadência... Seu espírito comercial, tornado inapto para as concorrências veriginosas como a alemã, a inglesa e a yankee, se retrairia, perdendo as contingências do tempo e, com ela, seus tradicionais mercados no mundo.

Pouco plástico, seu gênio industrial se retardara numa lentidão de rotina, à margem do ritmo novo...

Sua política colonial, — última ilusão de sua veulhe, — com exceção do caso de Marrocos, onde Lyautey fixara geralmente as bases de uma deslumbrante civilização tropical, de origem latina, — era uma aventura fragmentária, empírica, insegura, falha de método como que carecendo do indispensável poder de penetração. Era um jogo de gabinete sem uma grave finalidade nacional.

A despovoação do país, originária da fadiga da raça e sobre-agravada pelas fraudes à natalidade, — que também indicam uma profunda perversão do pensamento de um povo — atingia a tão alarmantes proporções que levava um patriota no Parlamento, comparando-a com o alto progresso demográfico da Alemanha, a afirmar que, daquela forma, cada dia que passava, a França perdia uma grande batalha com a sua inimiga de léste.

VOTÓRIAS NAS FLAMULAS, DERROTAS NA ALMA

O estado mental da nação era de um amargo ceticismo dissolvente, de um lamentável "laissez aller". Em vão, a inquietação enervada dos doutrinadores de elite e a raiva chauvinista do manufatureiros debilitava, em desesperado tom profético, abjurando a consciência nacional a qualquer reação.

Em tudo se sentia uma profunda depressão do tonus nacional...

A França se diluía na história...

Sobrevinha a guerra, o espetáculo sobrehumano do heroísmo francês — heroísmo, ao mesmo tempo, frenético, desesperado, mas estranhamente lúcido e orgânico no desespero do seu inextinguível poder de sacrifício e de grandeza no martírio, deu ao mundo perplexo, durante cinco anos, a impressão generosa e confortadora de que a veia má latina se revitalizava nas mais puras fontes do seu passado. Numa atmosfera de exaltado misticismo nacional, a França levantou e sustentou o mais espantoso esforço de que há memória na vida dos povos. Durante todo o sombrio lustro diabólico, seu povo, hipertenso em paroxismos de energia, não apenas repetiu suas dadas insígnias "des beaux tempés jadis", não apenas copiou seus modelos de glória: excedeu-se a si mesmo. Do começo ao termo da luta — que foi mais uma gigantomaquia do que uma peleja de homens — houve a resistência francesa ao dilúvio militar alemão transe tão assombrosamente épicos que quase pertencem mais à ficção que à história.

A França, foi, enfim, tão grande na provação, que quando a bandeira branca drapou nas fronteiras, o mundo esperava ver restituída à paz uma nação renovada nas suas bases morais, em caminho de uma nova via gloriosa.

Era uma pura ilusão. A triste verdade foi que o supremo esforço queimara as reservas extremas da raça, acabando de esgotar o organismo semil da nação. A França só pode cumprir-lo a preço do sacrifício irreparável. O traumatismo agravava irremediavelmente, seus males históricos, precipitando a ruína nacional. E se alguma vez se aplicou, a algu-

ma coisa, com oportunidade e precisão, o fatigado e chavão de vitória de Pyrrho, terá sido no caso do triunfo francês nessa guerra.

A França voltou das trincheiras com a vitória das desvastradas flâmulas marciais e com a derrota na alma.

Voltou exacerbadada, inorgânica, incompreensível.

CLEMENCEAU, A ALMA DE "CHOUAN"

O mundo, com efeito, já vai começando a não compreendê-la, e a impressão que se tem, diante da sua intensíssima agitação atual, é que ela própria não se compreende mais...

O cronista apressado verá na confusão francesa, nessa incapacidade para reorganizar a nação o efeito de uma grave mas transitório distúrbio nos ritmos econômicos, agravado pelo desentendimento das correntes políticas, que ainda não encontraram o seu ponto de urgência. Mas a verdade é que em grande parte a crise econômica e toda a agitação política, longe de serem causas, já são efeitos sensíveis daquelas causas gerais de decadência inevitável que a guerra parecia, por um instante, ter desviado e suprimido, mas que, afinal, não fez mais que exacerbar: o esgotamento da raça...

A doença nacional não este mais na alçada da medicina dos gabinetes, que quando muito poderá aliviá-la. Temos visto que os vários métodos políticos os tem falhado lamentavelmente. Desde Clemenceau — alma feioz e implacável de "chouan" — com seus processos revulsivos, até a prudência felina de Briand, através do formalismo de Poincaré e da ingenua aventura cética de Herriot, nada tem podido jogar a ruínosa enfermidade francesa. A França está morrendo por falta de substância nacional.

O mal que consome a veia árvore latina aparece nas folhas, trepada nas frondes, mas, desgraçadamente, está nas raízes que cansaram, numa terra cansada...

Transplantada para o solo africano, ela, talvez, ainda atenuasse a doença das raízes, mas lá, também, ela já vai sendo irremediavelmente ameaçada pelos formidáveis ventos bárbaros do deserto.

Lá, também, tombará, à mingua nas areias ardentes...

Tudo isso é tristíssimo, mas inevitável...

O mundo terá profundas razões para se comover diante dessa ruína empolgante, assistindo-a com uma infinita melancolia. Mas não tem motivos para se espantar diante dela. As leis naturais não espantam.

E a degenerescência das raças que se esgotaram no sangue e na alma é apenas uma lei natural.

Amanhã, a França, que foi uma paixão da humanidade, será a maior saudade da história...

A RESSURREIÇÃO DA ALEMANHA

A mesma fatalidade histórica que justifica a decadência francesa explica o narto ressurrecional da Alemanha vencida...

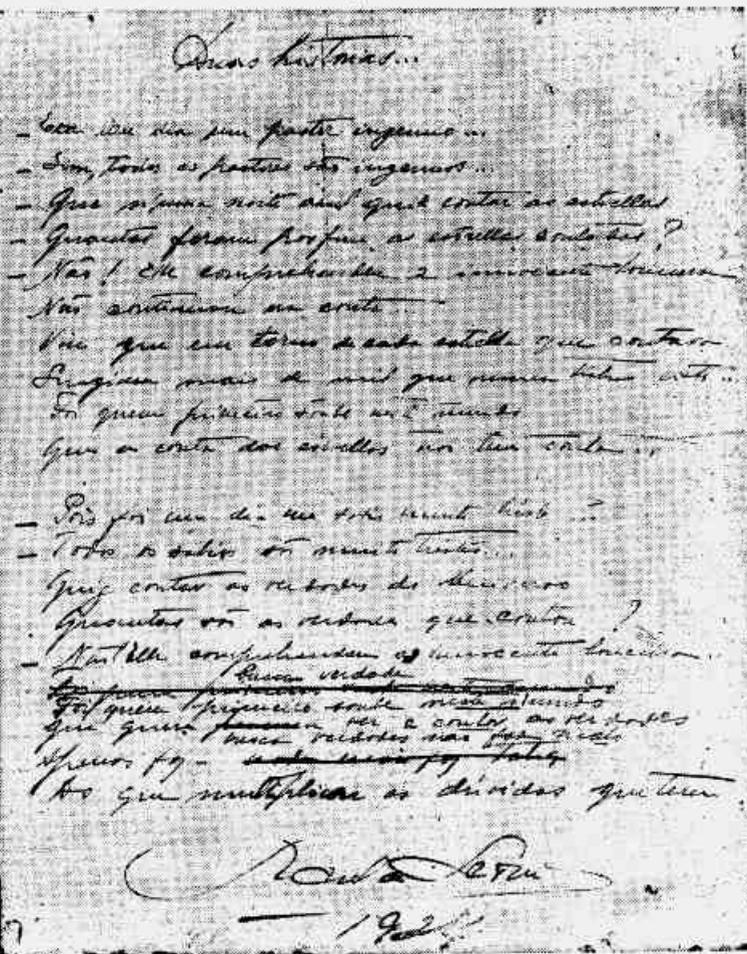
Ao inverso do gênio gaulês o gênio germânico, na véspera da guerra ainda não cumprira, integralmente, o seu inclinável horoscopo histórico. Predestinado por suas assombrosas virtudes intrínsecas a um longo e intenso ciclo de criação e de influência tira sobre o destino das sociedades humanas, ele ainda estava muito longe de fechá-lo, porque apenas o abre. A Alemanha em 1914, pode-se dizer, iniciava a sua grande hora civilizadora, e o mundo ocidental vida nela a sua última e maior reserva futura.

sendo uma raça antiga na

DUAS HISTÓRIAS

Um poema inédito de Raul de Leoni

Do arquivo de Raul de Leoni constam vários borrões, que, presa pela promessa que fez ao marido agonizante, D. Ruth Leoni, viúva do poeta, não permite sejam dados à publicidade. A muita insistência nossa, consentiu ela em ceder um desses esboços.



V-se, nos versos que damos em fac-símile, a tortura da composição de Raul de Leoni, corrigindo sempre, sempre emendando, nunca de todo satisfeito, e tendo nisso, talvez o segredo de realizar essas obras-primas que legou à literatura brasileira.

- Era um dia um pastor ingênuo...
- Sim, todos os pastores são ingênuos...
- Que n'uma noite azul quis contar as estrelas
- Quantas foram por fim as estrelas contadas?
- Não! Elle comprehendeu a innocente loucura

Não continuou na conta...
 Viu que em torno de cada estrella que contava
 Surgiam mais de mil que nunca tinha visto...
 Foi quem primeiro soube neste mundo
 Que a conta das estrellas não tem conta...

- Pois foi um dia um sabio muito triste...
- Todos os sabios são muito tristes...
- Quis contar as verdades do Universo
- Quantas são as verdades que contou?
- Não! Elle comprehendeu a innocente loucura,
- Foi quem primeiro soube neste mundo
- Que quem ver e contar as verdades
- Apenas faz — buscar verdades não gaz nada
- Do que multiplicar as duvidas que tem.

1924

RAUL DE LEONI

chronologia, parecia nova no mundo. E' que, por várias circunstâncias, ela se poupára na história.

Já porque fosse um tipo antrópico, de privilegiado plasma ético, fortemente estruturado e definido — raça de grande caracter e invejável vigor; — já porque não se hou-

vesse esgotado no esforço de exaustiva ação histórica — raça contemplativa e lenta; — ainda porque durante o plurisecular convívio com os outros povos se houvesse resguardado numa grande intimidade conturba e definido — raça de grande caracter e invejável vigor; — já porque não se hou-

politicamente era fragil, fragmentaria e diversa, retalhada em pequenos estados anodinos, certo é que biológica e espiritualmente, o formidável gigante louro, por tal forma se preservava no tempo dos vários fatores de dispersão e ruína das raças, que em pleno século XX

(Continua na página seguinte)

Aurora e crepúsculo dos povos

(Continuação da página anterior)

apresentava ainda uma espartana soma de virgindades, quer dizer de inoculável vitalidade. O alemão de 1914, se não era mais o mesmo...

Tendo conquistado plena existência política, como estado, somente no melado do último século, foi só de então que a Alemanha pôde organizar, definir e desenvolver sua ampla ação histórica, irradiando-se intensamente sobre o mundo.

Ela, que, na ordem das idéias puras, dera, no passado, ao europeu algumas das suas maiores emoções e lhe contara as mais racionais lendas da imaginação ariana, entesouradas no seu maravilhoso fabulário, e onde catemecem os símbolos supremos da natureza e da vida; ela que na ordem dos fatos sociais, entre outras realizações, fizera a Reforma, que não tem um lugar na história das idéias, mas que modificando a mentalidade cristã...

Em cinquenta anos, porém, três quartos da cultura moderna e da evolução européias eram obra exclusivamente sua. Na véspera da guerra acendia-se com efeito, a grande hora germânica. A Alemanha respaldada...

O espetáculo de sua civilização viva era, então, um deslumbramento; deslumbramento, talvez, um pouco passado, às vezes, mas sempre empolgante... Essa raça da razão pura, e que a humanidade, outrora, supunha irremediavelmente perdida nos espaços abstratos da especulação desinteressada revelava-se o povo por excelência da razão prática, da civilização objetiva, da cultura plástica, e nos dois aspectos extremos da inteligência, estalava os melhores pedrões criadores.

Passando do Eu transcendental de Fichte para o imediato e violento Ego nietzscheano, ele se fazia tão grande na ação dos seus homens como na ilusão dos seus filósofos...

Em todos os domínios do conhecimento e da vida, na ciência nôbre como na ciência prosaica, nas idéias como nos fatos, os nomes e coisas aléus previam nas citações e triunfavam nas estatísticas...

Nas múltiplas formas de utilidade, o milagre da sua indústria enchia os mercados do globo, dominando-os; as assombrosas surpresas da sua ciência, que era quase toda a ciência ocidental, não chegavam por espasmos, despejavam-se em fluxo incessante sobre o mundo admirado.

Sua arte profunda, de descendência wagneriana, era a filosofia sonora, a música das idéias, em cuja prodigiosa síntese estética como que se fundiam todas as harmonias, todas as formas de beleza; porque na verdade todas as outras artes não são mais do que um esforço larval, uma aspiração pura a Música, isto é, para a música ideal, que só a Alemanha realizou...

UMA LEI DA NATUREZA

A própria guerra, que por toda a parte, acretudo nos países beligerantes, sustou toda a vida mental, aproveitou a inteligência alemã em outros sentidos. Assim é que, mesmo durante os cinco anos vermelhos de sangue e de fogo, não po-

"SEMEADOR DE HARMONIA E DE BELEZA"

(Continuação da página 304)

mais frageis, em que não surja uma imagem que nos compense do resto, qual nas sextilhas "Por esse grande amor";

A minha mocidade refloresce,
Tal como uma videira em sangue aberta,
Na véspera sagrada da Vingança...

Quanto à precocidade de Raul de Leoni, foi realíssima. Fez ele todos os estudos primários e secundários com brilho, dando-lhe a cabeça grande, volumosa demais para a sua idade, algo de menino prodígio, e, se o mandavam falar das reuniões colegiais, discursava com abundância e riqueza, com um ímpeto que não reencontrou mais tarde, o que talvez explique o seu desdem dos últimos tempos pelos oradores.

Acadêmico, desalumbrou os lentos com seu exame de direito comercial. Ainda que não tomasse a sério o assunto, procurou penetrá-lo o melhor possível, com a sua curiosidade mobil de dilettante meio cético que se mete num tema antipático só pelo prazer de dominá-lo, embora se apresse a esquecê-lo.

Uma vez formado, só se meteu em duas causas judiciais, uma delas com uma viúva cacete, que vivia a importuná-lo pelo telefone, e outra com a vítima de um bonde da Light, o que o levou a ir procurar entender-se com os magnatas do casarão da rua Larga.

Mas, desta rua, ele preferia evidentemente o palácio do Itamarati, de onde, sob os auspícios do seu amigo Nilo Peçanha, saiu, com uma farda de diplomata na maleta, rumo da ilha de Cuba, onde não chegou a desembarcar, porque, chegando à Baía, ficou com saudades da sua gente e voltou. De volta — é um pormenor pitoresco — para ver-se livre dos que lhe perguntavam a razão do apressado regresso, explicava que fora devido a um desarranjo gástrico, por abuso de vatapas e carurus, balanos. Mas, como fossem centenas de camaradas a fazer-lhe a pergunta, acabou pondo a resposta por escrito e mostrando o papelinho com as explicações a quantos pretendessem convertê-lo em gramofone humano de um só disco.

Jornalista precoce, Raul de Leoni improvisou-se, logo nos primeiros escritos, panfletário político. Frequentando o escritório do pai, onde iam sempre o Nilo e o Pinheiro Machado, deixou-se contagiar pelo vírus partidário e o seu primeiro trabalho foi um jornalco manuscrito, intitulado "O Eleitor", onde havia, na primeira página, ataques ao sr. Backer e, na quarta anúncios do Fungen. Do "Eleitor" saíram três números

elaborar a ciência tranquila e generosa da paz, a imaginação desse povo, ao mesmo tempo, asiática e fria, alucinada e metódica, engendra estupefiantes formas de destruição; era a física perversa, a mecânica pérfida, a química infernal...

Os laboratórios de Lucifer geravam maravilhas.

A guerra terá abalado litensamente o grande império nas suas formas, mas não lhe comprometeu as essências vitais.

Um colapso econômico, determinado pelo bloqueio inglês e pela enxurrada yankee, abateu-lhe a extraordinária resistência e coagiu-o a assinar em Versalhes uma "paz cartaginesa".

Em consequência, durante mais seis anos, a Alemanha sofreu os efeitos de uma guerra mais feroz ainda, vítima de uma incompreensão sem exemplo. Dir-se-ia que o implacável espírito de Versalhes, numa volúpia sádica, a condenara à morte lenta, pelas mais requintadas formas suplicantes.

Por um momento, uma rajada de desvario parecia sacudir um povo estertorante e desesperado. Mas nunca o entorpecer o desalento nirvânico.

Não era possível. Uma fatalidade surda, inventiva sustinha-o de pé; era a vitalidade quase intacta da raça que ainda tinha um longo e prodigioso destino a cumprir.

Sansão se reerguia com os cabelos que cresciam.

Sentindo esse fenómeno de restauração, seus inimigos o chamaram a Locarno, para reintegrá-lo na sua função histórica de dragão das fronteiras da civilização ocidental contra uma possível arremetida do gigante bárbaro, que as ameaça com um pavoroso deslocamento asiático. A Alemanha se levanta com as suas próprias forças. Deve o seu ressurgimento apenas à sua energia em potencial.

Do topo dos zimbórios o galo gaúlo, na melancolia do seu canto cansado, vem sendo o primeiro a anunciar ao mundo o voo da água germânica que ressurge nos espaços imensos...

Alemanha que convalesce, são as duas facas de uma mesma fatalidade: Aurora e crepúsculo dos povos...

Tudo isso não é um milagre da História, é apenas uma lei da Natureza...

Prefácio à 2.ª edição da Luz Mediterrânea

(Continuação da página 308)

praticável" dos ideais metafísicos.

Recumenda a obediência à lógica do instinto como o meio verdadeiro de encontrar a felicidade.

No entanto, nisso ainda ele celebra uma "ideologia clara", menos espontânea do que herdada de Epícuro, através de uma longa linhagem de poetas e pensadores. Não é a experiência própria que lhe indica aquele caminho como o mais certo e seguro. Nem é tão pouco uma reação direta contra os postulados da moral corrente que lhe inspira semelhantes conselhos. A vida de Raul de Leoni não teve a aspereza de um Robert Burns. Este possuía motivos para dizer

"Moralty, thou deadly bane,
Thy tens o'thousands thou [hast slain]

"Vain in his hope, whase stay [an'trust is
"In moral mercy, truth and [justice]"

Mas a "mensagem" do poeta brasileiro está longe de traduzir uma imprecisão pessoal contra qualquer doutrina moral "que malasse os homens aos milhares", como aquela contra a qual se levantou o canto do grande poeta inglês.

Glorificando a "pura sabedoria natural", os poemas da "Luz Mediterrânea" celebram menos o instinto em si mesmo do que a ideologia do instinto, ou o sistema que erigiu o instinto em verdade metafísica.

No fundo, o homem só interessava a esse poeta na medida em que lhe aparecesse como criador de ideologias.

apenas, servindo estes para significar quanto a chamada vida pública atraiu o excelente Raul, que, graças ainda a Nilo Peçanha, de quem foi zeloso secretário, chegou a deputado estadual, deputado de segundo team, como ele dizia num sorriso, não obstante guardar o respectivo diploma com muito cuidado no livro em que colava os artistas sobre a "Luz Mediterrânea", o Livro dos Elogios, como dizia, também num sorriso.

Essa pilhéria do segundo team levava-me a acentuar agora que o dom da ironia foi sempre vivíssimo em Raul de Leoni. Aliás ironia de uma maldade apenas cerebral e verbal, sem raízes no coração de criatura tão boa. Tal quando narrava o caso da sessão espírita em que lhe aparecera o espírito de um poeta que ainda hoje continua vivo aqui no Rio. "O espírito de F..." — objetou o Raul. Mas se esse sujeito nunca teve capirito..."

Por simples fanfarrice, queria ele às vezes parecer cruel, como ao escrever o soneto "Desconfiando":

Tu pensas como eu penso, vês se eu vejo,
Atento tu me escutas quando falo;
Bem antes que te exponha o meu desejo
Já pronto estás correndo a executá-lo.

Achas em tudo um venturoso ensejo
De servir-me de gervo e de vassallo;
Perdá-me a verdade num gracejo,
Serias, se eu quisesse, o meu cavallo...

Mas não penes que estólido eu te creia
Como um Patroclo abnegado, não
De todos os excessos se recusa...

O certo é que, em rancor, por dentro estalava;
Odias-me que eu sei, mas, histrião,
Beljas-me as mãos por não poder cortá-las...

Apenas um gracejo epigramático de quem, lá por dentro de si, não poderia sentir nada disto.

Esse brasileiro do nosso tempo, que invejava a capacidade dos homens múltiplos da Renascença italiana, tocando piano, ajudando a esculpir móveis de estilo e querendo até meter-se a encadernador de livros de luxo, era no fundo um sonhador, um boêmio inofensivo, e daí talvez o seu amor aos ciganos, à gente que celebrou em quadras dignas de serem populares. O que, aliás, o horrorizaria, a ele que achava a popularidade uma forma de desconsideração, se bem que não deixasse de exultar quando o seu amigo Luz Pinto lhe disse que fora encontrar a sua "Ingratidão" no álbum de um habitante do mais remoto interior de Santa Catarina:

Lá veem os saltimbancos, às dezenas
Levantando a poeira das estradas
Veem gemendo bizarras cantinas,
No tumulto das danças agitadas.

Veem num rancho faminto e libertino,
Almas estranhas, aeres erradios,
Que beam na vida um único destino,
O destino das aves e dos rios.

Ir mundo a mundo é o único programa.
A disciplina única do bando
O cigano não crê, erra, não ama,
Se sofre, a sua dor chora cantando.

Nunca pararam desde que nasceram
São da Espanha, da Pércia ou da Tartária?
Eles mesmos não sabem: esqueceram
A sua antiga pátria originária.

Quando passam, aldeias, vilarejos,
Maldizem suas almas indefesas,
E a alegria que espalham nos caminhos
É talvez um excesso de tristezas...

As vezes em vigílias ambulantes,
A noite em fora, entre canções dalmatas,
Vão seguindo no luar, vão debrantes
Alados no langor das serenatas.

Gemem guilas e vibram estanhoas,
E este rumor de errantes catinas,
Lembra coisas das terras espanholas,
Nas saudades das terras levantinas...

Não é inútil recordar que os versos de Raul de Leoni, mesmo os da plena adolescência, e isto em país tropical, primavam sempre pela extrema pureza, pela castidade de expressão, sendo apenas alegórico o aparente carnalismo que transluz no maravilhoso soneto "Eugenia", que um respeitoso impulso de dignidade cristã, por parte de quem muito queria ao morto, afastou da segunda edição da "Luz Mediterrânea".

Tudo, nele, se passava numa atmosfera de sonhos e a tudo ele emprestava um sentido de símbolo, mesmo quando se movia entre os frêmitos de vida da sua Itaipava, entre as folhas fervilhantes de sol de verão, compreendendo que ser feliz é em geral resignar-se. É renunciar.

Tal no tempo em que sentia a luz fugir-lhe e, por um excesso de escrúpulo, tinha medo até das carícias da criança que era o seu maior enlevo na terra, criança que, enfermado por motivo de acidente, o fez passar dias e dias sem comer e sem dormir, numa adição que apressou a morte do pobre Raul.

Ah! a dramática vida interior desta vida, a sua tristeza discreta, as suas lágrimas contidas pelo orgulho! E como lhe vetu nobremente a pacificação final, cremos que ao lado de um velho frade franciscano, quando o artista se extinguiu no retiro bucólico em que há um pouco da doceira das montanhas de Assis, na solidão campestre que lhe inspirou esta admirável quadra que me envidoei de ser o primeiro a publicar.

Aqui tudo é virtuoso e feliz sem saber...
Felicidade ideal, virtude imensa...
Essa Felicidade que não pensa,
Essa Virtude que nem sabe ler...

RAUL DE LEONI -- NESTOR VITOR

Desde o romantismo não nos tem faltado poetas pensadores a começar por quem o início de verdade — Domingos Gonçalves de Magalhães.

Deve-se-lhe até um livro de filosofia. "Fatos do Espírito Humano", pelo qual, valha o que valer essa obra, figura ele também como um iniciador na história do pensamento brasileiro.

Gonçalves Dias é animado por forte sopro de patriotismo ou entrega-se a meditação em muitas das suas poesias.

Alvares de Azevedo, morrendo aos vinte e um anos, é uma nebulosa desconhecida. Suas páginas, tantas delas com fundos traços de poesia, mas outras, embora tumultuárias, são carregadas de pensamento, fazemos entrever nele a organização mais poderosa, mais genial que até hoje em nossas letras surgiu, embora para desaparecer quase apenas como uma promessa, em relação ao que pudera dar.

Já no último período que teve o romantismo, Tobias Barreto foi outra individualidade que logo revelou pendor filosófico acentuado. Não se pode caracterizá-lo como poeta, sem por em relevo também esse traço.

Mas tal feição, nele, só vem a predominar mais tarde, quando, abandonado o verso, Tobias se constituiu como criador da chamada escola do Recife. Hoje fora impossível fazer a história das idéias no Brasil, sem incluí-lo entre os seus tipos mais representativos.

Também em nenhum dos poetas já referidos sobrepõe-se a outras tal inclinação.

Domingos de Magalhães vale como um iniciador de escola. Gonçalves Dias como a voz mais definitivamente brasileira antes que aparecessem Alencar e Castro Alves. Alvares de Azevedo, como o portador de uma sensibilidade nova em nossa poesia, a dos chamados "filhos do século", que Byron e Musset tinham imposto na Europa. Tobias foi o poeta acadêmico, tomada esta palavra em um sentido — o poeta dos improvisos das declamações no teatro, cercado por seus colegas e logo depois seus discípulos, estudantes de Direito. Então as Escolas Superiores eram orgãos de cultura desinteressada, estranha aos seus respectivos programas.

O único romântico que na realidade só tem valor pelo pensamento, no verso, mas que com ele ganhou individualidade própria e notável, é Aureliano Lessa. Mas por isso mesmo ficou na penumbra.

Assim acontece um tanto a Augusto de Lima, o único que foi poeta, de fato, entre os chamados "científicistas", paralelos aos parnasianos.

Dar-se-lhe o mesmo com Hermes Fontes e Augusto dos Anjos, característicos "evolucionistas", da gente vinda ainda outro dia, se ao último não o salvasse a nota macabra e lancinantemente pessimista, lembrando, tardiamente, Rollinat, e ao primeiro o largo lirismo ou o grande sopro, que ao melhor de sua obra garantem.

Tasso da Silveira é o mais pensador dos poetas da vanguarda atual, mas também por tal motivo não tem a vulgarização que outros seus coetâneos já alcançaram.

Para os que se avizinham dos Sully Prudhomme, dos Paul Valéry, dos Anthère de Quental, não temos atmosfera favorável aqui no Brasil.

Aqui o poeta há de prender quase exclusivamente pelos sentidos, ou então há de recorrer à eloquência, que é outra arte, senão ao barulho, para dominar.

O próprio Schiller, popular por excelência na Alemanha, Shelley que é a personificação da poesia na Inglaterra, ambos, no entanto, tão emotivos como

iluminados de inteligência, não poderiam ter grande voga entre nós.

Com Raul de Leoni, que foi poeta à força de amar o Pensamento, como nenhum outro já o tinha sido no Brasil, dá-se, no entanto, um fato singular.

Falecendo tão cedo, apenas com 31 anos, viveu, ainda assim, afastado bom tempo, pela moléstia, dos meios literários. Isso, porém, "não lhe diminuiu nunca o prestígio, que era igual nas duas correntes opostas em que ficou dividida a nossa poesia — uma inflamada de espírito renovador, e outra docil aos velhos modelos da geração anterior".

Afirmamos com todo o fundamento o sr. Rodrigo de Andrade no prefácio de "Luz Mediterrânea", agora em segunda edição, que encerra toda a obra poética, até os inéditos encontrados entre os papéis daquela figura, tão singular, ainda mais por esse poder de captação e simpatia.

Não é difícil, contudo, explicá-lo.

Quem quer que leia o livro de Raul, com a capacidade apenas necessária para apreender um verdadeiro poeta moderno, intensamente culto, mas nada esotérico, nem mesmo obscuro, há de por força entendê-lo.

Não é só entender: tem de submeter-se ao seu encanto, tem de sentir a hipnose com que sobretudo os líricos meridionais nos deliciam. Há bastantes números em "Luz Mediterrânea" que não correspondem a tanto. O poeta não teve tempo de desabrochar por igual. Mas no seu conjunto o volume empolga, estonteia.

Bastara nos encontrássemos com aquela sanguínea que é "Florença" para não mais nos esquecermos de tal artista. As páginas desse breve poema serão imperecíveis nas nossas letras. Agora, toda a antologia que se fizer da poesia brasileira, com critério lato e rigoroso, há de contê-la. Quem viu "o Lírio Vermelho de Florença", quem a viu com olhos de ver, quase não compreende como por sugestão de leituras, apenas, este moço pode no-la fazer ver de novo, como uma placa iluminada, palpitante do que ela maravilhosamente é.

A "Ode a um Poeta Morto", que ele ofereceu à memória de Olavo Bilac, tem a amplitude e a complexidade luxuriosa de uma coroa a que deverá acompanhar como distico, único capaz de corresponder-lhe, aquela frase que um piloto, no tempo de Tiberio, ouviu reboar no seio da noite: "O grande Pan morreu". Pan unicamente é que a merece.

"Noturno", em que ele nos conta sua grande aventura de efeito, quando pela primeira vez "contemplava o mundo", esquecido de si, até o amanhecer, num parque antigo, é o idílio de um espírito com a "fantasmagoria universal" e tem alguma coisa de épico.

"De um fantasma", com que o livro termina, representa uma criação fluida de espiritualidade comparável a "euforia de um anjo", é certo, a que ele se refere. Só se pôde produzi-la neste mundo chegando à sensação do quase irreal, pelo incomparável prestígio da idéia, se esta foi o nosso pábulo e a nossa glória, como com aquele espírito intrépido aconteceu.

Ora, basta encontrarmos-nos com essas páginas para abeirarmos-nos de qualquer outro aspecto próprio ao "semeador de harmonia e de beleza" que as fez ou reconhecemos que não tudo se converte em poesia.

O colorista sonoro e claro que há em tal natureza, enriquecida esta, a mais, por um mágico verbalismo, de ênfase bem latina e de uma elegância quase clássica, porém sutilmente ne-

va, veiculada em Raul o pensador por tal modo que torna inevitável a carreira triunfal aberta a este nome.

Depois, afinal, que vem a ser seu pensamento?

Diz ele, no "Pórtico":
"Reverendo num século submerso,
Meu pensamento, sempre muito hu-

mano,
É uma cidade grega decadente,
Do tempo de Luciano,
Que gloriosa e serena,
Sorridia da palavra mareana,
Por desaparecendo lentamente,
No meu navio empolgado das es-

tasas..."

E em CRISTIANISMO
"Souho um cristianismo singular
Cheio de amor divino e de prazer
humano,
O Horto de Magus, sob um céu vir-

gilliano,
A beatitude com mais luz e com mais
lar..."
"Um pequeno mosteiro em meio de
Entre loureiros — rose e vinhas de
todo o ano,
Num misticismo lírico, a sonhar
Na orla florida e azul de um lago
italiano..."

Um cristianismo sem tendência e sem
marcantes,
Sem a pureza melancólica dos lírios,
Temperado na graça natural..."
"Cristianismo de bom humor, que não
lexiste,
Onde a tristeza fosse um pecado ve-

niais,
Onde a virtude não precisasse ser
litrada..."

Estamos vendo, na questão básica, de que as filosofias procedem, seu pensamento, que é, como ele diz, ainda no "Pórtico":

"Cidade de virtudes indulgentes
... Vise na voluptade e na subordina-
Reparando com as idéias..."

"Se é tal a diluição deste espírito
no concorrente às suas
crenças, é explicável o que ele
confessa
em
CONFUSÃO
"Alma estranha esta que abrigo,
Esta que o Acaso me deu,
Tem tantas almas consigo,
Que eu não sei bem quem sou eu,
Jamais na vida consigo
Ter de mim o que é só meu;
Para supremo castigo
Eu sou meu próprio Protesis.
De instante a instante, a me olhar,
Sinto, num pesar profundo,
A alma a mudar... a mudar...
"Parece que estão a mudar...
Todas as almas do mundo
Lutando dentro de mim..."

Vem daí
A ÚLTIMA CANÇÃO DO HOMEM
"Rei da Criação, por mim mesmo
leclamado
Que, vencendo o Destino, ser o Rei
De todo esse universo limitado
Das idéias que os anos alcançarei...
"Intelectual... esse anjo rebelado
Tombou sem ter subido a eterna lei:
Pensei demais e, agora, apenas sei
Que tudo que eu pensei estava erra-
do..."

"De tudo, então, ficou somente em
[mim
O pavor tenebroso de pensar
Porque se ideias nunca tinham fim...
"Que mais resta da féria malograda?
Um bailado de traças a cantar...
A vaidade das formas... e mais ma-
lida..."

Os parnasianos não se apresentaram assim. Pelo menos com Leconte de Lisle, que iniciou a escola e deu-lhe o impulso e o prestígio decisivos, propunha-se uma volta à Grécia antiga, a beleza do ideal helênico, em contraste com o de "uma arte de segunda mão, híbrida e incoerente... barulhenta comédia levada em proveito de uma autolatrida de emprestimo", como ele julgava o romantismo. Era pelo menos, esse, um pensamento alto e definido.

Mas depois de Leconte só Heredia, o "discípulo bem-amado", com a objetivação, e sintese maravilhosa dos nobres "Troféus", ainda sustentem com bravura, embora já sem a mesma magnificência, essa reação para o alto.

Acabam os parnasianos na burguesia bonacheira de que foi representativo o Coppée, ou na virtuosidade abundante, mas vazia de pensamento, que há no verso de Catulle Mendès, casada à vulgarização de uma libertagem que se inspira em demoralizador epicurismo, como a dos pequenos contos, quase inumeráveis, desse mesmo Catulle, traduzidos e limitados por quantas literaturas subsidiárias prestam à França tributo no mundo inteiro.

Antes dessa gente já Théophile Gautier e Banville, românticos de transição, aquele colorista e imaginativo precioso, este cheio de maestria no achado das ri-

mas ricas, mas ambos sem aldo voo, trazendo acentuado pendor para a arte pela arte, preparavam o terreno que os parnasianos desta segunda camada, despreocupados de um ideal superior, bateram.

Mas foram justamente estes precursores e aqueles epígonos de Leconte e Heredia que mais influíram no parnasianismo daqui, tanto quanto no Brasil tivemos parnasianos. Sabe-se, não há uma grande figura nas nossas letras classificada como tal que não tenha muito de romântica, quando nada no seu ritmo interior. Isso livrou, aliás, os melhores desses nossos poetas, pelo menos em boa parte, da impossibilidade, da frieza, próprias à escola e que estariam em contraste com a nossa tempera tropical.

Mas ainda pelo ardor de nosso sangue esse rastro de romantismo, que não pode deixar aqui de acusar-se bem vivo, levou-os, a quase todos, para o sensualismo que Raul de Leoni sanciona, maravilhado, na "Ode a um poeta", oferecida à memória do mais representativo deles sob tal aspecto.

Não é só nesse poema que o autor de "Luz Mediterrânea" revela as afinidades suas com a gente "docil aos velhos modelos da geração anterior". Desde o "Pórtico" que ele se diz "irmão de Epicuro", e, pois "Alma de origem atica, pagã",

Dos parnasianos, que acabaram na arte pela arte, o que é um eufemismo, sobretudo no Brasil, onde eles caracteristicamente antes foram amonidos do que simples joalheiros encantados com o ritmo e com a rima ou com a cor, deles, para os esteticistas, a cuja família pertence Leoni, não vai grande distância. Do amor da arte pela arte para o amor do estético pelo estético a transição é natural, tanto mais quando é natural, vindos depois dos outros, se ligam pelo sensualismo e pela amoraldade:

Raul confessa:
"Tenho o prazer sutil do pensamento
E a serena elegância das idéias"

William Morris, por exemplo, poeta e pintor primitivista de cuja escola veio o esteticismo, já desenhava tipos de salas góticas, epíclias ou budistas para apartamentos, pois, se essa gente obedece a regras, não é flexionável e toma o que lhe apraz, onde quer que ele se ache. Assim no terreno das idéias como em tudo o mais. E' ela de um selecionismo a que só o bom gosto dita lei, porque de um voluptuosismo característico.

Ora, isso não é para repugnar ao parnasiano epicurista e céptico. Pode que ele aceite até com entusiasmo D'Annunzio ou mesmo Oscar Wilde, enquanto não está nos seus inatintos ir, por exemplo, com um simbolista como é Mallarmé ou um decadente como Rimbaud.

Mas, se por um lado os esteticistas não vieram de costas para os parnasianos, prendendo-os a estes até certo amor ao classismo (não fossem eles os árbitros do gosto) por outro, amando o pensamento, embora tragam também um fundo voluptuário, eles até em parte se confundem com os adversários da gente do Parnaso, que são os simbolistas. Há sonetos em Raul de Leoni que fazem lembrar os de Cruz e Souza. E' um deles:

A HORA CIENTISTA
"Decear um longo poeta de elegia
Sobre as maras palatagens ressigna-

lidas:
Uma humaníssima melancolia
Embutama as distâncias desoladas,
"Largo, num sino antigo, a Ave Ma-

ria
Abençoa a alma ingênua das estradas;
Ardem sardinas de anjos e de fadas
Na penumbra notúrgica, macia,
"Espiritualidades convenientes
Sobem da terra, em reticência,
Pela tarde sonâmbula, impressas..."

"Os sentidos se esfumam, o alma é
lensência,
E entre fugas de sombras transen-

transentes,
O Pensamento se volatiliza..."
O simbolismo, como o parnasianismo, também se foi: A va-

ga idealização era igualmente incompatível com este momento em que estamos, anti-intelectualista por excelência. Temos agora até o supra-realismo, isto é, a expressão da vida subconsciente. Mas aí já se trata da região dos inatintos, oposta quanto pode ser a Torre de Marfim.

O vanguardismo, porém, entre nós, ou vem do simbolismo ou vem dos parnasianos. Destes procedem, por exemplo, Guilherme de Almeida e Mário de Andrade; daqueles, Murilo Araújo, Tasso da Silveira e Rinaldo de Carvalho.

O poeta de "Luz Mediterrânea", no seu caleidoscópico modo de ser, que o esteticismo permite, se não requer, até gloriifica o

INSTINTO

"Glória no instinto, a lógica fatal
Das coisas, lei eterna da criação,
Mas sábia que o amoniu de Pascal,
Mas bela do que o sonho de Pirandello"

"Para saldeorria natural,
Que move os seres pelo coração,
Dentro da formidável justiça
De fantasmagoria universal"

"Ja a minha verdade, e a ti entregue,
Ao teu sereno fatalismo cego
A minha linda e trágica inocência!"

"O soberano intérprete de tudo,
Inventivo Océano, eterno e todo,
De todas as estranhas da Existência"

Raul de Leoni, pois, no Brasil, não encontra agora entre os poetas seus irmãos algum com que não se ligue por algum laço, sendo, no entanto, que de fato tem feição própria, tem efetivamente inecapitencia.

Mas a razão principal do sucesso cada vez mais amplo que vai alcançando seu livro está no fato de que ele em algum com quem a nova geração tinha orgulho de contar. Está em que não há, repito, quem o leia e tenha capacidade para comover-se diante de uma obra de arte, que não veja no seu desaparecimento a perda, ainda tão cedo, de um que Lha realmente nascido poeta e o foi esplêndido, na vertigem estoicizante, para o pensador, nele implícito, que o seu momento lhe impôs.



RAUL DE LEONI aos 31 anos de idade

OUTRAS POESIAS DE RAUL DE LEONI

PORTICO

Alma de brigue ática, pagá
Nascida sob aquele firmamento
Que azulou as divinas epopéias,
Sou filha de Epicuro e de Roman,
Tenho o prazer sutil do pensamento
E a serena elegância das idéias...

Mãe no meu ser crepúsculos e auroras,
Todos os séculos do gênio ariano,
E a minha sombra amável e moça
Passa na fuga universal das horas,
Colhendo as flores do destino humano
Nos jardins atenienses da Tróia...

Meu pensamento livre, que se achega
De ideologias claras e espontâneas,
E uma supérstima cidade grega
Cujas memórias
E uma vida esplêndida na história
Das civilizações mediterrâneas

Cidade do Tróia e da Belezú,
Fica no daltora azul de um golfo pen-
[ativo]

Entre cintas de praias cristalinas,
Rasgando iluminuras de colinas,
Com a graça ornamental de um cra-
[mo vivo]

Banham-na antigas águas delirantes,
Azuis, coleidoscópicas, amenas,
Onde se espelha, em atrações dis-
[tantes]

O vale panorâmico de Atenas...
[vivo]

Entre os deuses e Sócrates assoma
E envolve na amplitude do seu gênio
Toda a grandeza grega a que re-
[tornou]

Da Malade dos heróis do fim da Ro-
[ma]

Das cidades ilustres da Tirreno
Ao misticismo das ilhas do Hespéri-
[ta]

Cidade da virtudes indulgentes,
Filha da Natureza e da Razão,
— Já elevada da luzes a orientat, —
Ela sorri ao Bem, não crê no Mal,
Confia na verdade da Ilusão,
E vive na yólipia e na salteadura,
Brincando com as idéias e com as
[formas]...

No passado pensa muito e, até,
Tentou penetrar o mundo das es-
[tâncias]

Sofreu muito nesta luta inútil,
Mas, por fim, foi perdendo a íntima
[fé]

No pensamento, e agora pensa gindo,
Numa seronidade indiferente,
Mas se conforta muito mais, talvez,
Na alegria das belas aparências,
Que no contemplação das idéias
[eternas]

Cidade amável em que a vida possa,
[viva]

TRANSUBSTAN- CIAÇÃO

Esta carne em que existo há de tornar-se um dia,
Em humas germinol, em serra fecundante,
Desampando-se em Pó, lá de ver a energia
De vidas que sobre ela hão de viver adiante...

Será fonte, Principio, a lábida apatia
De um Movimento novo invariável e constante,
Sua ruína será a serra subbiogênica
De outras tipos de Vida, instante para instante.

Há de um horto florir por sobre o seu passado,
Barboletas irriais e anemónas olentes,
Vidas da minha Morte, eu mesmo transformado...

E, assim, irei buscando a Perfeição pedida,
Vivendo na Fomção de seres diferentes
Que a Morte é a transição da Vida para a Vida...

Desmanchando um colar de reticen-
[cias]

Tem a alma trôica das decadências
E as cristalizações de um fim de ra-
[ço]...

Conserva na memória dos sentidos
A expressão das origens seculares,
E entre os seus habitantes há mi-
[lhões]

Descendentes dos deuses esquecidos,
Que os demais todos tem, inda bem
[vivo]

No nome geometria do seu crime
O mais puro perfil daltico-fouo...

Os deuses da cidade já morreram...
Mas, amadores ainda, olegriente,
Ela os tem na dança e na lembrança:
E foi a ela (é grande o seu destino!)
Ouz, Juliano, o Apistato, experando,
Mandou a sua última esperança,
Peia boca de Arnimano Marcelino...

Cidade de harmonias deliciosas
Em que, sorrindo é ronda dos desti-
[nos]

Os homens são humanos e divinos
E os mulheres são frescos como as
[rosas]...

Jardins de perspectivas encantados
— Hermas de founos nas encruelha-
[das] —
Abrem ao ouro do sol feques do es-
[tâncias]

Alamedas: efebos, poetas, sábios,
Crizam-nas, dialogando, suavemen-
[te]

Sobre a mais meiga das filosofias,
Fimbras de tocas lésbias entre os
[líbios]

E emoções dionisíacas nos olhos...

Como são luminosos seus jardins
De alegres coloridos musicais!
Na Florida beiral dos tanques de-
[bravos]

De rosas e oléas e anemónas o mir-
[litos]

Bebem pombos branquíssimas e cos-
[tos]

E finamente límpidas e trémulas,
Insoladas, javais e transparentes,
As águas aromáticas, sorrindo,
Tambom da boca oustera dos tritões,
Gorgoteando furtivos rotornelos...

Dentre a moldura em fuga das qu-
[teiras]

Pelas praias de opala e de ouro, an-
[tigas]

Na maciez das areias, em coréias,
Balzais roudas sádies e sanoras,
De adolescentes e de raparigas,
Copiando o friso das Paratentivas...

No orla do mar, seguindo a curva
[tundante]

De veilha cois esguio e deslumbran-
[te]

Quando o horizonte e o céu em
[fluxo-fusca]

Sómem na porcelana dos ocasos,
Silhuetas fugitivas
De lindas cortezas de Agrigente e
[Chipre]

Como a sonhar, olham, perdidamente,
A volta das trimemes e das naves,
Que lhes trazem o espírito do Orien-
[te]

Em pedrarias, lendas e perfumes...

Então, andulam no ar diáfano e
[fluyente]

Suavidades idílicas, acordes
De avenas, comanuas e acorinas
Que veem de longe, da alma bran-
[ca] dos pastores,

ALMAS

desoladoramente frias

Almas desoladoramente frias
de uma aridez tristíssima de arria,
nelas não vingam essas suaves poesias
que a alma das coisas, ao passar, semia...

Desesperadoramente estereis e sombrias
onde passam (triste aura que as rodeia!)
divizam uma atmosfera amarga, cheia
de desencantos e melancolias...

Nessa árida rudeza de ruchoado,
essas sombras que nunca amaram nada,
sua própria viriude mete medo...

Como são tristes essas vidas sem amor,
essas sombras que nunca amaram nada,
essas almas que nunca deram flor...

Trazidas pelos ventos transmontanos
E espiritualizadas em surdinas...

Terra que ouviu Platão antigamente...
Seu povo espiritual, lírico e gene-
[roso]

Que sorri para o mundo e para os
[seus searebos]

Não ouve mais o oráculo de Eleusis,
Mas ama ainda, quase ingenuamente,
A saudade gloriosa dos seus deuses,
Nas canções ancestrais dos ritornados
E nos apitalismos do nascente...

Seus filhos amam todas as idéias,
Na obra dos sábios e nos epopéias,
Nos firmos límpidos e nas obscuras,
Procurando nas coisas entendê-las
— Fugas de sentimento e sutileza —
E os entendem na própria natureza,
Ouvindo Homero no rumor das ondas,
Lendo Platão no brilho das estreitas...

São poetas, heróis fortes e serenos,
Façam uma arte rígia, aguda e fina,
Com a doçura dos últimos heleiros
Estilizada em ênfase latina...

Com piedosos sorrisos indulgentes,
Em que longas renúncias otimistas
Se vão abrindo, entre ironias puras,
Sobre todos os sonhos do Universo...

Ravendo-se num século submerso,
Meu pensamento, sempre muito hu-
[mano]

E' uma cidade grega decadente,
Do tempo de Luciano,
Que, gloriosa e serena,
Sorrindo da palavra nazorena,
Foi desaparecendo lentamente,
No mais suave crepúsculo das coi-
[sas]...

A ÚLTIMA CANÇÃO DO HOMEM...

Rei da Criação por mim mesmo
[clamado]

Quis, vencendo a Destino, ser a Rei
De toda esse Universo dilmitado...
Das idéias que nunca alcançarei...

Inteligência... esse onjo rebelado
Tambou sem ter sabido a eterna lei:
Pensei demais e, agora apenas sei
Que tudo que eu pensei estava
[lerrado]...

De tudo, então ficou sómente em
[lmin]

O pavor tenebrosa de pensar...
Porque as idéias nunca tinham fim...

Que mais resta do fúria molgrado?
Um boiido de faves e cantar...
A vaidade das formas... e mais
[Inada]...

Efemérides

da Academia

23 DE NOVEMBRO

1909 — Falecimento de Lúcio de Mendonça. Foi o principal fundador da Academia, sendo assim proclamado por todos os que se leem áctico a estudar a história da instituição. Lúcio criou na Academia a cadeira n. 11, que tem como patrono Fagundes Varela. Foi substituído por Pedro Lessa, que por sua vez foi substituído por Eduardo Ramos. A Eduardo Ramos substituiu João Luiz Alves e a este o sr. Ademar Tavares, atual ocupante.

1912 — E' conferido o prêmio da Academia ao livro "Eça de Queiroz, a Obra e o Homem", de Miguel Melo.

24 DE NOVEMBRO

1762 — Nascimento, no Rio de Janeiro, do padre António Pereira de Souza Caldas. E' patrono da cadeira n. 34, criada pelo conselheiro João Manuel Pereira da Silva, a quem sucedeu o Barão do Rio Branco. Este foi substituído por Lauro Müller, que por sua vez foi substituído por D. Aquino Correia, arcebispo de Cuiabá.

1826 — Nascimento de Ramalho Ortigão, membro correspondente da instituição.

1860 — Nascimento, em Pernambuco, de José Isidoro Martins Junior. Substituiu a Francisco de Castro na cadeira n. 13, não tendo chegado, como sucedera com o seu antecessor, a tomar posse. Foi substituído por Souza Bandeira e este pelo sr. Hélio Lobo, atual ocupante.

1894 — Falecimento de João Carlos de Medeiros Pardo Mallet, patrono da cadeira n. 39, que foi criada por Pedro Rabelo. Em substituição ao fundador, sentou-se nela Heráclito Graça. Hoje senta-se o sr. A. Austregésilo.

25 DE NOVEMBRO

1845 — Nascimento, em Foz de Vazim, Portugal, de José Maria d'Almeida Teixeira d'Eça de Queiroz, o primeiro membro correspondente que a Academia elegeu.

1915 — Eleição de Osório Duque Estrada para preencher a vaga de Silvio Romero.

26 DE NOVEMBRO

1919 — Recepção solene do sr. Hélio Lobo, eleito para a cadeira n. 13, em substituição a Souza Bandeira. Foi recebido por Lauro Müller.

A poesia metafísica de Raul de Leoni - Ronald de Carvalho

As representações propriamente materiais, na poesia de Raul de Leoni, são meros pontos de referência, que servem de apoio aos vóos de sua metafísica. Seu exemplo é singular. Em uma literatura caracteristicamente descritiva, qual a nossa, um espírito como o do autor da "Luz Mediterrânea" um espírito continuamente voltado para si mesmo, causa espanto. Apesar da intensa melodia dos seus ritmos, da largueza das suas construções métricas, seu lirismo não transbordaria, não vem à tona. Fica entre as luzes do cristal, dentro do próprio vaso em que circula sem se derramar. Palpa, assim, num estofa de facetas cambiantes, contido nas paredes translúcidas de uma forma exigente e severa. Raul de Leoni desmente, pois, o acerto do esquivo mas penetrante Charles de Bos, que faz da exaltação inicial a constante da arte poética. Ele pertence mais à família de Lucrecio e Sully Prudhomme que à

dúvida. "Luz Mediterrânea", nesse particular, é uma confissão abundante. Dirão, porventura, os imperitinentes, que a filosofia não cabe em verso. Simples contenda de vocabulos! A filosofia é o homem, ainda mais que o riso. Ou, melhor, o riso pantagruélico é a sabedoria, aquela *gayeté d'esprit* que se encontra em *iniprés des choses fortuites*, segundo se lê em Rabelais. Quando nos confessamos com a sinceridade nua de Raul de Leoni, praticamos um ato espontâneo e claro de filosofia. Para ele, como para Keats, a verdade é a beleza. Beauty is truth, truth beauty [that is all] Ye Know on earth and all ye [need to know...]

O mel das abelhas de Alexandria, às vezes picante, como no divertida Luciano, verte um pouco da sua esquia doçura no coração do nosso poeta. Seu raciocínio experimenta as-díficil-rentes vaidades generosas da

do Fausto, o Vigny do Moisés, são resistentes ao primeiro contacto. E' preciso vencê-los, para compreender-lhes o sentido secreto da obra. Não há entida-de mais intratável que a idéia. E' um bloco único, total. Para chegar até ela, faz-se mister que nos despojemos dos preconceitos do nosso coração. Temos que a analisar com os próprios elementos de que ela dispõe. Enquanto usarmos de aproximações mais ou menos penetrantes, ela se conservará alheia aos nossos olhos. Não a veremos, de modo nem um. A poesia de Raul de Leoni, mercê dos deuses que lhe deram uma inteligência geométrica e avisada, não é amável nem derramada, mas esconde, sob a variedade sutil de ritmos cristalinis e puros, a entranhada e silenciosa riqueza de estratificações de um quartzo polihédrico. O veio que reluz, agora, ao sol, indica a preciosa mina que o reteve por tanto tempo escondida.

PÁGINA DE RAIMUNDO CORREIA

TÚMULO AÉREO

Com que tocante e singular iris e.a.,
Entre os Naiches, a mãe, que acia e dura
Perda de um filho sofre, a avoz crua
Das próprias dores fludir procura?

Põe-no em cama de flores, que pendura
A um galho por cipós torcido p'ra n:
Cantam aves por cima... e a correnteza
De um rio embaixo flue, trepida e para...

Das árvores suspenso e entre a, remagena,
O morto infante jaz; frouza, macia
E molemente, embalam-no as aragens;

E em branda oscellado suave e doce,
Reu tímulo ali fica noite e dia,
A balouçar, como se um herco fosse...

A AVÓ

Este infante de olhar e faces inocentes
Me repele, e por que, quando me adego dele?
Quando, com as mãos sem força, engelbadas, trementes,
O alago, por que chora e por que me repele?!

A velhice tornou meu semblante tão feio,
Que às crianças que heijo, amoeijo e acaricio
Já não inspiro amor, só inspiro receio?!

Meu riso é hoje acaso um momo tão sonhadio,
Que este infante que embalo, este que de mão vejo,
Que é meu neto, este até chora quando me rio?!

E, como ele conturb, eu sou fraca, como ele,
Eu não tenho tambem nem cabelos nem dentes...
At! quando o von heijar, por que é que me repele
Este infante de olhar e faces inocentes?

A POESIA DE RAIMUNDO CORREIA

(Prólogo da edição portuguesa das "Poesias")

Um dia, um jornal de Lisboa publicou o soneto:
Vai-se a primeira pomba despenhada...
Vai-se outra mais... mais outra...
E eram tão lindos, os versos e tanto diziam aos corações, que a doida, em que se faiz a formosa lingua, conhece o primor, transcrito, mil vezes reditado, por muitos arceadoado como jola.
A Raimundo Corrêa chamavam o Poeta das Pombas.
Em meados do verão do ano passado, nomeado secretário da legação do Brasil, desembarcava o poeta em Lisboa, e pela primeira vez, aspirava o ar da velha Europa suggestiva, da pátria dos avós longínquos. As poesias dos vinte anos outras haviam succedido, igualmente sinceras, mas já não escritas com a mesma pena arrancada às asas brancas dos condores, molhada nas tintas doiro das alvoradas tropicais. Voara a mocidade, chegara a hora do crepúsculo melancólico.
Três livros traxia o poeta consigo: — "Alelianas, Versos e Versos, Simfonias.
Dos três se faz agora este, que antes da breve partida para a pátria longe, ele quer deixar aos irmãos daquem mar, cuja lingua musical dellosamente, escreve, senhor dos seus regredos, das mysticas harmonias, das melodias prolongadas e stauvissimas.
E' um livro de retalhos e é um livro completo; é o romance do poeta, e a história dum coração. Este lhe deu a unidade, com este, um sempre idéntico, levantado sentimento artistico. Livro de mocidade e livro de saudade. O sorriso iontem e as lágrimas d'hoje cantam um mesmo amor.
No ponto de tangência de dois sentimentos diversos o sonho hesita e escreve o Renascimento. Surja-se a vida! Abre-se o espirito à frescura da nova lua. Bata-lhe o sol alegremente! Vamos a erguer a pedra pesada e fria e, das trevas do sepulcro, voemos para a floresta, para o mar, pelo azul afura, desfollhando as derradeiras pétalas duma flusão.
Mas os bons tempos de vez

chora o seu anjo da guarda; cospem-lhe amigos; salta-lhe com cinza o pão com que há de matar o fome, o vinho com o qual descender-se.

Mas, por consoladora ironia, chom-se B'n'am o primeiro poema das Flores do Mal.

Soyez bent, mon Dieu, qui donnez la souffrance à un être sensible et qui ne le laissez pas mourir.

Qui prépare les forts aux saintes ve-

Os docilas teem... e as suas almas, de enorme en-

Envolat bien loin de ces miseres Inerables, Va te purifier dans l'air supérieur, Et bois, comme une pure et divine liqueur, La feu clair qui remplit les espaces liquides.

Nas Harmonias de uma noite de verão conta-nos Raimundo Corrêa todo um diálogo passado na própria alma, grama eia que falam saudades, esperanças, temores, consoladoes. A poesia torna-se um refúgio, até quando horrorosamente nos dá

A última espécie de lágrima e zel

Em meio das trações, das tranças urdidas, dos punhais acerados, hipocrisias, odios, vícios, o poeta diz ao homem:

Azendo, arrouco-me às invidências, Onde estraze a zielda das esteras.

E quantas poesias deste livro fo: um escritas só pelo gosto de nudar no azul, dolhos fecnulos para as miserias e de bulco, encadeados pela luz purissima, em jorros na alta nascente!

Procurem-se o olvido; mas, quanta vez, a alma própria grita no drama fantasiado, grilo sinistro como o do pelicano de que fala Alfred de Musset.
A mulher e a paisagem occupam importante e formosissima parte do novo livro de Raimundo Corrêa. Assim devia ser. Apaixonado cultor da Formosura, esta havia de aduzir-lo pelo que possui de mais poderoso em suggestões e mistérios.
Não canta uma mulher: canta a mulher com todos os seus encantos, desde a grega nua de formas divinas eternizadas no mármore de Paros, até à moça aida forte e sadia, à hespanhola em boleros lascivos sorrindo com seus lábios corados, à coquette, que de pedra em pedra saltita, na encantadora aquarela da Chuva e Sol.

Nas paisagens tão cheias de cor que os olhos maravilham, de cantos que as almas elevam, de perfumes que as embriagam, adivinha-se quanta luz tem o céu do Brasil, quanta luz se roja no solo uberrimo, respira naqueles bosques, passa nas ondas quentes do vento rumorejante.

E entretanto uma doce essência de melancolia evolva-se do livro na margem de cada página que se volta, como um antigo aroma, que mal se define, mas traz uma recordação de sonho crepuscular, notas confusas duma velha canção olvidada.

E' que o poeta aprendeu a linguagem purissima, em que escreve, nos velhos livros da velha pátria dos avós, e porque destes herdou a alma portuguesa, cujos cantos tão docemente em nossas almas se inunnam.

Enquanto as criancinhas no Brasil balbuciam as primeiras palavras, tal qual os nossos filhos... Pail... Mae!... as glórias dos nossos irmãos serão as nossas, suber-nos-emos entendendo através dos mares, falando aos norações a mesma lingua musical.

Raimundo Corrêa é dos primeiros poetas brasileiros, é portanto uma glória portuguesa. Juniar o meu nome ao seu num mesmo livro é como harmonizar-lhe irmão, irmão que me envaldece.

João da Câmara

GARRA OCULTA

(ONRITO)

Sob o chuveiro de ouro da madeixa
Solta e sem nastro da formosa doida,
O alvo maltez, os fulvos olhos fechos;
E, como em fofa e tepida abotulada
No macio regaço onde se aninha
Aus regalos da sesta se abandona.
Vendo-o mounso a dormir, mal se adivinha
A garra do fecho, o golpe agudo
Da lanceta acerada
Latente, oculta da graciosa pata
No estojo de veludo...

Tambem a mão ingrata,
A clara e debil mão que, carinhosa,
Com um alago e um mimo em cada dedo,
Lhe acaricia a feiza voluptuosa
Vaga e indistintamente,
O sangrento coral das lancinantes,
Das caprichosas unhas mostra a gente.

Novembro, 24.

NECROLOGIO DA COMEDIA

Quando estudante, na Faculdade de São Paulo, Silva Jardim e Valentim Magalhães, companheiros de Raimundo Corrêa, fizeram uma revista — "A Comédia". Quando a "Comédia" deixou de circular, Raimundo fez-lhe este necrológico:

"Morres, porque não te pagam (que espigão!)
as que de riso tu morrer fizeste!
Mas, olha, amigo, se a sorrir nasceste,
morre a sorrir, como nasceste, amigo!

Se ninguém na agonía te socorre,
morre, como Arlindo, às gargalhadas!
Morre, — fãndega, culmo, alegre, — morre,
morre, rindo a bandeiras despregadas!

Morre, saltando uma risada imensa
entre a vida e o morrer, jornal juvenil!
De meus um jornal, que importa a imprensa?
Que haja um cadaver mais, que importa ao mundo?"

UM ANÚNCIO E UMA RESPOSTA

Como Raimundo Corrêa houvesse desabarricido da "Semana", Valentim Magalhães, saudoso do amigo, ali publicou o seguinte soneto:

RAIMUNDO CORREIA
(Anúncio)

Fugiu-me, há mais ou menos quinze dias,
Este excelente e estimadíssimo amigo:
A quem trouxe-me, um livro do Tobias,
Protestarei se alguém lhe der abrigo.

Atenção nos sinais: — Formas equivas;
De praxistas occirrimo inuivajo;
Cérebro aberto às louzas fantasias,
E, nas botas, às vezes um "postigo".

Adora os versos bons e o annunciante;
Toilette pobre, intelligência rica,
Traja exilido impeccable, traque preto;

Versos publica e fuma a todo instante;
Se não fuma os sonetos não publica
E' que o fumo desfaz, faz o soneto.

Raimundo Corrêa respondeu no seguinte soneto:

A VALENTIM MAGALHÃES
(Resposta ao anúncio)

Fugiu-te um rate, e um livro prometeste
A quem trouxesse-o, em traço-o... mas se bemz
Se de pra longe foi, quando vieste,
Porque, pra longe vais, quando ele vem...

Não foi fiel o anúncio que fizeste
Do tal tipo; assegura-te, porém;
Se muitas coisas lhe deste que não tem,
Muitas coisas lhe deste que não tem.

Nem te lembreste desta circumstancia
De que o tipo é burguez e os modos d'as
Fassa, sendo burguez, entre os burguezes; —

Mas, isso hoje é de minima importância
Cá o tens!... Dá-me o livro de Tobias,
De Tobias Barreto de Menezes.

GOETHE -- Marques Rebelo

Por muitas vezes Goethe teve ocasião de se referir aos seus "demônios", coisa que não pode deixar de surpreender a todos aqueles que não conseguem imaginar a figura do imenso alemão ainda como um manequim de pelo no alto da montanha da serenidade.

Sereno foi ele, na verdade, mas, melhor seria dizer — "conseguiu ser-lo". E, para atingir a tal altura, foi preciso ir pouco a pouco, com a proberbial tenacidade germânica, vencendo os seus demônios interiores. Se chegou a vencer todos é impossível apurar. Mas o certo é que a famosa impressão de personalidade olímpica que nos legou, nada mais é do que a consequência das sucessivas vitórias obtidas na mais difícil psique de um gênio que sempre aspirou ao universal.

No impressionante paralelo entre Nietzsche e Goethe, Spengler, tomando os dois declaradamente como mestres excluídos, ressalta a posição do segundo muito mais favorável em relação ao tempo em que nasceu.

Goethe, com efeito veio ao mundo numa das épocas mais decisivas da História, tendo, tido, segundo o conceito do autor de "Decadência do Ocidente", a oportunidade única e maravilhosa de presenciar o caso de uma cultura e o nascimento da civilização resultante. E o mais curioso é que o criador de Fausto tinha absoluta consciência dessa situação, e a sua atitude diante do fatídico fenômeno da revolução napoleônica e uma prova disso.

Plantado como um solene rochedo no fim do século XVIII, via encerrar com ele um ciclo de inextinguível grandeza, e, ao mesmo tempo, sempre interessado e perscrutador, lançava o olhar sobre todos os desenvolvimentos possíveis de sua era. E si dentro daquele cenário agitadoíssimo foi ator dos mais conspícuos, nunca houve na plateia do mundo espectador mais atilado nem mais justo. Do ambiente que morria ele conservou o respeito à ordem (sido incompreendido por Beethoven, seu contemporâneo mais avançado no tempo), bem como um sublime amor da forma, antecipando o futuro próximo, foi o consolidador da posição do indivíduo.

Talvez seja sob este aspecto que melhor se deve estudar o caso Werther. Pela primeira vez na história literária do ocidente, aparece com força poética uma análise passional do indivíduo, com tal evidente escândalo para o clássiçimo que então imperava. Com os processos modernos de psicologia, dir-se-á que Werther foi pura Goethe uma sublimação. Escrevendo-o, talvez não tivesse outra intenção senão vencer, livrar-se do seu primeiro e mais temível "demônio": o de embriaguez da mocidade. E' inútil querer rebuscar arquivos e desvassar correspondências para averiguar até que ponto a realidade coincidiu com a ficção, isso é tarefa para os Ludwigs e Zwisigs e nada poderá acrescentar ao valor da obra. Pelo contrário. O que importa, antes de mais nada, é o estudo aprofundado de um coração de vinte e três anos, e o início brilhante daquilo que se passou a chamar de subjetivismo literário. O indivíduo surge, portanto, com todo o seu vigor, respondendo o último vau pendoroso com que teimaram encobri-lo os clássicos da época.

O caminho estava, evidentemente, preparado para receber a revelação. E o wertherismo se tornou um fato antes de se tornar uma palavra. Houve até uma certa epidemia de suicídios, que se estendeu por quase um século, e cuja causa bem se poderia atribuir ao romântico rapaz do Reno.

No campo das letras os estragos não foram menores. Uma enxurrada de imitações e contrações correu por todos os cantos, das quais só logrou sobreviver, assim mesmo de maneira bem apagada, o "Jacobus Ortis", de Hugo Foscolo.

O encanto inapagável de Werther tem a mesma explicação da personalidade do autor: reside na fusão muito harmoniosa de duas épocas distintas. Si o "eu" aparece nela com um vigor de contornos quase imortal para o tempo, a roupagem que veste é ainda puramente clássica, quase arcadiana — um excesso corrigido o outro.

Werther constitui, além disso, uma das figuras mais singulares na galeria dos grandes tipos literários. Os cétricos poderôs não levá-lo a sério, tomando-o por um desprezível representante da espécie masculina. Muito crítico superficial pensará hoje que se trata apenas de leitura destinada a mocinhas ingênuas, se é que ainda existe tal gênero de leitoras. Mas houve um gênio com a maior autoridade em assuntos tanto literários quanto amorosos, que soube elevar Werther à categoria de símbolo: foi Stendhal.

O grande Bayle colocou Werther como antítese de D. João, e estudando a fundo o coração de ambos, concluiu, matematicamente, pela proeminência do primeiro em matéria de felicidade, o que não é pouco.

No seu célebre tratado sobre o amor, diz Stendhal: "O amor tipo Werther predispõe a alma a todas as artes, a todas as impressões doces e românticas, ao lugar, à beleza dos bosques, à pintura, em resumo, ao sentimento e ao gozo do que é "bello", sob qualquer que seja a forma em que se apresente, nem que seja sob o disfarce de um burel". "O amor tipo D. João é um sentimento no gênero do gosto pela caça. E' uma necessidade de ação que precisa ser despertada por diversos o que está constantemente vindo em dúvida os talentos do amante."

Stendhal sabia o que dizia, embora nunca tivesse podido aplicar com êxito os seus princípios. De qualquer maneira, o seu depoimento é precioso, e nada se poderia desejar de mais auspicioso para o homem da caça a possibilidade de se sentir ainda um pouco Werther, ao menos por um dia, a despeito do prosaísmo dos nossos clamorosos tempos.

Uma carta de Alberto de Oliveira

A propósito de sua "Luz Mediterrânea", Raul de Leoni recebeu de Alberto de Oliveira a seguinte carta:

"Rio, 24 de agosto de 1922 — Meu caro Raul: — Li o seu grande livro. O que penso dele já o manifestei ouvindo-lhe a leitura em Petrópolis. Podia ter-me enganado na impressão que me deu então, pois, como lhe disse, são os ouvidos a quem não-los festeja juiz mais benevolente que os olhos e v. da maravilhosamente os seus deliciosos versos.

Reconheço agora, tendo sob os olhos "Luz Mediterrânea", que, ouvindo os lidos, seus poemas são sempre admiráveis, dos mais belos que hoje se fazem.

A alma que os inspira, — e sua alma está

em todos ou em quase todos, — é a de um pensador profundo, de um filósofo voltado, introspectivamente, sobre si mesmo, a interrogar-se, a torturar-se e a cantar.

Dai a feição própria, inconfundível da sua poesia, toda ela psíquica, analítica e não raro afetada ou irônica.

Nada achei de repisado ou vulgar em todo o livro, tudo muito original, muito seu e muitíssimo elevado.

Estou encantado. — Com um forte abraço, seu amigo e admirador,

ALBERTO DE OLIVEIRA.
"Jornal do Comércio", 21 de agosto de 1922.

METODOLOGIA DO LATIM — Serafim Silva Neto

Certa vez, na Faculdade Nacional de Filosofia, dizendo que o método é a experiência vivida, acrescentávamos que o professor Ernesto Faria tinha por si a experiência das grandes Universidades europeias.

A prova disso acabou ele de dá-la agora com o seu esplêndido livro: "O latim e a cultura contemporânea, Brigueit, 1941.

Por certo esse é um dos problemas mais importantes da cultura moderna.

Sabemos, pobres professores ginasiais, a ogeriza, a ma vontade que os alunos devotam à formosa língua de Vergílio.

Também, pudera! Ultimamente o ensino de latim tornou-se tarefa muito anacrônica, por causa da caducidade dos métodos usados.

Os maus professores tornaram-no, de língua morta, língua fossilizada. Para reabilitar-se no posto dos alunos ele precisa reformar-se, acompanhar o progresso do método.

Torna-se indispensável vivificá-lo, dando-lhe colorido e encanto, ou, pelo menos, como salienta Marouzeau, tratá-lo como língua que viveu.

Graças aos processos modernos, podemos alcançar o sonho de Salomão Reinach: o latim sem lágrimas...

Assim é que, antes de fria e acamente enveredada pelas declinações e conjugações, é indispensável explicar, de modo acessível e claro, o que é o latim: a origem, o desenvolvimento, o papel na civilização do mundo.

Feita essa introdução indispensável, o professor ensina, e o mais depressa possível, o mecanismo da declinação e da conjugação, entrando logo a enfrentar os textos.

Nesse ponto é preciso precavermos-nos de uma tara pernicioso: o infeliz costume de fabricar frases para tradução.

Pobres alunos, obrigados a traduzir latim feito de encumenda!

Entre-se logo num texto latino: um Entrópico, um Floro, um Pedro, sempre estarão à altura da turma. Também se pode (é conselho do Prof. Faria) apelar para as inscrições. Esta, por exemplo, é magnífica:

"Homo es: resiste et tumulum contempla meum. Iuensis tetendi ut haberer quod futurer. Inluriam feci nulli, officia feel pluribus. Bene uine propera; hoc est ne inuidandum tibi".

O importantíssimo é ministrar aos alunos latim verdadeiro. Aliás, tenho verificado que os rapazes, avexados a traduzir frases soltas manifestam a maior alegria quando se lhes dá uma fábula para tradução.

A vantagem didática está em que o assunto da fábula se torna um centro de interesse, um motivo de atenção.

Essa velha costumeira de escrever latim está hoje completamente relegada.

De fato, a fundamental distinção de Victor Henry entre linguagem transmitida e linguagem adquirida veio lançar jatos de luz esclarecedora.

A primeira é a que aprendemos com os pais, quando começamos a falar. A segunda é a que adquirimos na escola, nas gramáticas e nos bons autores. Dai concluímos que o analfabeto, por exemplo, só possui linguagem transmitida, enquanto para o estrangeiro só existe a linguagem adquirida.

Ora, justamente, o latim transmitido sala da memória dos homens: ele é hoje, apenas, uma linguagem adquirida.

No aprendê-lo somos todos estrangeiros. Estrangeiros que só estudamos pela norma ideal e utópica das gramáticas, estrangeiros que nunca ouvimos o latim vivo, corrente, mas que só dele sabemos através da artificialização dos textos.

Ora, como o verso e a prosa artística representam seleções estéticas da fala usual, fica bem claro que não podemos escrever em latim.

Na Idade-Média era justificável essa orientação, mas, em nossos dias, ela é de todo em todo incompreensível.

Durante o Renascimento houve, com a febre dos estudos clássicos, um fato curioso e notável: "Encontrou ele (Ciccardo) na cidade um homem tão bom e apaixonado latino que tinha um filho ao qual, desde os quatro anos, isto é, desde a mais tenra idade lhe ensinou o latim, pelo mesmo método por que toda a gente o faz no idioma vernáculo. Este pequenito — diz ele ao seu amigo Vasen — aos sete anos recita passas da Eneida, conhece perfeitamente as diferenças dos gêneros e dos tempos". (v). Raul Machado, Ensaio sobre o poeta nov-latino Diogo de Palva de Andrade, Lisboa, 1941, pág. 7).

Baldado intento, esforço perdido, porque o latim já não é língua nacional: "Uma língua é própria de uma nação quando é a que os filhos aprendem de suas pais, a que os conacionais emplean en su vida de relación y la que sus poetas y escritores elaboran y cultivan esteticamente para sus producciones de alta cultura". (Amado Alonso, Castellano, Español, Idioma Nacional, 1938, pág. 176).

E' estranhável, portanto, que um tão perito latinista como o Sr. Raul Machado tenha escrito o seguinte: "E até, — caso curioso e digno de nota! — a maior parte dos poetas nov-latinos não debou sequer vestígios de produção literária, de prosa ou verso, na língua portuguesa; e todos eles legaram à posteridade, no seu espólio literário, joias incomparáveis, de beleza inacrescível e cintilante, em latim". (obra citada, págs. 17-18).

Com respeito ao ensino do latim há outro ponto que se repete como dos mais valiosos. E' a questão da pronúncia.

Os modernos estudos de fonética histórica lograram estabelecer, com absoluta segurança, a pronúncia dos fonemas latinos. E' a chamada pronúncia reconstituída.

Uma vez reconhecido esse fato, por que continuar com a pronúncia do latim à portuguesa? Por que não adotar logo a pronúncia verdadeira?

Persistir conscientemente no erro é indigno de trabalhador honesto, sempre pronto a aprender e a aperfeiçoar-se.

Os gramáticos teem-se afeerado demasiadamente à tradição. As nossas gramáticas latinas, em geral, ainda se escrevem às velhas artinhas, aos velhos e velhos métodos.

Ainda se mantem designações antigas e poeirentas como, entre outras, parissilábicos e imparissilábicos...

E' preciso levar em conta os progressos da linguística e aplicá-los, com dosagem suficiente.

Carros de razão tinha Brel em recomendar que a linguística deve estar sempre "latente" nos manuais e nas lições escolares.

Posteriormente ao grande impulsionador da semiótica Bachier e Debrunner, entre outros, bateram-se pela inclusão, nas gramáticas elementares, dos resultados conseguidos pela moderna linguística.

Nas indisciplinadas linhas que estou escrevendo, vou glossando as justas e bem pensadas idéias de Ernesto Faria.

No seu forte e primoroso livro, há páginas lapidárias acerca da sintaxe e da estilística, da aquisição do vocabulário, das edições escolares, da tradução e da versão, da preparação funcional do professor...

Creio, entretanto, que nenhuma parte do livro é mais útil, profunda e brilhante do que a referente ao comentário de textos.

Sabemos e resabemos que essa é uma parte importantíssima no ensino de qualquer língua. Por aí é que o latim resuscita diante de nossos olhos.

Pelo comentário dos textos os alunos se imbuem de que o latim não morreu, mas vive ainda hoje nas línguas chamadas românticas ou neo-latinas.

De fato, é das mais urgentes e prestantes a tarefa de relacionar o português ao seu antepassado. Acho que os professores das duas cadeiras devam cooperar mais estreitamente.

O sr. Ernesto Faria bastas vezes, neste livro magistral, estende a mão aos colegas os portugueses. Aliás, vale a pena recordar, que o Prof. Sousa da Silveira, traduzindo e magistralmente comentando algumas fábulas de Pedro, já tacitamente convidara aos mestres da língua de Ovidio ao trabalho comum.

O ensino da velha língua do Lácio muito e muito se beneficiará com o auxílio do português, assim como o perfeito conhecimento desta só se obtém a troco de estreita relação com o latim.

Mas, retomando o fio da meada, ouçamos o que, com referência ao Comentário diz o próprio Faria: "Assim, é sob forma de comentário que um fato gramatical aparecido pela primeira vez deverá ser explicado, uma palavra nova aproximada de outra já conhecida em latim à qual se assemelha pela forma ou pela significação, ou a uma família de palavras portuguesa ou romântica, enfim um fato de civilização, uma referência histórica, geográfica, mitológica, etc, terão nele sua explicação imediata". (pág. 203).

Muito digna de admiração e aplauso é a mostra de Comentário ministrada pelo autor, com exemplo na conhecida fábula da raposa e da máscara.

Que formosa aula nos ofereceu o Prof. Faria!

Correndo estas pequenas impressões de leitura não deixarei de louvar a farta e escolhida Bibliografia com que se termina esta auspiciosa obra.

Oxalá as salutares idéias de Ernesto Faria possam vingar e frutificar em nosso meio, para satisfação dos nossos queridos discípulos e proveito do Brasil.

Este artigo bem longe está de dar impressão da suculenta matéria, exposta, com tanto brilho, pelo conhecido Prof. da Faculdade Nacional de Filosofia.

O livro de Ernesto Faria, tão cheio de vida e tão arejado de modernas idéias, deixa intrinsecamente sem razão de ser o tom irônico de Ega de Queiroz quando punha na boca do Sr. Abade Custódio, amigo de Afonso da Maia, as seguintes palavras:

"— Deve-se começar pelo latimzindo, deve-se começar por lá... E' a base; é a basezinha!"

Hoje, o neto do grande senhor, o Carlinhos da Maia, teinha aprendido latim com sumo agrado, com tanta satisfação e gosto como se exercitava no trapézio ou montava a Brigida!

FALO DE DEUS E DO CIRCO — CECILIA MEIRELES

COMO passássemos pelo Jockey Club, perguntaram-me se gostava de corridas. Respondi: "Prefiro o circo".

Depois fiquei refletindo sobre o que dissera. O circo tem merecido uma tal valorização por parte dos artistas modernos, que talvez a minha resposta fosse apenas um eco de desenhos que

tenho visto, de versos e histórias com que me tenho encantado.

"Mas dizem que os circos vão acabar" — acrescentou a voz ao meu lado.

Então, senti uma onda de inquietação caminhar por dentro de mim, um arrancamento, uma perturbação, e compreendi que

minha resposta fora sincera, que amava os circos, e a ideia de perdê-los me fazia sofrer.

Dias depois, num passeio rural, o automóvel teve de fazer um desvio suave, porque na sua frente, — alta, escura, pesada, — a mole de um elefante desenhava um rochedo movediço sobre o raso campo.

"Ah! — suspirei — ainda te-

mos circo!" E de novo uma alegria agitou dentro de mim ramos floridos e asas brancas.

Torna a passar algum tempo, e outra voz me pergunta: "Leu o desastre do circo?" Nova emoção. "Que desastre?" Sorriso de estranheza. "V. não lê os jornais?" "Não, eu não sou dos que leem... Sou dos que escrevem..."

Então a pessoa descreveu-me uma temporal tremendo, vítimas, gritos, coisas voando...

Dessa vez, mergulhei por completo no sonho. Nuvens e luas se confundiram no mesmo voo, com aquelas formas gigantescas dos animais prehistóricos. Elefantes em levitação atravessavam a tempestade e miravam seus mansos olhos no espelho de ouro da lua. Os cavalos brancos, com seus equilíbristas intactos, corriam na pista do céu, caudas e crinas transformando-se em cometas. E os palhaços iam pelo zodíaco, recolhendo estrelas do Aquário, transformando os peixes em carneiros e os carneiros em touros, tirando a Virgem da cartola, e atirando para os lados setas, balanças e escorpões...

E uma suave claranga marcava o ritmo do meu sonho. Lembrança humilde da musiquinha plebéia confundida com a divina harmonia das esferas.

A VIDA É DE CABEÇA BAIXA — Alvaro Moreyra

ILUSÃO

A eternidade é a vida de cada um. E na vida de cada um, quantas eternidades!

NEM TUDO É GUERRA NO MUNDO...

Por acaso, hoje fez frio. Andei pelo país da Menina de Neve. Agora, sugando um cigarro triste, estou me lembrando dela como de outras alegrias tidas e perdidas, que todas acabaram iguais:

"Abriram a janela para que visse o sol. Então a Menina de Neve foi se sumindo, sumindo, e afinal só ficaram umas gotas de água nas mãos que a seguravam..."

A Menina de Neve e a outra, Branca, também de Neve, a Gata Borralheira, o Chapéuzinho Vermelho, o Pequeno Polegar...

Se me contassem Pele de Burro, eu teria um grande prazer... — disse, um dia La Fontaine.

Aqueles princesas, aqueles príncipes, todas as criaturas que enchem o jardim da nossa infância, ficaram conosco, não envelheceram. Vão, dentro de nós, como chegaram por uma voz amada, há tantos anos, quando não sabíamos os nomes das estrelas e o céu parecia mais bonito. As vezes, em certos instantes, revemos as longas estradas, as florestas, os castelos, paisagens e construções por onde andamos, onde moramos. Quem imaginaria que a vida era de verdade, — de verdade diferente?...

Scheerazada ainda nos fala. E como temos desejado a lâmpada maravilhosa! Nenhum feiticeiro nos mandou ao centro da terra procurá-la. Mesmo que nos mandasse, não iríamos. Que dá a fé? Aladino acreditou, foi, enriqueceu, casou com a filha do rei, guarda sempre a lâmpada maravilhosa, possui o que quer; faz, dos desejos que inventa, todas as realidades. E' o homem feliz. Nos caminhos que o veem passar, a poeira se transforma em ouro, as árvores se apinham de frutas, os pássaros bailam e cantam, a gente para encantada...

Não há nada impossível. Esta é a tua lição, Aladino. A alegria está contigo.

O BURRO DO MAJOR CIDADE

O major Cidade, da Guarda Nacional, morava em São Leopoldo e tinha o dicionário português de Adolfo Coelho. Meu pai queria esse dicionário. Num domingo, Ernesto Silva, dono da informação, nos levou à casa do major Cidade, para ver se era possível comprar o dicionário. Uma negrinha abriu a porta, mandou entrar:

— Dindinho já vem.
Em vez do Dindinho o que veio foi um chetro de banha no fogo. Bem depois, no meio da fumaça, ele apareceu com um prato na mão e, no prato, um bife com ovos.

— Desculpem a demora. Estava fazendo a comida do papai.

Ernesto Silva, que acompanhara o esturro do pai do major Cidade, perguntou, espantado:

— Do papai?
— Sim. Ah! você não sabe!
Contou: numa sessão, três dias após a desincarnação, o espírito do papai comunicou que ia se reincarnar no burro de dona Catarina. Embora crente, quis se convencer. Comprou o burro e, como o papai só gostava de bife com ovos, ele mesmo frizou o bife, estalou os ovos, foi levar o prato ao burro. O burro comeu.

— Era o papai! Venham ver.
Fomos. Vimos. Deitado num barracão, nos fundos da casa, o burro, de olhos lânguidos, saboreou o bife com ovos, lambeu o prato e a boca.

— Bom, papai?
Papai sacudiu a cabeça como quem diz:
— Muito bom.

— Até logo.
Cumprimentamos também e partimos. O major, de tão contente, não vendeu o dicionário, — deu.

Parce mentira, não parece?
Pois, esses dias, morreu, preso, em Pelping, um porco em que estava encarnado Buda! O telegrama acrescentava: "Vários sacerdotes budistas compareceram ao local afim de rezar o serviço fúnebre em homenagem ao desaparecido."

No caso de agora, o que admira não é que Buda escolhesse um porco para se incarnar, — o que admira é que até os deuses, nestes tempos, sejam obrigados a morrer na prisão...

TAREFAS

A vida, que deprava tanto, depura muito também.

NOSSA CASA

Foi assim que ela ficou se chamando. Nossa casa. Ainda existe, numa "vila", em São Clemente, à sombra das árvores de Ruy Barbosa. Três degraus, uma porta, uma janela. Há vinte e sete anos, Felipe D'Oliveira, Homero Prates e eu morávamos lá. José Picorelli, às vezes, lá dormia conosco. Dizia que lá dormia. Já era conversar até de manhã.

Uma noite, estávamos tristes e trágicos. Começou a chover. Calamos. A chuva pertence à nossa religião. Felipe abriu outra

sarrafa de Madeira R. Homero acendeu o último cigarro do quinto maço. Eu acendi o primeiro do sexto no cigarro do Homero. Picorelli fixara os olhos no chão.

— Bebe, Picorelli.

— Não se mexeu.

— Não queres fumar, Picorelli?

Silêncio.

— Que é que você tem?

— Continuo mudo, imovel.

Gritamos:

— Picorelli!!!

Então ele murmurou, sem levantar a cabeça:

— E as mãos das mulheres que morreram sem pecar, e foram enterradas hoje? E a primeira noite debaixo da terra... A chuva vai molhar as mãos...

Ninguém "vin" mais nada...

Picorelli tinha a especialidade dessas sugestões. Seguro, inquieto, misterioso, com a sua cabeça de Dante e o seu riso de Voltaire (ah! moedade!) — não vinha nunca durante as horas claras, chegava sempre da escuridão, dos lados do mar. Chegava como quem vinha descobrir alguma coisa, de súbito...

Outra noite, Felipe, sózinho, lia em voz alta a tradução que concluíra, das primeiras páginas de "Assim falava Zarathustra". Picorelli surgiu, deteve-se. Felipe, sem dar por ele, declamava entusiasmado:

"... Zarathustra falou assim ao seu coração: — Será possível? Esse velho santo, na floresta, ainda não ouviu dizer que Deus morreu!"

Picorelli exclamou:

— Deus morreu! Que enterro, hein!

Eduardo Guimarães, distante, na cidade natal, comparecia muito à nossa casa, em saudade. Certa madrugada, Felipe, com uma enxaqueca terrível, foi se deitar. Picorelli, que sabia de cor todas as mãos, suspirou um verso do Eduardo:

"Quando virás pousar as mãos brancas e frias..."

Resolvemos os três fazer um soneto que principiasse pelo verso do Eduardo.

Salu esta mistura de quatro "simbolistas" jovens, — ótimo documento da poesia de 1914:

"Quando virás pousar as mãos brancas e frias nas minhas mãos de sonho, onde a quimera dorme?... Doi-me o perfume cruel de anéis sem pedrarias, mal surges, rosa à boca, entre a penumbra informe..."

Já todo o seu tesouro ideal e multifforme o meu amor depôs nas tuas mãos vãs... — Dante sem lírio olhando o íntimo inferno enorme que o desejo povoou de espectros e agonias.

Sinto-te longe, a andar sobre rosas morrentes, Nossa Senhora dos jardins sempre fechados, que há de em mau florir os meus cantos doentes...

Um luar de outono triste erra nas fontes mortas... As estátuas na sombra erguem vultos parados... Quando, de azul, porás a rosa branca às portas?..."

FANTASMAS
Um disco gira na vitrola. Canta uma canção de Paris, uma canção de há trinta anos... E ainda há quem duvide de que o mundo acabou!

Fantasmas, meu irmão... nós somos fantasmas...

EURICLES DE MATTOS
O jornalista rasgou os livros que o escritor quis escrever. Só os operários da imprensa, os homens que compõem, gravam, imprimem, só esses companheiros sabem que os outros, os da redação, também são operários, também trabalham, também ganham pouco, e não valem nada além do que produzem.

Euricles de Mattos, que vinha de casa para a sua faina de todos os dias, que se desprendia dela para tornar à casa, com algum rápido passeio pelas livrarias, era bem a criatura estandardizada em aparência, o modelo saído da mesma forma dos que precisam ganhar a vida. Poeta de sensibilidade, anulou-se. Enxista de cultura, esqueceu-se. E com pouco mais de quarenta anos conseguiu a aposentadoria da morte.

NAO ADIANTA
Não devemos falar mal do nosso tempo. Ou por originalidade ou por inutilidade. Em todos os tempos, os homens falaram mal do seu tempo. Foi até por isso que houve o Dilúvio, muito antes de Luis 15. Que adiantou?

A ENORME APARENCIA
Entre o que se sente e o que se faz não existe relação nenhuma além da aparência humana que confunde todo o mesmo espetáculo...

Em certo momento, nitidamente vi o salto mortal de um funambulo: entre dois planetas.

Sózinho, com o seu silêncio. Apenas, ele se atirava de um lado ao outro como sobre o ar vazio. Mas eu via um fiozinho mais fino que um arame, estendido por Deus de ponta a ponta.

E, se não for pecado, direi que creio ter visto Deus. Não, talvez o Deus de Moisés — mas o Deus das crianças e dos poetas. Deus, com seus anjos, seus santos e seus benaventurados, assistia ao espetáculo do circo voador.

E julguei que Deus falava comigo. (Deus é tão grande, que seria capaz de conceder essa graça à minha miséria).

E Deus dizia: "O circo, minha filha, é o melhor brinquedo da terra. No circo não há canhões nem metralhadoras, nem aviões de bombardeio; esses também são brinquedos, — mas brinquedos perigosos. No circo há música, animais da Arca, muitas luzes, muitas cores, homens e mulheres de corpos disciplinados, palhaços que sabem fazer prestidigitações, trapézistas que preparam seus estudos para anjo".

E Deus bondosamente continuou: "O circo é o brinquedo de grandes e pequenos que conservam coração simples e adoram os sonhos. O circo é o meu brinquedo preferido, porque é a brinquedo dos pobres. E' um brinquedo completo. E, como os bons brinquedos, profundamente educativo. Repare na música. E' música barata, estridente, mas ouve-se longe. O menino que já vai adormecendo, o trabalhador que sente a fadiga do dia, as vidas obscuras que olham o baixar da noite, com seu peso de solidão, ouvem esse rasgar de metais, — e sorriem. Tem a visão das tendas iluminadas, das lanternaças das dançarinas, das sedas dos palhaços, dos imponentes cavalos... — e por isso seu coração se enche de felicidade... Dizem: "E' o circo!"

E não precisam sair de onde estão. Penetram no mundo maravilhoso da imaginação, e se recuperam de todas as máguas, andando por seus labirintos de ouro.

O NEGRO TOMOU PARTE NO

(Reprodução do número anterior, por ter saído com incorrecções).
Antes de dar uma resposta, que me parece definitiva, a pergunta — o negro tomou parte no bandeirismo? — acho de bom aviso esclarecer o pormenor referente à acção da palavra "negro" da terminologia bandeirante.

OS TAPANHUNOS DO PLANALTO

Na linguagem dos nossos avós, negro-africano tem, também, o nome de "tapanhuno". Não foi outra coisa o que sustentei em "Marcha para o Oeste".

Trata-se de coisa mais que sabida.

Se há um esclarecimento a fazer é o de que os "tapanhunos" do planalto não admitem qualquer confusão com os tapanhunos que Métraux menciona como localizados mais ao norte (1) e contra os quais teria investido Francisco Dias d'Ávila, no litoral da Baía. (2) É possível, isso sim, que a denominação dada aos africanos da bandeira (denominação de tapanhunos) provenha, justamente, do facto de existirem, no Brasil, os índios de pele escura que eram os tais tapanhunos da tribo tupi. Mas a linguagem dos documentos é muito clara e faz a distinção (pele menos no planalto) entre uns e outros: isto é, fala exemplificadamente em negros assim da terra (os índios) como tapanhunos (vindos de fóra).

NEGRO-AFRICANO E NEGRO-ÍNDIO

Quando a "negro" só se refere ao índio escravo, já quem assim o disse não tem a mais mínima razão.

Neste ponto, a razão está com Taunay quando nos diz: "negro dos nossos primeiros séculos tanto podia significar indígena da América como da África". (3) Quem, na verdade, — pergunta Ciro T. de Padua e com toda a razão — nos poderá assegurar que negro, como sinónimo de escravo, só se aplica ao índio e não ao africano? Se tanto havia escravo índio como africano, o lógico é aplicar a designação de negro tanto ao primeiro como ao segundo. Em outras palavras: mesmo que os nossos avós não aplicassem a palavra "negro" no sentido em que hoje a usamos — como sinónimo de preto — o certo é que a aplicavam como sinónimo de escravo e escravo não era só índio senão também o africano. Portanto, negro podia ser, também, o africano e não exclusivamente o índio. Assim, as atas — prescrevem bem atenção a este ponto — falam em negros "assim da terra como tapanhunos" (4). Também falam em "negros do gentio de Guiné" (5). Neste caso, não estará o bandeirante falando em negro como sendo o próprio negro africano? É evidente que sim. Se os negros são "assim da terra como tapanhunos", ou pertencem ao "gentio de Guiné" — está explicado que tais negros são, também, os africanos. Não há outra conclusão, mesmo porque "interpretatio cessat in claris"... Aliás, havia maior razão em se chamar negro ao próprio negro, ao invés de fazer-lo com referência ao ameríndio que nem sempre era escravo (por causa da legislação e do fustiga) quando o negro (africano) era tão necessariamente escravo que o próprio fustiga o reconhecia como tal. Não será outra a razão pela qual, nos inventários, o bandeirante estabelece, sempre, a distinção entre uns e outros, dizendo: "declaro que tenho em meu serviço tantas ou tantas peças do 'gentio da terra' e mais uma negra do 'gentio de Guiné'" (6). Bastasse a palavra "negro" para designar o índio e não haveria necessidade dessa

distinção entre os negros do "gentio da terra" e os negros do "gentio de Guiné"...

INDÚSTRIA DOS ERROS REUNIDOS

Para evitar qualquer dúvida, entretanto, devo prevenir o leitor de que só inclui neste estudo o negro africano. Vali-me unicamente das investigações que fiz sobre o tapanhuno. Tive mesmo o cuidado de por à margem todo documento onde houvesse apenas a palavra "negro", sem designação de sua procedência.

Agora, a pergunta — o negro tomou parte no bandeirismo?

Na primeira edição da "Marcha para o Oeste" concluí pela afirmativa. E o fiz à luz de avultada documentação, refutando a opinião contrária de alguns escassos historiadores, entre os quais meu amigo Alfredo Ellis, para quem o tapanhuno "quase" não tomou parte. Naturalmente stardido pela prova que apresentei, e não querendo dar o braço a torcer, o brilhante autor de "Troncos paulistas" resolveu tirar o caso a limpo. E escreveu-me uma carta que é "quase" uma confissão do erro cometido. dizem: "você cita alguns casos em que a minha opinião é impossível. Estou de pleno acordo, mas são casos reveladores do número apoucado de negros africanos". Logo depois, publicava o distinto historiador, na Revista do Dep. Estadual de Estatística, um longo artigo para reafirmar a teimosia de que o africano esteve "quase" ausente do bandeirismo, porque: (agora vem ele com esta explicação):

"Só no setecentismo, findo o período da caça ao índio, quando os vicinianos mineravam o ouro nas Gerais, em Goiás ou em Mato Grosso, o preto teve um certo aumento e a sua importância foi avultada. Então — acrescenta, incomensurável — não era mais o bandeirante, que só teve vigência até 1710".

Há bastante tempo não encontro, num só argumento, tamanha indústria de erros reunidos. 1) Um "certo aumento" (como que reconhecido por favor) não só está em contradição com as suas próprias palavras — a sua importância foi avultada — como também, e principalmente, com a grande verdade histórica, pois o que houve foram levas e mais levas de africanos que marchavam nas bandeiras matogrossenses. 2) Na ânsia de excluir o africano da bandeira, chega ele a excluir do fenómeno bandeirante os capítulos referentes à conquista do ouro, ou seja, à conquista de Goiás e Mato Grosso. Pela sua lógica, Anhangüera e Pascoal Moreira deixam de ser bandeirantes por terem realizado as suas proezas depois de 1710. 3) Posse a bandeira sinónimo de caça ao índio e os espanhóis teriam sido mais bandeirantes que nós.

OS METAIS PRECIOSOS E O BANDEIRISMO

Quando mais capasses índios mais bandeirantes teriam sido. O fenómeno estaria na razão direta da técnica de caçar. Ora, a caça ao índio corresponde apenas ao "bandeirismo por mandato"; isto é, ao bandeirismo que se exercia em nome do agricultor. Na melhor das hipóteses, será um dos capítulos do expansionismo; não será, entretanto, o seu principal capítulo. Embora condicionado a outros factores étnico-culturais, o objectivo mais característico do fenómeno é justamente o do ouro e das pedras preciosas. Pois não são, desde o primeiro momento, os mitos do ouro e das riquezas fabulosas que levam ao sério bruto as mais atrevidas bandeiras? Quando o colonizador veio, já veio pensando em tais riquezas. Tanto assim que Martim Afonso se "localiza na costa do ouro e

da prata". Mais do que isso: a primeira entrada, que Martim Afonso realizou foi baseada na informação que lhe garantiu existir, nos cafundós da serra, um tesouro tão mirífico que lhe daria "quatrocentos carregueiros" de metal falcante. O maior caçador de bugre, Raposo Tavares, só se realia p-namente como bandeirante — no sentido legítimo desta palavra — quando deixa de ser um mandatário do agricultor para emprender a jornada do ouro. Fosse o bandeirismo apenas sinónimo de caça ao bugre e Fernão Dias Pais não teria sido bandeirante na sua "formidável jornada esmeraldina dos oito anos". A "itaberabocu" nada tem que ver com caça ao bugre, e, no entanto, é o objectivo de numerosas e trepidantes expedições sertanistas. O ouro da fábula é o primeiro objectivo da bandeira e tão característico, tão persistente que a Serra Dourada sobrevive em pleno século XX. É o primeiro — preexiste ao próprio fenómeno — e será o último a desaparecer. O verdadeiro bandeirismo também não começa pela caça ao bugre; ao contrário, começa pelo "concurso indígena", uma vez que "o costume de bandeirar já era índio". O tipo social do bandeirante, escomado de quaisquer confusões com o "predor" com o "chefe de milícia rural" ou mesmo com o "bandeirante por mandato" só se realia, na sua plenitude, com a participação étnico-cultural do tupi ao lado do branco, ou mesclado com o branco, principalmente espanhol. É o mameluco, resultante do cruzamento do índio com o branco, (ou seja, do "homem primitivos migratorius" com o branco), que caracteriza o fenómeno cujo objectivo constante e característico é o ouro da fábula e não a caça ao bugre.

E como nos vem dizer Alfredo Ellis que a procura de metais preciosos e das esmeraldas já pertence a outro ciclo por não ser mais o bandeirismo?

Isso é que se chama verdadeira "subversão da história".

A BANDEIRA, UM SÓ FENÓMENO SOCIAL

Mas outras rapas entram na bandeira e cada qual em seu momento próprio. O africano não poderia faltar, e não faltou, com o seu concurso — que chega a caracterizar uma das principais actividades do grupo bandeirante — a da mineração. Além disso, o fenómeno bandeirante, como tantas vezes procurei demonstrar, não se resume, do ponto de vista social, a esta ou àquela bandeira, mas compreende todas as bandeiras, inclusive as que se deslocam com os seus grandes séqüitos de africanos para a conquista de Goiás e de Mato Grosso.

Excluindo, como pretendeu Ellis, os capítulos goiano e matogrossense, nos quais o negro foi o principal elemento do bandeirismo, pensou ele que, assim procedendo, excluía o negro da bandeira e justificava a sua tese dótico-loura...

O AFRICANO, JÁ? NÓS SÓ? CULOS XVI E XVII

Dado, porém, que concordássemos com Ellis quando fixa tão suficientemente o ano de 1710 para encerrar o ciclo do bandeirismo, ainda o seu raciocínio estaria errado quanto à presença do negro na bandeira.

Embora em menor escala que o índio, o africano está presente à penetração histórica desde os séculos XVI e XVII.

Já não quero aludir aos africanos que figuram em muitos róis de inventários bandeirantes, quinhenistas e seiscentistas. Afonso Sardinha, por exemplo, dispunha de numerosa escravaria africana. Fernando Raposo Tavares ostentava uma galeria completa de tapanhu-

nos. Jusepe Camargo e Fernando Camargo, o dos "patos", não ficavam atrás em assunto de preto... Em tal caso me bastaria invocar um argumento, que é hoje ponto pacífico em bandeirologia, e que viria a propósito: cada bandeira nada mais era que um prolongamento do planalto. Se havia negro no planalto, havia negro na bandeira. Quantas vezes ocorre o facto de ficar "a vila deserta por os moradores terem ido ao sertão"? Não teriam os negros, evidentemente (como frizel em minha "Marcha para o Oeste") feito excepção a essa regra, ficando em casa quando, francamente, a lógica está gritando e dizendo que os pretos, existentes no planalto, é eram tantos que davam o que fazer aos maiores da governança? Jam todos na tropa. Não podiam ficar cocando canários ou descansando pela sorte de seus amos.

OS INVENTÁRIOS E... A LÓGICA

E a lógica — não a pseudo-lógica das ideias cegas mas a lógica dos factos — encontraria a sua glorificação nos documentos mais expressivos do bandeirismo. A leitura de qualquer inventário do seiscentismo nos denuncia esta verdade. Os "tapanhunos" de Manoel Fonseca, Osório, por exemplo; linnham seguido para Taubaté e Mogi. (7) Os de Maria Leite da Silva (8) e que lhe foram dados pelo cap. Fernão Dias Pais, haviam saído a sertanejar com e'a própria. Os de Matias Rodrigues da Silva (9) tinham ido para as minas em poder de Alberto da Cunha ou Catarina da Cunha. (10). E os de Bartolomeu Bueno Caçanda? E os de Estevão Ribeiro Baião? Não teriam, "isso fato", acompanhados os seus senhores nas correrias do século?

Faço tais perguntas só pelo prazer de argumentar, pois não preciso delas para demonstrar a presença do africano na bandeira. Os documentos, com que a História entope todas as teimosias, dispensam tais perguntas. Quero que o meu prezado Alfredo Ellis conteste, não a mim, mas as atas do bandeirismo existentes no Arquivo de São Paulo ou no documentário de Sevilha...

"CESSA TUDO O QUE ALFREDO ELIS CANTA..."

Em 1590, os africanos de Afonso Sardinha tomam parte nas suas bandeiras, disse eu. Pois não possuía o famoso bandeirante "um navio de carreira" destinado à importação de africanos?

Em 1606, os moradores do planalto estão à espera de um milhar de africanos a que o documento da época alude expressamente: "vossa Magestade nos tem feito mercê de querer ajudar-nos com mil negros de Guiné, para os pagarmos pelo tempo de três anos". (11).

A 17 de fevereiro de 1629 diz o procurador do conselho da câmara:

"... e pelo procurador foi dito que se pusesse cõbro sobre os mercadores que estão nesta vila para que não tratem com os negros, assim da terra como tapanhunos, porquanto é ocasião de andarem eles no sertão". (12).

Que significam tapanhunos que estão no sertão senão africanos que se encontram bandeirando? Pois, no dizer do próprio Ellis (como no de todos os historiadores) tapanhunos não são justamente os africanos, ou os "negros do gentio de Guiné"? Bastaria esse documento para liquidar a questão de saber se, já nos fins do século XVI, ou começo do XVII, tomava o africano parte nas marchas sertanistas. Diante de prova tão robusta cessam todas as hipóteses em contrário. Mas há outros papéis que comprovam

as palavras do procurador da câmara e de modo irrefutável. Refiro-me aos documentos do Arquivo de Sevilha e nos quais se encontram, a todo momento, alvões directos nos pretos que tomaram parte nas bandeiras de ataque às reduções jesuíticas do Itaipu, do Guairá e do Tape. "Que fazer — pergunta Miguel Diaz em carta ao tenente de Vila Rica (1648) sem armas e sem munição (13) — contra tan grande pujança como trae el enemigo que hasta negros trae? Preste-se ainda atenção a esta frase: "que até negros trae". A adoração que ela traduz (e que Alfredo Ellis não percebeu) só poderia referir-se ao africano e não ao índio, que era muito familiar ao espanhol e que, portanto, nenhuma admiração lhe causaria pelo facto de figurar numa expedição portuguesa ou planaltina. Aliás (não há coisa melhor do que os tais documentos) nos papéis espanhóis a denominação de "negro" não se aplica, pelo menos no caso em apreço, ao índio e sim ao africano mesmo. E' o que se verifica em outro documento espanhol de 1651, no qual se encontram referências muito curiosas e insistentes ao testamento de um certo Rodriguez (que depois numa investigação) a quem se pergunta "si conocia un mulato que era tuerto de un ojo" dos que atacaram as reduções jesuíticas do Paraguai. Esse mulato, mesmo preso, responde que os moradores de S. Paulo haviam de chegar com setecentos homens e arrazar as reduções. Por que? Porque prelavam de índios "por la grande falta que hoy tienen de negros" que lhes vinham "do reino de Angola". Como se vê, o mulato "tuerto de un ojo" se alude à falta de negros como determinante, nessa ocasião, do péga aos índios das reduções jesuíticas, confirma, ao mesmo tempo, a existência dos africanos vindos de Angola em directura para o planalto. Não se poderia fugir a conclusão, a não ser que se queira negar o próprio documento.

UMA BANDEIRA SO' DE AFRICANOS E DE TUPIS

E por falar em "mulato tuerto de un ojo"... quem era esse mestiço?

Faço a pergunta com segunda intenção porque a resposta nos irá esclarecer que tal "mulato tuerto de un ojo" poderá ter sido aquele chefe de bandeira a quem o padre João Alvares confiava o comando de sua tropa constituída por africanos e tupis.

Mas, então, houve alguma bandeira constituída só de tupis e africanos? estou prelavando esta objecção. Não haverá, porém, nenhuma razão para espanto quando se souber, pela palavra de Taunay, que o famigerado padre João Alvares, na primeira metade do século XVII, organizou "uma bandeira exclusiva de tupis e tapanhunos". Dela — esclarece Taunay — "não fazia parte um só branco". (14). Realmente, a constituição das entradas paulistas (vou aqui transcrever, uma a uma, as palavras do sábio historiador) nos mostra "a coexistência frequente (veja-se bem: a coexistência frequente) nas mesmas mesnadas, de índios e tapanhunos recém-vindos do alem Atlântico, sobretudo — acrescenta — depois de passadas as primeiras décadas da colonização".

OUTRAS PROVAS IRREFUTÁVEIS

Poderia eu lembrar ainda que Fernão Dias Pais é quem leva os primeiros africanos para as Gerais — antes que o tivessem feito os criadores de gado pelo norte, via S. Francisco. (15) Ainda: Pascoal Leite Pais — outro bandeirante da mesma entrepe — foi quem levou o africano ao extremo sul. Quando brigavam bandeirantes com

BANDEIRISMO? Cassiano Ricardo (Da Academia Brasileira)

espanhóis, ao assaltarem estes o acampamento de Casapaguassú, que "acontece? Cáem prisioneiros "dezesete paulistas, entre os quais um negro africano" (16). Nem faltou um pormenor pitoresco para completar a presença do africano na composição étnico-cultural da sociedade bandeirante. E o caso dos numerosos casamentos, promovidos astuciosamente pelos calções de couro, de índios das aldeias com "negros importados da África os seus descendentes, igualmente escravizados", (17) O expediente chegou a impressionar tanto que não tardou uma ordem régia, datada de fins do século XVII, tentando colir o abuso. E como falar em "apocados número de africanos" quando a presença deles é tão avultada que dá margem a uma ocorrência de tal natureza?

A BANDEIRA E O SEU MOMENTO AFRICANO

Termina o século XVII com essa nota econômico-lírica e já então, ninguém ousará dizer que o africano estaria quase ausente do plano da bandeira. Ao contrário, descobrem-se as minas e o bandeirismo inaugura o seu momento africano. Todos os negros do litoral fogem para as minas, em "rebunhos trágicos". Vem a luta contra os emboabas e aí está o negro, tomando parte nas primeiras refregas.

Que o digam os africanos do Arraial Velho... Parece, mesmo, que a primeira vitória contra os emboabas foi, em grande parte, conquistada pelos tapaiúnes que os levaram, a ebuço e areabux, até o "mato dos emboabas". Um estudioso dessa luta (e dos mais honestos pesquisadores de documentos que com ela se relacionam, diz: lutando com os paulistas, auxiliando-os nos combates, levando-os muitas vez a vitória, aí estavam os africanos".

O NEGRO NA MINERAÇÃO

Como conciliar agora o impeto da arrancada com a tendência sedentária do negro?

E' o que me parece explicado pela linguagem dos documentos oficiais. Enquanto movimento, a bandeira é indígena; quando acampada para o trabalho dos pousos e das roças para abastecimento da tropa, é africana. Quando chega a época da mineração, isto é, quando os mitos do ouro se desencantam na realidade das minas ou do ouro de lavagem, a bandeira "substitui o braço indígena pelo africano". Nem se pode separar a bandeira do seu objetivo constante e característico. Se o objetivo da bandeira é o ouro, o minerador continua sendo bandeirante. Será um bandeirante que encontrou o seu objetivo e que, muitas vezes, arma de novo a sua tropa para sair à procura de outras lavras auríferas, e ir bandeirar em outras regiões mais propícias; mas não deixará de realizar o tipo social do explorador. O bandeirante só deixa de ser quando se fixa na propriedade imobiliária e latifundiária, perdendo o espírito de aventura e desligando-se, culturalmente, das causas e fins que o levaram a bandeirar. O homem fixado limitou o seu horizonte, dentro de sua economia satisfeita; não é mais bandeirante. E' o que aconteceu com os que fundaram as suas enormes fazendas de criação no vale de S. Francisco. Enquanto, porém, a sua atividade desbravadora ou mineradora não cessa, ele continua sendo o que é, social e historicamente. Bandeirante por mandato, quando serve ao interesse do agricultor; bandeirante na pureza do seu ofício quando sai

à conquista dos metais ou serras resplandecentes.

O NEGRO NA MARCHA PARA O OESTE

Os que conquistaram Mato Grosso e Goiás são, portanto, tipos autênticos de bandeirantes.

Como eles rimam bem os africanos, que culminam na marcha para o Oeste, tomando parte na luta contra os palaiques terríveis. Ou porque já houvesse negro em abundância, ou simplesmente porque o clima da região "só admitisse o negro para conquistar-la", o certo é que as bandeiras matogrossenses levaram centenas e mais centenas de africanos, na sua arrancada para o coração do continente.

EXCLUSÃO ODIOSA

O recuro de que se serviu Alfredo Ellis para excluir o africano da bandeira não está à altura de sua responsabilidade de historiador.

Não podendo negar a numerosíssima contribuição africana nas conquistas máximas do bandeirismo, ocorridas depois de 1710, que fez ele? Excluiu os capitães de Mato Grosso e Goiás do bandeirismo e gritou: está tudo resolvido. O recuro, lá disparado que importaria na exclusão de Pascoal Moreira e Anhanguera dos nossos feitos bandeirantes, não podia, entretanto, dar o efeito pretendido — pois a contribuição do negro data dos primeiros momentos do bandeirismo e vem se avolumando, cada vez mais pelos séculos XVI e XVII.

AINDA A BANDEIRA APRO-AMERINDIA

Pois é verdade. E quando a presença do preto não constasse do qualquer documento espanhol, ou quando Afonso Sardinha não se houvesse dado ao luxo de, lá no século XVI, impertinar prutos da Angola, para o seu bandeirismo, bastaria aquele caso singularíssimo da bandeira constituída só de africanos e tupis, no início do século XVII para dar aos africanos um relevo espantoso na história das bandeiras. Pouco importa saber qual a crônica do padre João Alvares, o autor da famosa entrada afro-ameríndia. Dizem certos jesuítas espanhóis, como Mancilla e Manzeta, que o vigário de S. Miguel, era isto, era aquilo e mais aquilo, terminando a tremenda objurgatória com uma referência aos "bandoleiros de San Pablo"; *tais sacerdotes, tais populos. O que é certo é a sua vocação para organizar uma bandeira "só de tupis e africanos, chefiada por mestiços: "el que va por capitán de la escuadra es de la casa del vicario de esta vila".*

"TUERTO DE UN OJO"

Pouco importa, também, que esse "capitán" tenha sido "tuerto de un ojo".

Muito mais, "tuerto de un ojo" é o historiador que quer negar a letra expressa dos documentos para satisfazer a caprichos pessoais...

(1) MATHAUX. "La civ. multi-raciale des tribus tupi-guaraní", pág. 77.
 (2) CALMON. "Hist. da Casa de Toró", n.º 34.
 (3) TAUNAY. "Hist. Geral das Band. Paulistas", I, 29.
 (4) Atac. IV, 16.
 (5) Reg. geral. VII, 189.
 (6) Invent. de Pero Dias Leite.
 (7) Invent. XXI, 96.
 (8) Idem. 418.
 (9) Idem. XXV, 258.
 (10) Idem. XXV, 281.
 (11) Relatório Geral. VII, 109.
 (12) Atac. IV, 16.
 (13) Anais do Museu Paulista, V (2ª parte), pág. 30; Arquivo de Sevilha, (separata do Tomo V, pág. 160; Idem, pág. 186 (com gran pajanga de índios, negros e mulattoes).
 (14) TAUNAY. "Hist. Geral das Bandeiras Paulistas", Tomo V, pág. 107.
 (15) SALOMAO DE VASCONCELOS. "A escravatura negra em Minas Gerais", in "Journal de Commerce", ed. de 20-11-928.
 (16) TAUNAY, obra cit., I, 184.
 (17) TAUNAY, Idem. IV, 90.

Frederica, Ulrica, Marília ERNESTO FERREIRA

Quando os biografos e os admiradores de Goethe conjun-dem as mulheres e as noças que ele amou, não lhes cabe a culpa, talvez, a eles. O culpado será, antes, o poeta por ter amado muito. Sylvio Romero, como se disse no último "Suplemento Literário", censurou a pobre Marília por não ter querido acompanhar Gonzaga em seu desterro africano, acrescentando que ela "já era da raça de Frederica, a divina amante de Goethe, e este era homem calculado e frio, e Gonzaga sinceramente apaixonado".

A que Frederica se reportará o sábio historiador? Quando Goethe amava Frederica Brion, a formosa filha do pastor protestante de Sessenheim, aldeia vizinha de Estraburgo, o poeta não era nem velho nem velhote. Era um estudante de prima, tão novo como a própria Frederica. Todos os dias e, por vezes, à noite ia, a cavalo, da cidade universitária até a pequenina aldeia para visitar-se com sua bem-amada naquela granja, hoje célebre e cuidadosamente restaurada. Foi ele quem a abandonou em dias que ele mesmo chama "penosos e cuja lembrança se lhe apagou".

Os Brions, aliás, emigraram para a América do Norte. Entre a família, que ainda existe, hoje de nacionalidade americana, conservou-se o hábito pio de batizar com o nome de Frederica a filha mais velha.

Viajara eu, há alguns anos, da América do Norte para a Europa quando encontrei Frederica Brion e o pai que atravessaram o Atlântico para ir em visita à velha pátria alemã.

Notos, como Marília e Dirceu, Frederica e o moço Wolfgang não o foram. Goethe, que muitas vezes amou e que, uma só vez, esposou a mulher que amava (Cristiana) outra vez esteve, também, notou porque, como diz, "estava destinado a conhecer, uma vez na vida, os sentimentos de notivo". A moça foi Lili, que ele cantou em tantos versos e de quem chega a dizer: "Em verdade foi ela a única que eu amei". A esse passo de sua autobiografia um de seus comentaristas alemães acrescentou, pedantemente, esta nota que muito fez rir: "Neste ponto Goethe se engana".

Cinquenta anos depois desse notivo desfeito, dez anos depois da morte de sua mulher, Goethe pediu em casamento uma moçoita que lhe repudiou a proposta, tal como Maria Dorothea fez ao poeta mineiro. Goethe contava 74 anos quando em Marienbad, estação balnearia da Boêmia, conheceu Ulrica, jovem de 17 anos que ateuo nele tão violenta paixão que ele saia sempre, bruscamente, de casa se na rua ouria a sua voz ou o seu riso. Foi por intermédio de seu amigo, o Grão Duque de Weimar, que ele pediu a mão de Ulrica à mãe, de quem o petiçãoário pudera ter sido pai. Ulrica recusou-o. Se Marília se apavorou diante das condições medonhas de um clima impiedoso e de um viver miserável, Ulrica se amedrontou à vista das condições brilhantes estabelecidas por seu soberano em nome do maior gênio do seu tempo e do ministro todo poderoso. A diferença de idade que, no casal brasileiro, era de 27 anos, no caso weimariano era de 57.

Duvido, porém, que Sylvio Romero tenha razão ao opor a paixão de Gonzaga "à frieza calculada" de Goethe. O repúdio de sua amada atrou o poeta às raias do desespero e à beira de um abismo. Nos três poemas da "Elegia de Marienbad", em que Goethe vasou todo o seu amor, todas as suas esperanças, todas as decepções, há, provavelmente, paixão mais dolorosa que nas três partes das "Liras". Ulrica experimentou esse sentimento avassalante e seu "não" se explicou, talvez, pelo pavor em que a deixou o esbraseante ardor do septuagénario. Se Marília alcançou a idade de 84 anos, Ulrica morreu aos 90, sobrevivendo 80 anos ao seu extraordinário amante.

Nessa longa vida recusou todos os pedidos de casamento. Um amigo meu que a visitou em fins do século XIX encontrou o apartamento da velha dama cheio de lembranças de Goethe, de retratos seus com dedicatórias, um pequenino ramilhete murcho onde se lia em sua escrita de principiante: "Estas flores colheu-as em Marienbad Sua Excelência o Conselheiro Privado Goethe."

Quando comete o ouvir Marília, "esteile dame", interrogada sobre sua idade, responder espontaneamente: "Quando ele foi preso tinha eu 18 anos! Com as mesmas raízes de coração, a velha senhorinha de Lepelzow, se lhe houvessem feito a mesma pergunta indiscreta, pudera ter respondido: "Tinha eu 17 anos quando ele apostou comigo uma corrida nas alamedas de Marienbad".

Vamos embora, Maria!

As Fases-divisões de prédios-cimento-armado Estão tomando de assalto nossa Recife colonial, Abatendo por terra todas as tradições...

Triunfalmente elas avuçam, Disformes e taciturnas Povoando o cenário, Dê estranhas visões!

— Tomaram conta do Pátio do Paraíso
 — Refletem os vultos nas águas do rio
 — As ruas de São José
 Ameaçadas já estão...

Oh! a tragédia iminente dos Velhos templos monumentais, Espectacularmente cercados por elas, No meio das fraças públicas, Como ilustres prisioneiras de guerra Expostos à curiosidade das multidões!

— Vamos embora, Maria!
 Recife, setembro de 1941.

Ascenso Ferreira

A rua Raul de Leoni, em Petrópolis

(Continuação da página 305)
 Imaginação ao grande Castro Alves — o lapidário glorioso das "Espumas Flutuantes" e ao maravilhoso Olavo Bilac, autor miraculoso da "A Tarde".

Considerando que o seu nome já vantajosamente conhecia de dentro e fóra do Brasil, precisa de uma viva perpetuação em Petrópolis, a terra poética em que nascera, resolve:

Fica denominada a rua Raul de Leoni o trecho da rua 7 de Setembro, que vai da esquina da rua Tiradentes, lado par, até à rua Ipiranga.

Gabinete da Prefeitura Municipal de Petrópolis, 10 de Novembro de 1928. — (A) A. de Paula Baraque.

FALO DE DEUS E DO CIRCO

(Continuação da página 312)

Veja o que os cavalos que aumam, elefantes que adormecem em... de veludo, tigres que beijam as mãos do domador, cães que sabem multiplicar e dividir — tudo isto não é o impossível tornado possível, o sonho convertido em realidade? E, por aí não se podem fazer todas as combinações? Não se podem inventar girafas embotas e aranhas pianistas, tartarugas de bicicleta e ursoz patinadores? Uma coisa está contida na outra. Formam-se outros mundos. O heterogêneo se estrutura e produz alusões milagres.

E que mais perfeita noção de milagre que a do prestidigitador que tira um ovo do chapéu e o converte em ovo fraco, mete o ovo fraco no bolso e tira outra vez o ovo inteiro e tira a manga do casaco?

E veja os funâmbulos. Guente que se atira pelo espaço barulhando a gravidade. Quando a lei accorda, já estão do outro lado, balançando-se num trapézio. Então, a lei se tranqüiliza, e fecha os olhos. E o funâmbulo torna a voar para longe, inteiro, perfeito, todos os seus ossos, todos os seus músculos, todos os seus nervos obedientes ao sonho — liberados das contingências da matéria.

E as crianças, e os simples, e os poetas, acompanham sorrindo e espetáculo sobrenatural. Porque o sonho é o sal da vida. E vir pelo chão, isso é de todos os dias. Mas saltar no espaço sem assas, isso é o excepcional, o divino. E assim dançar no arame, e fazer como personagem de Karintly — v. deve ter lido — que, para conseguir tocar a aria pura do seu sonho, teve de aprender a perder-se nas convulsões e perigos de todas as acrobacias. Mas tocou-a. Escou-a no seu violino, — trapalhão numia estáca, equilibrada num cubo, pousado num andame de três cadeiras, armada num pé de mesa oscilante sobre uma escada! Ai se podem tocar doces melodias — disse-me Deus. E essa é uma das lições que o circo oferece aos habitantes da terra...

"Foi uma tragédia, o temporal no circo" — tornou a afirmar-me a voz humana.
 Mas eu ainda estava com meus ouvidos impregnados da voz divina. E o circo voalor jogava seus funâmbulos, seus cavalos, seus elefantes para todos os lados. E iam sendo criadas, no céu profundo, novas constelações...

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

Max Fleiças — Recordando...
— Casa de Perfil — Separata do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro — Imprensa Nacional — Rio — 1941.

O sr. Max Fleiças, secretário-geral do Instituto Histórico, tem escrito, publicandoo no "Journal do Comércio", numerosos artigos de evocação de casos e perfis de outros tempos. Recordando... o título geral que ele escolheu para esses trabalhos, onde encontramos tantas figuras que nos são familiares das letras nossas e do nosso jornalismo.

É uma coleção de algumas dezenas de lãs artísticas seleccionadas de lãs colaborações, e que agora nos dá, nestes volumes de lembranças a poucas páginas, publicação como separata do Instituto Histórico.

Quanto figura emblema da vida brasileira — um Marquês de Olinda, um Afonso Celso, um Valentim Magalhães, um Calógeras, um Caxias, um Ouro Preto — ali encontramos.

Os artigos de reminiscências do "Journal do Comércio", possivelmente, e, com o tempo, irão formar novos volumes, igualmente preciosos, pela informação abundante que contêm.

Antonio Gótti de Carvalho — "Estadística da República" — S. Paulo — 1940

É ainda do ano passado, mas agora nos chegou às mãos, este livro do sr. Antonio Gótti de Carvalho.

Esse escritor é um espírito sério, construtivo e que, no meio de uma literatura tanta vez irreverente e destruidora, a alguma coisa para.

Este volume da "Estadística da República" estuda David Cantalla, Carlos Peixoto, Gastão da Cunha e Calógeras, e faz estudos não ampliação de trabalhos anteriormente publicados pelo escritor.

O Brasil está vivendo um momento de verdadeira reconstrução e se as ideias dos estudos da primeira fase republicana levam a muitos nos censurarem, outras vezes houve pelo menos um acordo de opinião e alguns de todos os pontos. Isso é necessário por em destaque, não momento em que necessitamos a uma unidade em nossa organização nacional.

É, é bom, afinal de contas, a que procura fazer o sr. Gótti de Carvalho, neste livro, que se trata naturalmente segundo de outros, nos quais as figuras da nossa República têm ficado fixadas na luz dos merecer.

Sérgio Corrêa da Costa — As causas e efeitos de D. Pedro I — Distribuidora: Civilização Brasileira — Rio — 1941.

O sr. Sérgio Corrêa da Costa publica um livro estudado e documentado sobre o primeiro imperador da Brasil. O tema não poderia ser mais atualizado, e em grande parte foi ele que fez a esboço que alancou em todo o Brasil aquele saudoso e encantador, Paulo Retulid, a Viriato Corrêa, também o assunto Pedro I já fornece uma peça deleito.

E muitos outros dos nossos escritores tem tratado do mesmo assunto.

O livro ensaia da **Quatro Causas de D. Pedro I**, procura ater-se rigorosamente a história, e em fontes fidedignas que vai beber, para educar diante de nós a figura do aventureiro e galhardo príncipe que nos deu a Independência.

O escritor — diz-nos o ministro Oswaldo Aranha, em bela página em que prefacia o livro — é escritor jovem em si das honranças lustras, a de Raimundo Corrêa e a de Afonso Celso. Não se de admirar que, descendendo de honras tão eminentes, nas honras lustras, desde a sua infância, que agora se realiza, afirmasse-se como um intelectual de verdadeiro mérito.

Medeiros e Albuquerque — Prolegômenos — Coligidas e anotadas por Paulo de Medeiros e Albuquerque — Pungueti — Rio — 1941.

Está exposta, há algum tempo, nas vitrinas das livrarias, esta obra póstuma de Medeiros e Albuquerque. Foram coligidas e anotadas por Paulo Medeiros e Albuquerque, neto do escritor, esta Poemática, em que um dos maiores espíritos que já honraram o Brasil apresenta os seus pontos de vista, sempre novos e pitorescos sempre, acerca de todos os assuntos.

Medeiros e Albuquerque era uma enciclopédia viva, e conhece (conclui na pág. seguinte)

Olinda, cidade intelectual -- Gilberto Freyre

Durante toda a primeira metade do século XIX, Olinda foi um centro não só de ensino jurídico como de produção intelectual. Fabricou bacharelos que se tornaram grandes do Império e imprimiram livros — originais ou traduzidos do francês, do inglês e do espanhol pelos seus doutores — que tiveram influência sobre a política e a vida do Brasil inteiro, honrando ao mesmo tempo os começos da arte tipográfica no nosso país.

Em 1831 estabeleceu-se no então n. 22 da rua do Amparo uma oficina tipográfica — a de Pinheiro, Faria & Cia. — que por alguns anos publicou livros e folhetos e imprimiu periódicos. Da velha rua de Olinda muitos livros se espalharam por todo o Império; livros todos notáveis, na opinião de um entendido, "pelo seu aspecto artístico, beleza de composição e esmero de revisão, e todos hoje de extrema raridade". ("O esmero de revisão" é agora raríssimo no Brasil, talvez por terem os editores e as tipografias se instalado em cidades ruidosas, abandonando os burgozinhos quietos como Olinda).

Nessa tipografia da rua do Amparo — Jandira possejada e ilustrada que o brasileiro de hoje deve subtr bem devagar, lembrando-se de que ela foi um dos focos mais intensos da vida olindense na primeira metade do século passado — imprimiu-se em 1811 a obra do doutor de Salamanca, Ramon Salas, "Liceo de Direito Publico Constitucional", traduzida por D. G. I. D'Andrade. Na mesma casa imprimiram-se depois: "Elementos de Economia Politica", de Stuart Mill, "tradução do francês" — informa Alfredo de Carvalho — confrontada com o original inglês pelo dr. Pedro Aurian da Matta e Albuquerque e os então acadêmicos de Alvaro e Sérgio Teixeira de Macedo; o "Elogio da Loucura" de Erasmo, traduzido também pelo dr. Aurian; nova edição das "Cartas a Narciso", de Antonio Feliciano de Castilhos; uma tradução do "Microregas", de Voltaire; outra da novela inglesa de Anna Radcliffe, a "Caravana da Morte"; um compêndio de Grammatica Portuguesa; e a "Defesa" de Nicolau dos Santos Franca e Leite "em um processo de abuso de imprensa". Sem esquecermos a "Tactica das Assembleias Legislativas", obra extractada dos manuscritos de Mr. Jeronias Bentham por Mr. Et. Doumont de Genebra". Esse filósofo inglês, e particularmente, essa sua obra tiveram, como se sabe, uma influencia enorme sobre o espirito e a tecnica parlamentar dos politicos brasileiros do Império. Pois essa influencia partiu de Olinda; da velha tipografia a rua do Amparo.

Mas os livros que a casa da rua do Amparo imprimiu nos principios do século XIX e cuja venda, nas boticas da velha cidade e nas do Recife, juntamente com remédios e bichas, vem anunciada nas gazetas da época, não nos devem fazer esquecer os muitos livros velhos, cadernos e Mas preciosos que outras casas de Olinda — principalmente conventos — guardaram desde o primeiro século colonial; e entre os quais cresceram muitos meninos e rapazes de Pernambuco e de outras provincias que por sua vez se tornaram autores de obras de valor. Olinda foi nos tempos coloniais uma cidade de bibliotecas importantes, de livros raros, de bons mestres de latim, de bons estudos de humanidades. E isso se deve em grande parte aos seus frades e ao seu Seminário e antigo Colégio de Jesuitas.

É claro que no tocante a livros o jesuitas levaram de Olinda mais do que lhe trouxeram da Europa. Estando em Olinda, incorporados a Biblioteca Pública os livros — 5 000 volumes — da extinta Congregação de São Felipe de Nery da Madre de Deus do Recife, ao passar a Biblioteca para a Escola de Direito, o dr. Aurian, diretor interino da Escola, sob o pretexto de que os livros dos padres da Congregação "não eram obras de direito" vendeu-os todos por uma réles quantia aos terríveis inimigos daquelles padres, os jesuitas; os quais — diz o cronista Pereira da Costa "bem sabiam o bom negocio que tinham feito; e quando foram expulsos de Pernambuco em 1874, como insufladores da subversão da ordem publica, levaram consigo para a Europa todo aquele inestimavel tesouro". Como se explica que o dr. Pedro Aurian tivesse vendido aos padres da Companhia, por uma insignificancia, livros de valor que haviam sido da casa matriz de "uma congregação de padres illustres, distintos, que cultivavam as letras e as sciencias, defendiam conclusões publicas e tinham uma escola superior de noviçado?" E o que nos explica Pereira da Costa, que estudou o assunto com cuidado especial, no desempenho de uma comissão que lhe confiou o Governo da Provincia em 1886? É que aquele dr. Pedro Aurian era muito amigo dos padres da Companhia e assim, Jesuita de casaca, como no tempo de pronunciadissima animadversão e agitação popular contra eles eram chamados os seus limitados afeccionados.

O convento de São Francisco de Olinda reuniu nas estantes de madeira da sua biblioteca — estantes gordas e Bonitas, com colunas e corniças pintadas e douradas em torno de um altar, também muito enfeitado, sobre o qual existiu — informa o Pereira da Costa — uma imagem de São Boaventura — volumes preciosos. Mas vindo a faltar-lhes o cuidado de boa conservação, dispersaram-se ou estragaram-se. Hoje se encontram apenas sobejos da antiga grandiosa. O mesmo é certo da biblioteca do Mosteiro de S. Bento, que foi talvez a maior e a melhor de Olinda. Tollenare ainda alcançou-a imponente e cheia de livros bons. Possuia, também, "magnifico arquivo", que, segundo Pereira da Costa, "era por assim dizer a Torre do Tombo dos nossos tempos coloniais". O velho cronista lembra em notas. Mas sobre as bibliotecas dos conventos de Olinda que Borges da Fonseca e Fernandes Gama muito se utilizaram no arquivo da S. Bento, um para escrever a sua Nobiliarchia Pernambucana, o outro para compor suas Memórias Históricas da Provincia de Pernambuco; e, ainda, que a Câmara de Olinda "tendo perdido o seu Foral e outros documentos por ocasião da invasão holandesa e Inconfidência da cidade, depois da Restauração, os foi encontrar registrados no arquivo de S. Bento, salvos felizmente do incendio e saque praticados pelos invasores". Muitos outros documentos, "principalmente sobre heraldica e genealogia, eram copiados, autenticados e guardados no arquivo, onde facilmente podiam ser consultados; mas onde existe hoje esse precioso material da nossa historia?" Obicho deve ter sido muita coisa; a humanidades de ter estragado muito papel velho; mas não há dúvida de que houve descuido do governo em conservar livros e Mas tão valiosos, continuando o trabalho dos bons frades de S. Bento; os dos primeiros tempos coloniais. Tempo em que a paciência beneditina se unia nos monges do Saradouro de Olinda ao zelo pelas coisas e tradições luso-brasileiras, fazendo do arquivo do Mosteiro a "Torre de Tombo de Pernambuco". Ao turista não custará nada uma visita à velha biblioteca do Mosteiro dos Beneditinos onde também existiu tão opulento arquivo.

Foi um decreto de 7 de dezembro de 1830 que estabeleceu uma biblioteca pública em Olinda, depois incorporada, como já disse, à Escola de Direito. Absorvendo os livros que tinham sido dos padres de S. Felipe de Nery, a biblioteca pública chegou a ter a opulência das livrarias dos mosteiros, com seus livros em latim. Ao mesmo tempo, trouxe para a velha Olinda muito livro novo em francês e inglês.

Entre os livros floresceram em Olinda, não só nos primeiros

O POETA — José Lins do Rego

Um pobre homem triste, mal vestido, de cabelos grandes, que escrevia cartas pedindo dinheiro emprestado, que gostava de andar só, nascia há cem anos. Foi um poeta e deitara ter inspirado pena aos senhores prósperos da época, aos donos de fazenda, aos bachareis de muitas causas. Teria aborrido a muita moça, teria feito medo aos meninos, com o seu gesto patético de viver. Era Fagundes Varela, o poeta solitário, o mais solitário dos nossos poetas. Em seu tempo, a poesia brasileira atingira às montanhas de Castro Alves e Gonçalves Dias. Varela era no entanto o mais poeta de todos, porque, sem a riqueza verbal, sem o gênio de apostolo, de um e a sabedoria do outro, foi mais ao fundo da humanidade, cavou mais na alma dos homens. Os outros tiveram mais a consagração ao alcance da mão. Castro Alves viveu como um Deus, para a juventude do seu tempo. Nunca um homem de letras, no Brasil, foi mais aclamado, mais querido, mais adulado pelas multidões.

Gonçalves Dias era um sábio, cobria as suas dores de mestiço enamorado das brancas, com a ciência, as investigações etnográficas e teve viagens à Europa, o reconhecimento das grandes do seu tempo. O imperador, com pena da lapela de sua casaca via de condecorações, mandou-lhe um "erachá". E foi julgado em vida, com mistura de sério dia, com sessão solene no Instituto Histórico, com a critica unânime. E quando morreu, morreu dramaticamente num naufrágio, enchendo a pátria inteira com o seu nome. O cantor das palmeiras teve estatuas, teve amigos e sentiu, como Castro Alves, o calor da glória.

O próprio Casimiro de Alencar foi mais venturoso que Varela. Morreu adolescente, na triste cidade da Barra de São João. E lá se enterrou, em cemitério que é como um de seus poemas, em cima de uma escarpa, à entrada da barra, com a brisa do mar e as borboletas azuis.

Varela é o poeta solitário, o poeta sozinho, das histórias sinistras, das evasões. Poeta que sofreu, que cantava porque sofria. E viveu esquecido, sem o amor das mulheres, sem o cuidado do imperador, sem o calor das multidões, sem o timbre de Casimiro de Alencar.

Alvares de Azevedo deixava as gerações o toque de um gênio malogrado, mas um gênio que se admiraria sempre, que se comentaria. Não será nunca um esquecido.

Fagundes era o que não tinha "it" para a glória. Vivu

aterrorizado; e, para a sua desgraça, o seu mundo era o mundo do terrível, o mundo interior, apesar de ter sido ele o cantor das selvas. Não sera por acaso Varela um daqueles poetas acaudalados de Verlaine? Muito tinha ele da solidão desses poetas que, como Gerard de Nerval, buscavam o destino e que terminavam sempre tragados pelo destino. Tipos reais de tragedia grega é o que eles são.

Poeta que cantou as nossas matas, era um asceta. Não era um pagão e nem um líbrico como Bilac. A natureza tropical para ele era mais do que um lugar de refúgio, era como uma espécie de deserto para os anacoretas. Varela fugia para as florestas, perseguido por seu destino. Ele sempre quis fugir de qualquer coisa. E sempre se sentiu o homem que os outros homens não toleravam. Tinha gênio e o seu gênio se consumia na dor, no esforço de viver. Nerval refugiara-se na loucura, andara sempre beirando os abismos e acabou se matando, como se cometesse uma vingança sinistra contra o mundo.

O poeta Varela se evadira também da morte. Ele queria viver. Os homens o atormentavam, mas ele queria viver. Daí, esse seu esforço para cantar as matas, os bosques, cantar o naufrágio. E por isso que a sua poesia é a maior sôfria da poesia romântica.

Os românticos queriam morrer, mas morrer com a glória chorando à beira do seu caixão, morrer com os discursos, e as lagrimas das mulheres amadas. Varela não queria morrer. Ao contrário, queria viver, por que, quanto mais vivia, mais se sentia ele mesmo, mais sofria em frente da vida. E o mais romântico dos nossos poetas.

Os psico-analistas teriam no seu caso muito o que descobrir. O caso Varela é um manual para os psicólogos e os analistas. Tudo isto é muito bom, quando um século se passou sobre uma vida. Mas muito triste e muito pungente, para o desgraçado Varela, o poeta que viveu "o caso Varela".

Em tudo isto sempre sentimos um consolo: o poeta vive, a sua poesia latija de seiva, a sua dor tecundou o mundo.

O desesperado Varela, o pobre rapaz de cabelos grandes, de roupas velhas, de olhar de louco, o solitário, o triste, o vagabundo, cem anos depois é mais vivo, é grande. Os homens das fazendas, os grandes bachareis de sua cidade, os que se riam de suas esquisitices, estes estão bem mortos, bem reduzidos a cinzas.

O poeta é que sobrevive.

tempos do Império como durante a era colonial, eruditos que se fizeram famosos pelo seu saber. Até mesmo moças e senhoras, como Dona Rita Joana de Souza, que foi não só literata como pintora e mestra de meninas; Dona Anna Francisca Xavier — de quem diz Dom Domingos de Loureiro Couto que deixou trabalhos literários — alguns em latim, e que falava "com suma facilidade", latim, espanhol e francês; Maria de Lacerda, que deixou fama de gênio; Dona Isabel de Barros, senhora de muita queda para os estudos científicos; Dona Antonia Cosme dos Santos, dada a estudos de filosofia e história; Dona Laura Soares Gondim, muito versada em história, sobretudo a sagrada e a de Portugal.

Deve-se destacar que foi em Olinda que Bento Teixeira Pinto compôs sua Prosopopeia — o primeiro poema que se escreveu no Brasil e no qual se sente o homem sempre em contacto com os livros de que parece ter sido o autor; evidentemente o mesmo Bento Teixeira, cristão-novo das denúncias do Santo Ofício, como me aventurei a sugerir em trabalho publicado em 1938.

(Continua na página 220)

"PAIZES INEXISTENTES" — João Alfonsus

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

(Conclusão da pag. anterior)

cia, mais ou menos bem, todos os assuntos: Como o velho poeta, ele poderia dizer que era humano, e que nada, que fosse humano, lhe era estranho. Aqui mesmo temos a prova disso. Flávio Medeiros e Albuquerque coligiu nove poemáticas, apresentando a parte de Medeiros e Albuquerque e a parte dos seus antagonistas. E todos os assuntos servem para tema. Com João do Rio, Medeiros discute a questão da criação da poetada Faculdade de Letras. Com Agostinho de Campos, o problema da língua brasileira. Com Souza da Silveira, o da ortografia da nossa língua. Com Gastão Peçanha, o dos livros. A terceira coleção de Nhamitú, Com o Poeta Ginton R. da Velha, debate o seu próprio ateísmo. Com Agenor de Buarque, a controversa versa sobre o Tribunal de Contas, de reaparecer à meditação e à personalidade de Lula Carlos Prestes. Com Heitor Lima, é a personalidade de Pedro II, etc.

E sua pena, singularmente leve, ágil e graciosa, sempre leva a melhor pelo menos no encanto da ironia e da melancolia, nos seus adversários.

Paulo Medeiros e Albuquerque que tem coligidos, para entregá-las ao editor, as obras completas do seu ilustre avô, fez uma coisa excelente, dando-nos, agora, esse saboroso livro de Poemas.

Podemos todos os herdeiros dos nossos escritores de verdadeiros méritos tomar o exemplo do jovem trabalhador, para não deixarem morrer obras tão dignas de reaparecer à meditação e à admiração dos leitores...

"Queres partir comigo para países distantes, para países que dormem, embalados por oceanos que ninguém conhece?"

Esses versos explicam o título da pequena e admirável coleção de poemas de Mucio Leão, em edição de 250 exemplares, fora do mercado, Rio de Janeiro, 1941. São os países que só os poetas sabem onde ficam ou a que só eles tentam chegar, por intermédio da poesia:

"E tu há-de repousar a cabeça no meu peito, Deslumbrada pelos meus países-inexistentes".

Mucio Leão é um espírito de uma extrema lucidez, auxiliado por um estilo de uma limpidez notável, vamos dizer logo — cristalino. Na sua prosa, sempre diz o que quer e como quer, por mais sutil que seja, nunca se tornando difuso ou obscuro, para se dar ares de sutil. Educou-se na escola anatoliana do culto da clareza, para abandonar depois, como todos num mundo mais áspere e afirmativo, a atitude anatoliana. Mesmo porque mestre Bergeret acabou carregando pelas ruas de Paris uma bandeira de reivindicações sociais. Mas ficou a clareza.

Ao ler os seus novos versos, não me surpreendeu que o Poeta deixasse de usar uma linguagem citrada para atingir a altura poética, para *saisir la réalité ineffable*, como fala Daniel Rops a respeito de Rimbaud. O Poeta descobriu o encanto de ficar no limiar do mistério, de passar mesmo além, de se embalar em palavras inefáveis, convites para entrar,

"..... nos jardins misteriosos, que estão além dos espaços e fora do tempo";

fixando-o:

"sentimento misterioso que no silêncio noturno vais levando a umba mão e vais pondo no meu cérebro ritmos vagos e estranhos"...

sentindo descer sobre si a poesia:

"..... a Poesia de inesperadas ressonâncias, a grande Poesia, que é uma exalação indefinível, que é um som infinito, vindo de outras esferas, que é a comunicação miraculosa de outros seres e de outras regiões".

A poesia, como companheira do mistério espiritual, está presente em todo o pequeno mas intenso livro. Assim, no pequeno poema *Cortejo em viagem à região de uma lenda*, onde estão

"as águas fecundas, as águas mansas, as águas eternas, as águas que estão pedindo viagens, partidas, perdições sem fim em terras também sem fim, e tudo com a sacrossanta promessa de um maravilhoso regresso, um dia.

A sua poesia não pode ser encarada como uma *Experiência*, naquele sentido da gratuidade gideana, ou da disponibilidade espiritual, para a qual, diga-se, ficarmos a princípio dispostos a orientar a sua apreciação numa nota crítica, mal aconselhados pelo aspecto inicial da carreira literária do autor. Já não se trata de nenhuma experimentação mais ou menos dilante, porque existiu sempre nele a seriedade com que encara a função literária, ontem cético por sinceridade, hoje acreditando em alguma coisa de sobrehumana beleza, não uma fé definitivamente religiosa, mas uma crença estética na salvação do homem pela poesia, o que já é algo de profundamente significativo. E, assim, os seus versos são uma clareira, e uma admirável clareira.

Poemas como *O Hóspede* (pag. 41) ainda marcam uma atitude de ironia anável, para consigo mesmo, ao que pude apreender, — dentro da transitoriedade dos seres que vivem o seu instante e desaparecem no não-ser, sem deixar marca nem rumo:

"O viajante chegou, e com certeza pouco se vai demorar.

Deem-lhe uma côdea de pão, deem-lhe uma taça de vinho, deem-lhe uma cama em que ele possa repousar dos cansaços da longa viagem.

Não se inquietem, não se irriteem com ele. A sua permanência é rápida, tão rápida! Amanhã, com os primeiros alvôres do sol, ele terá partido para sempre, oh! para sempre!"

Porém não é isso o que me interessa, senão a parte afirmativa, pela qual, talvez inconscientemente, a fuga atinge a "sacrossanta promessa de um maravilhoso regresso", como no poema já citado. Na *Advertência aos homens futuros*, que é último poema do livro, a ânsia de uma sobrevivência quando menos poética (não materialmente nos versos, mas em poesia esparsa e eterna), é uma nota de inexcédvel espiritualidade:

"Então, terei partido para decifrar todos os enigmas e assenhorar-me de todas as revelações. Meu ser, hoje esmagado pela incompreensão e pela ignorância, resplandecerá, tocado do divino conhecimento da Verdade, da Verdade sem tempo e isenta de categorias".

Oh! todos vós que heis de viver segundo a vida do espírito: prestai atenção aos sussurros tímidos das noites cheias de ressonâncias, pois serei eu que nelas virei dizer-vos grandes palavras serenas".

E o mais expressivo será, nessa diretriz espiritual de esperança da verdade, o *Cântico de Aleluia*: — o poeta e a musa

... "penetraram no templo.

Lá dentro realizava-se uma cerimônia estranha e maravilhosa.

Sereno e triste, na dor de sua paixão, o Senhor agonizava, sob o peso da cruz.

De repente, os tempos humanos se precipitaram, as coisas todas cessaram de existir, e o poeta religioso e a religiosa Musa se viram arrebatados até ao sólio da eterna Luz, da Luz inextinguível.

Na intensidade cheia de prodígios, soava o cântico infinito:

— Aleluia! Aleluia! Aleluia!"

(Do Diário)

UMA NUVEM



Quem poderia pintar esta nuvem?
Só mesmo Domenico Teotocopuli
Mergulhando seu pincel no céu,
Ao sopro da demência equilibrada...

A nuvem de hoje trazia no seu bojo
O entrechoque violento de dois mundos
Trazia o dragão e a virgem
Trazia o precipitar das cachoeiras
E o levantar das colunas de púrpura.
Era o sinistro avanço da tempestade
E o pensamento marchando numa noite de insônia.

A nuvem louca e absurda se desfez,
Fiquei só, enrolado na outra nuvem, a eterna!

1941

MURILO MENDES

VOTOS AMOROSOS E ESTIMULOS ESPIRITUAIS - Clementino Fraga

(Da Academia Brasileira)

— O amor tem vários sentidos. Do im pessoal, simbólico, semidivino, ao amor carnal obsessivo e selvagem, permeiam infinitas cambiantes. Até as mulheres amam por vezes sem egoísmo e sem vaidade, amam por intuição superior e heroica: santificam o amor, como Heloisa e Joana D'Arc. Racine cantou em versos imortais a mulher moral, personificação da virtude e do dever, ao contrato de La Fontaine que, aos primeiros cláres de sua poesia, não reconheceu no sexo feminino as duas mais altas representações da doçura e do sentimento: a mulher mãe e irmã. No seu tempo, os estilos amorosos dividiam os homens em constantes e volúveis (parece que hoje o progresso da simplificação fez classe única...), e, principalmente os poetas, não hesitavam no partido a tomar. Humanista epicuriano por formação, La Fontaine foi discípulo de Rabelais e Bocaccio. Abandonava uma mulher, exatamente porque ela lhe agradava:

"Qu'elle n'accuse donc sa beauté d'impudence,
Ne moi d'être léger:
Je change, il est certain; mais c'est grande prudence
de savoir bien changer."

E confessa:

Que faire? Mon destin est tel qu'il faut que j'aime.
On m'a pourvu d'un cœur peu content de lui même.
Inquiet, et fecond en nouvelles amours;
Il aime à s'engager, mais non pas pour toujours". (1)

Enganado, como no caso de Madame Colletet, ele explicava a um amigo: "a inconstância compõe as coisas".

O curioso é que, pouco mais, completa transformação o tornara o mais sensível poeta do amor. Teve então famosas amizades mundanas, mantendo-se, pessoalmente, acima do amor. Não importunava as mulheres do alto estro que passou a frequentar. Aos 67 anos, porém, foi saltado por verdadeiro deslumbramento pela beleza em flor de Mlle. de Beauieu, de 15 anos apenas. O romance inspirou a Verger estes belos versos:

"Que vous vous trouviez enchanté
D'une beauté jeune et charmante,
L'aventure est peu surprenante.
Quel âge est à couvert des traits de la beauté?
Ulysse au beau parler, non moins vieux, non moins sage
Que vous pouvez létre aujourd'hui!
Ne se vit-il pas, malgré lui,
Arrêté par l'amour sur maint et maint rivage?"

Egoísta sublime, Chateaubriand viu sofrerem por sua causa Pauline de Beaumont, Delphine de Custine, Madame de Castellani, Madame Mamanelin, Nathalie de Noailles, depois Madame de Monchy, Madame de Vintimille, Madame de Laborde, Madame de Duras e já sexagenário Hortense Allart e Madame Recamier. Fascinada pela sua glória, talvez também pelo seu orgulho, as mulheres que o amaram, tiveram do grande mago do amor o consolo de se verem reconhecidas em seus belos livros. Destas, Madame de Beaumont chegou a ser sua colaboradora fiel e dedicada, durante o retiro em comum, em Savigny-Orge. Até a incombustível Madame Recamier não foi insensível aos encantos incendiários do autor do "Génie du Christianisme". Refere um biógrafo que Madame Bartholomé foi talvez a única mulher que viu Chateaubriand a seus pés. Ela dizia depois: "J'entendais ses vieux genoux qui craquaient..."

Assim o destino dos grandes amorosos.

Balzac, que recebeu cerca de doze mil cartas de admiradoras que se reconheciam em suas obras, levou a vida de um anacoreta, como disse Georges Sand: foi menos rabelaisiano, que beneditino. Não teve tempo de viver, como confessou certa vez.

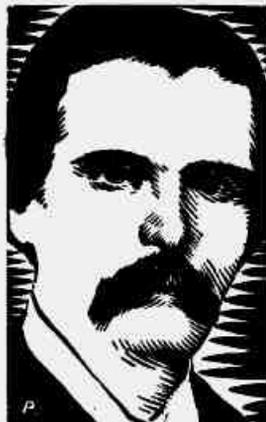
O amor de Balzac por Madame Hanska, longo tempo, único e fiel, teve desfecho serodio, quasi pre-agônico, depois dos cinquenta anos, parecendo que não foi correspondido em firmeza e intensidade. Menos de um ano após a morte do genial autor da "Comédia Humana", a Senhora Honoré de Balzac, aos 47 anos de idade, era amante efêmera de Champfleuri, e, abandonada por este, teve nova ligação com o pintor Jean Gigoux.

A existência de Balzac foi abreviada pelo trabalho e pelas preocupações de dinheiro. Lamentava-se mais tarde da vida que tanto o consumiu: "nem glória, nem a fortuna me restituem as graças da mocidade. E' mister qualquer coisa de superhumano para encontrar o amor depois dos quarenta anos".

Don Juan, o formoso mito de Tirso de Molina, pseudônimo de Frei Gabriel Telea, teólogo e poeta, deu em Portugal, importado da Espanha, segundo Fidelino de Figueiredo, um tipo empéthico e adorado. Erguido nos ritmos dos antigos canceloneiros e dos arcaicos lusitanos, o conceito do amor, asoberbado no lirismo canoneano, e depois com guia de trânsito pelo amor místico do século 17, toma o colorido passional do romantismo, aos estímulos da imaginação licenciosa e erótica, que faz o feticço literário de tantas obras primas. O tipo libertino de Don Juan transborda no amor físico, que vive do estímulo da sedução e cansa da conquista, requemado na incontinência do instinto. Na comédia de Mollère, Don Juan justifica: "les inclinations nées, après tout, ont des charmes inexplicables, et tout plaisir de l'amour est dans le changement". Um minuto de gozo e outros minutos neutras fontes de paroxismo amoroso.

A memória de Francisco Xavier de Oliveira, o famigerado Cavaleiro de Oliveira, da primeira metade do século 18, refere suas proezas fora de Portugal, de onde fugiu das labaredas da Inquisição, e sobreviveu a si mesmo num "longo e doloroso drama de pobreza sem resignação", e que lhe permitiu, talvez por isso mesmo, "entousar recordações poéticas, emoções e glossas literárias". Aos 59 anos confessava-se Oliveira dominado pelo amor, pelas suas contingências e mistérios, estancando no pressuposto "que o amor nos velhos é suetível de derivantes para as riquezas, as honrarias e as dignidades". E, como que a sussurrar: "só o amor tem o condão de não puppar ninguém, e cedo ou tarde, a alma mais cruel rende-lhe homenagem".

Estudando o donjuanism de Garret, traça Fidelino o quadro da plenitude criadora do reformador romântico em Portugal, a geito da inflexão amorosa, sobretudo interessante no idílio tar-



MANUEL ANTONIO DE ALMEIDA: o delicioso ramalhete das "Memórias de um sargento de Milícia". No dia 17 do corrente transcorreu a data do seu nascimento.



BARÃO DO RIO BRANCO. Fiquera sempre atual no Brasil, o nome do grande chanceler. Foi mais uma vez evocado no dia 17 do corrente, data do Tratado de Petrópolis.



FARIAS BRITO. Filósofo brasileiro cujo nome vai cada dia conquistando maior prestígio. O reconhecimento de um livro a seu respeito ("Farias Brito ou uma aventura do espírito", de Silvio Rabelo) está renovando as discussões em torno de suas idéias.



O SR. MARCONDES FILHO. Seu belo livro — "Vocações da Unidade" — está obtendo grande êxito em todos os meios brasileiros.



dio com a Viscondessa da Luz, que anima as páginas aiadas das "Folhas Caidas". O amor que foi em Garret colaborador fiel e permanente estímulo de sua personalidade espiritual, inspirou ao poeta esta confissão:

"Este inferno de amor — como eu amo!
Quem m'o pôs aqui n'alma... quem foi?
Esta chama que alenta e consume,
Que é vida — e que a vida destroe,
Como é que se veu a atear
Quando, ai, quando se há de ela apagar? (2)

Gonçalves Crespo nos dá em deliciosos versos portugueses, "Um número de intermezo", de Heinrich Heine:

"Ria, tomando chá em torno a mesa,
da sociedade a flor;
E no campo de estéticas opositas
Discutia-se o amor.

"O amor deve ser etéreo e puro",
O conselheiro diz.
Sorrindo, a conselheira um ai! Abafa
com gestos de infeliza.

Diz o Cónego: "o amor destroi, mas quando
sensual, já se vê".
A donzela pergunta ingenuamente:
"Reverendo por que?"

A Condessa murmura em voz dolente:
"O amor é uma paixão".
E lânguida uma chávena oferece
no páldio barão.

Era vago um lugar em torno a mesa
era o teu minha flor!
Tu, só tu, poderias, se o quiseses,
Dizer o que era amor!"

(1) JEAN GIRAUDOUX — Les cinq tentations de La Fontaine.

(2) F. FLOUQUEREDO — Últimas Aventuras.

MARINETTI — Rei de Lenzi

(Continuação da página 315)

mo a Suíça vive da indústria do Ar, para os enfermos do mundo inteiro, a Itália vive muito de sua antiguidade, fazendo a indústria do Passado, para os basbaques e sonhadores errantes... A Itália não é uma necrópolis da história... Mas... o Passado é a grande indústria italiana...

Olinda, cidade intelectual

(Continuação da página 318)

Idéia que vi depois confirmada por um mestre do valor de Rodolpho Garcia e por um erudito ilustre: Joaquim Ribeiro. Também foi Olinda um dos primeiros pontos do Brasil onde os jesuítas estabeleceram teatro, para representação de peças piedosas. Outros olindenses que em Olinda cresceram em saber e ilustração, — alguns não só entre os livros do convento como entre livros proibidos pela Inquisição: o franciscano Frei Paulo de Santa Catarina; o doutor João Velho Barreto; o carmelita Frei Manuel de Santa Catarina; o padre Bernardo Raimundo de Souza Bandeira — que se distinguiram como lente de retórica e geografia no Seminário; o conselheiro Joaquim Saldanha Maranhão; o conselheiro João Capistrano Bandeira de Melo; o doutor Ezequiel Franco de Sá, grande conhecedor de Geografia e de história. O conselheiro Saldanha Maranhão — magon eminente do tempo do Império — não foi só homem de ação, mas também publicista. E, em seu trabalho, revelou-se homem ilustrado. Pernambuco — e até certo ponto Olinda — deu ao Brasil seu maior magon do tempo do seu segundo Imperador; e também anti-magon, D. Vital, bispo.